

Memorial Professor Titular

Mirian Rose Brum de Paula
SIAPE 382118

Centro de Letras e Comunicação - UFPel
Pelotas
2022

❖ Mirian Rose Brum de Paula

SIAPE 382118

**Memorial apresentado ao Centro de Letras e
Comunicação da Universidade Federal de
Pelotas como requisito parcial à obtenção da
progressão para Professor Titular**

Pelotas
2022

No habrá nunca una puerta.¹



Agradeço e dedico a caminhada percorrida,
reportada neste Memorial, a grandes amores:

vó Dalila & vô Sady, vó Verginia & vô João
(meus avós maternos e paternos),

Maria & Sady,

(meus pais),

Sady,

(meu mano),

Maria & Rafael,

(meus sobrinhos),

Gilda

(minha mãe rio-grandina),

&

Giovana,

minha luz, meu *namour*, minha companheira.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
PARTE I - ENTRADA	7
1.1. <i>L'existence précède l'essence</i>	8
1.2. <i>Qui ne risque rien n'a rien</i>	19
1.3. <i>Ainsi est le monde: de long en large</i>	23
1.4. <i>Et c'est Paris je reviens</i>	36
1.5. <i>Un temps fait naître un autre temps</i>	42
1.6. <i>Pour voir une chose il faut la comprendre</i>	47
1.7. <i>Une heure n'est pas qu'une heure</i>	58
 PARTE II - MIOLO	67
2.1. <i>Le temps change toute chose</i>	68
2.1.1 Atividades de ensino e orientação	71
2.1.2. Produção intelectual	74
2.1.2.1 Livros, capítulos de livros, organização de livros, anais e cadernos de resumos, prefácio	76
2.1.2.2. Artigos, prefácio	88
2.1.3. Coordenação de cursos ou programas e funções administrativas outras	110
2.1.4. Liderança de grupos de pesquisa e organização de eventos e cursos	112
2.1.5. Participação em atividades editoriais, criação de jornal, periódicos e série	122
2.1.6. Coordenação de projetos de ensino, extensão e pesquisa	125
2.1.7. Premiações: projetos aprovados por agências de fomento	127
 PARTE III - SAÍDA	130
3.1 <i>Nuestro hermoso deber es imaginar que hay un laberinto y un hilo</i>	131
3.1 Notas	133
3.2 Links	136



INTRODUÇÃO

O texto deste memorial está dividido em três partes:

5

A **primeira** é mais autobiográfica. Nela, procurei, por meio da escrita, trazer à memória pessoas e fatos que, de alguma maneira, influenciaram minhas escolhas acadêmicas ou delas participaram. Trata-se de uma reconstrução com foco em fragmentos de vida, visando à criação de um fio condutor. A sua linha flexível, mas contínua, tenta alinhar, com palavras e entrelinhas, diferentes cenas de um trajeto caudaloso que afluí no magistério. A trama contém as orientações assumidas ao longo de uma formação e de uma trajetória particulares. Por essa razão, esse primeiro texto é uma espécie de visão retrospectiva de uma personagem onisciente: ilumina a infância, enquadra a adolescência, proporciona *planos abertos* do início da idade adulta. Após reportar o momento em que obtenho o diploma de Doutorado, insiro também informações sobre o meu pós-doutorado, realizado mais recentemente, em 2017. Esta primeira montagem finaliza, então, quando a minha formação doutoral e pós-doutoral chega ao seu termo.

A **segunda** parte é mais contida e objetiva. Mudo o tom. Nela, coloco em evidência e teço comentários menos lineares e mais breves sobre eventos julgados mais significativos, atividades desempenhadas, “finalidades e motivos pelos quais foram desenvolvidas” (Resolução nº 15 de 03 de junho de 2014). Sigo mais de perto, então, as normativas da UFPel para a apresentação das ações sugeridas para constarem nesse tipo de texto. Organizando esta parte desse modo, penso ter melhor apresentado as diferentes atividades desenvolvidas ao longo do meu percurso acadêmico-profissional.

O material selecionado está ordenado da seguinte maneira:

- (i) produção intelectual;
- (ii) coordenação de cursos ou programas e funções administrativas outras;

- (iii) liderança de grupos de pesquisa e organização de eventos e cursos;
- (iv) participação em atividades editoriais, criação de jornal, periódicos e série;
- (v) coordenação de projetos de ensino, extensão e pesquisa e
- (vi) premiações: projetos aprovados em agências de fomento.

Assim, sempre que considere necessário, retomei e novamente citei, nesta segunda parte, algumas atividades já presentes na primeira.

A **terceira** parte é breve, mas comporta outras informações, novas ou complementares às que foram selecionadas. Sem encontrar portas para abrir ou fechar, ensaiei um breve texto que pudesse encerrar a vida acadêmica narrada e, ao mesmo tempo, permitir a apreciação, por meio de um *link*, de listas de dados nus. Trata-se de uma passagem que leva ao universo da Plataforma Lattes. Assim, penso ter evitado o *efeito lista* no miolo do texto, deixando o leitor movimentar-se livremente entre as informações relativas a comissões, comitês, bancas, apresentações em eventos ou resumos publicados, por exemplo, que se encontram no Lattes. Esta parte também contém pequenos acréscimos em forma de notas e endereços eletrônicos.

Este memorial possui, enfim, diversas imagens com boa resolução. Logo, é possível ter acesso a elementos complementares aos reportados ampliando, essas áreas do texto. Inseri também uma série de *links* que visam ao acesso rápido a documentos e textos citados, o que pode também contribuir para uma melhor apreciação dos assuntos pautados.

Desejo a todos uma boa leitura. Agradeço, principalmente, às membras da banca. Todas as convidadas foram muito gentis em aceitar dela participar para compartilhar comigo mais este momento dentro da academia. Espero que a leitura seja leve e que a conversa seja prazerosa.



Parte I

ENTRADA

Vila Branca/Santiago - Porto Alegre - Santa Maria 1963-1988



Vó Dalila, meu irmão e eu

1.1. *L'existence précède l'essence*²

Quando eu era pequena, meus tios, João e Lígia, partiram para a França, onde moraram e estudaram durante um bom tempo. Ecos dessa grande viagem, efetuada em transatlântico, aportavam aos poucos no interior do Rio Grande do Sul, em Santiago, em cartas que custavam a chegar. O retorno do casal foi comemorado em encontros nos quais contava à família aventuras, a descoberta de um novo idioma e de um outro mundo. Perdeu-se no tempo o conteúdo dessas conversas, mas guardados estão o perfume das bagagens e a curiosidade em relação ao que dentro delas havia. *Souvenirs*, objetos de uso pessoal, compactos simples e instantâneos em preto e branco. Nesses últimos, meus tios apresentavam-se bem agasalhados, com blusões e casacos encorpados. Com música ao fundo, cada fotografia possuía o seu próprio enredo. Surgiam, então, pequenas cenas animadas e conversadas... que coabitavam com pungentes canções desconhecidas e incompreensíveis projetadas pelas faixas de vinis. As melodias ficaram na minha memória sem que eu pudesse escutá-las novamente nas rádios da época e sem que eu soubesse quem as entoavam. Era Jane Birkin e era Serge Gainsbourg, que eu só viria a descobrir mais tarde, quando morei na França.

Minha infância foi caseira. Em Santiago, morávamos numa casa com um pátio grande. Meus pais criavam galinhas, tínhamos árvores frutíferas e parreiral. Eu e meu irmão, Sady, passávamos o dia brincando na terra, subindo em árvores, inventando artes. Além disso, o meu avô paterno era pecuarista, o que contribuiu para que o ambiente rural estivesse sempre presente. Na casa dos avós, encontrávamos uma rotina que talvez não mais exista: no galpão, em torno ao fogo de chão, causos de assombração eram contados ao entardecer e trovas eram travadas pelos peões. Na sala, meu avô tocava gaita e minha avó ensaiava valsas. Muito cedo, na cozinha, recados e notícias locais chegavam pelas ruidosas ondas de rádio. *Atenção, dona Dalila, da Vila Branca, sua comadre pede que a esperem na porteira. Ela chegará no ônibus da tarde.* Poucos livros, muita rima e enredos orais! Convivíamos com trabalhadores sazonais que reencontrávamos na alternância das estações e que surgiam “do nada”, a cavalo. Apareciam em selas lustrosas, em cima de pelegos alvos e estufados. Além de transportarem expertise, eram mensageiros de assuntos diversos, comentados nas

propriedades adjacentes ou mais distantes. Enfim, o trabalho era uma labuta de poucas palavras, mas os momentos de recolhimento e entretenimento eram da acústica da fala.

Filha de militar, o início da minha alfabetização foi conturbada, porque mudava frequentemente de cidade, bairro, escola. A primeira metade do primeiro ano primário ocorreu em Santiago, no Colégio Medianeira, mas a segunda metade, em Porto Alegre, na Escola Estadual Professor Olintho de Oliveira. Na capital, a casa deu lugar ao apartamento, minha mãe voltou a estudar e a trabalhar, a nossa vida mudou. Cursei a primeira metade do terceiro ano primário ainda na Olintho de Oliveira, mas a segunda metade na Escola Estadual Euclides da Cunha, também em Porto Alegre. A primeira metade do quarto ano primário ocorreu na Euclides da Cunha e a segunda metade, na Escola Estadual de Ensino Fundamental João Belém, em Santa Maria. Somente depois da sexta série, continuei na mesma escola: o Colégio Estadual Manoel Ribas ou, como todos o denominavam, Maneco. É também em Santa Maria que minha mãe se formou: tornou-se advogada.

10

O ambiente escolar não me era agradável! Eu, de fato, não acreditaria se me dissessem que eu seria professora! Era de poucos amigos e gostava de ficar em casa. Assim, durante o tempo em que estudei no Maneco, sempre que era possível, não acordava na hora certa, chegava atrasada ou introduzia, no uniforme, algum elemento que induzisse o porteiro a recusar a minha entrada na escola. Nesse tempo, para que isso ocorresse, bastava vestir uma camisa ou meias que não fossem brancas; não usar a gravata da escola; usar uma calça ou saia que não fossem de tergal azul, um blusão, também azul, que não tivesse a letra M (de Manuel Ribas ou Maneco) costurada na sua parte da frente.

No Colégio Estadual Manoel Ribas, escola pública de Santa Maria, tive a primeira oportunidade de aprender a língua francesa, pois era possível optar entre o francês e o inglês. Porém, isso não ocorreu, pois, no começo do ano letivo, a sala de aula que me aguardava era a de língua inglesa. Meus pais, que pensavam em meu futuro, escolheram a língua considerada útil, já falada em todos os cantos do planeta. Acreditavam que seria necessária para a minha vida e para a minha educação. Assim, embora o francês fosse falado pelos meus tios, esse fato não influenciou essa escolha. Era a prova de que

“santo de casa não faz milagre”.

Raros *flashes* possuo de meus mestres: a professora de português, Maria Helena, habita um deles. Ela criou um banco de livros que proporcionou a descoberta da leitura para muitos de seus alunos. A escola possuía biblioteca, mas era vetusta, sombria e frequentemente fechada. Maria Helena, de posse de um catálogo de livros de bolso, convenceu os pais de seus alunos a escolherem e comprarem um dos livros da lista apresentada para doá-lo ao seu projeto. Os livros passavam a fazer parte de um pequeno acervo, transportado em uma maleta de couro. Nos últimos dez minutos de aula, os alunos podiam, então, ter acesso ao tesouro comum e escolher o livro que desejassem ler. Podíamos ficar uma ou duas semanas com cada livro e, em seguida, outro deveria ser escolhido. Pude ler, então, clássicos da literatura infanto-juvenil como, *O mágico de Oz*, *Quo Vadis*, *Ivanhoé* e *O Barão de Munchausen*, por exemplo, que não faziam parte dos livros trabalhados em sala de aula. Também impressionavam as aulas de religião da irmã Carla, pois era uma verdadeira contadora de histórias. Com a voz, sabia criar cenas, produzir sons agudos e graves, intercambiar entonações, contar eventos fabulosos e promover a expectativa. Assim, ainda que os temas religiosos não tenham sido por mim cultivados, o dia de sua disciplina levava a uma escolha adequada da cor de camisas e meias e do tecido da calça ou da saia a serem utilizados, pois suas aulas eram imperdíveis!

Em apartamentos, mudei hábitos: gostava de desenhar, colecionar selos, estabelecer correspondências (para a troca de selos), jogar xadrez com o meu pai, escrever histórias inventadas ou sobre o que no lar ocorria. É como se o mundo dos sons cedesse o seu lugar ao das letras. Muitas vezes, transformava o material produzido em jornal familiar, cujo único comprador e leitor era o meu pai. Assim, ao final do dia, quando chegava do quartel, a compra do diário interno era obrigatória. Ele era um homem leve, doce e nada controlador. Não comprava o jornal para saber o que fazíamos quando não estava em casa, mas para me agradar. Os centavos obtidos faziam com que a minha mesada semanal pudesse concorrer com a do meu irmão, que recebia um pouco mais, porque, segundo eu mesma, era menino e mais velho. Na verdade, a tal mesada servia para pagar o lanche da escola e para que pudessemos aprender a controlar esse tipo de despesa. Transformava-se em *merendinha*, massa folhada e pastéis.

Os livros passaram a ser objetos da casa por meio da minha mãe. Casou menina, cedo teve filhos e interrompeu seus estudos durante a nossa infância. Quando voltou a estudar, em Porto Alegre, também obteve o seu primeiro emprego: vendia, de porta em porta, enciclopédias e coleções de obras completas. As enciclopédias, espécie de internet da época, invadiu o nosso cotidiano. Meu irmão tornou-se um leitor apaixonado desse tipo de livro e eu o acompanhava... Fazia, sempre que podia, o que ele fazia e, com ele, descobria o além lar.

A relação distanciada com a escola parece ter sua origem no convívio pouco estável que com ela tive durante a minha alfabetização. Como mudávamos constantemente de endereço ou de cidade, não permanecia muito tempo em uma única instituição. Resultado: tínhamos poucos laços externos e uma vida restrita ao círculo familiar. Mas não tínhamos receio da mudança, da casa grande ou pequena, da mesa farta ou pouco abundante, das histórias sobrenaturais e das fronteiras invisíveis que separavam as nossas vidas do incrível universo das enciclopédias, dos transatlânticos ou das línguas incompreensíveis.

12

Na adolescência, tive um grande amigo que conheci na escola. Édson era o seu nome. Logo depois desse encontro, iniciou sua formação em filosofia na Universidade Federal de Santa Maria. Um ano depois, comecei a cursar Desenho e Plástica na mesma instituição. Eu gostava de desenhar, mas o curso não correspondia ao que eu procurava. Desejava algo ligado à publicidade, à ilustração, à criação de marcas e logotipos e o curso era destinado à formação do artista. Como gostávamos de ficar juntos, elegíamos assuntos ou autores para realizarmos leituras em voz alta. A letra e o som encontravam-se, enfim. Duas vezes por semana, reuníamos-nos para ler *Ulisses*, de James Joyce; *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, alguns textos de Sartre e outros sobre o cinema novo francês. Por meio dessa atividade, transportávamos para o Velho Mundo - Dublin e Paris - e descobríamos lugares e formas de pensar diferentes, diversos dos que conhecíamos no nosso tempo e espaço. Apreciávamos decifrar Joyce, adentrar cafés parisienses, conhecer amigos de Sartre e Beauvoir, entender o engajamento do casal... que encerrava uma espécie de filosofia vivida e literatura autobiográfica.

Como e por que o curso de Letras surgiu em minha vida? No *segundo grau*, iniciei a aprendizagem do inglês. Depois, redescobri a França e a língua francesa por meio de leituras efetuadas com Édson. Um dia, por acaso, folheando o jornal da cidade, deparei-me com um anúncio da Aliança Francesa (AF). Havia, pois, uma Aliança Francesa em Santa Maria! Anotei o endereço e procurei a instituição. Com a mesada da época, realizei a minha matrícula e pude, sem folgas, pagar a mensalidade do curso. Foi possível, então, aprender uma língua estrangeira com uma professora que falava o idioma, o que não era o caso na escola. Além disso, o número de alunos era bem mais reduzido e o método, com foco na oralidade, era uma novidade. Na escola, o ensino era centrado na leitura de pequenos textos, na realização de exercícios de gramática e na memorização de vocabulário. Na AF, Lucinha, minha professora de francês, aplicava o método *De Vive Voix*, que visava a língua oral. A descoberta da dinâmica da sala de aula por meio de um método audio-visual parece, hoje, surpreendente, já que cada encontro possuía uma sequência fixa: apresentação da situação a ser aprendida, explicação das cenas apresentadas, repetição de diálogos, sua memorização e retomada de estruturas que já tinham sido estocadas. Nesse tipo de abordagem, não era dada ao professor ou ao aprendiz muita liberdade. De fato, o método compreendia atividades mais técnicas e o professor desempenhava um papel importante, mas periférico: não podia, de modo algum, ocupar o centro da cena. Assim, após dois semestres de curso, ainda não conseguia falar muita coisa em francês. Reproduzia diálogos trocados entre Pierre e Mireille, personagens principais do método aplicado.

13



Attention
Mademoiselle!

Lição 1: Pierre e Mireille font
connaissance

Quando, em 1983, ingressei no curso de Letras, matriculei-me somente em Literatura e Latim, pois a intenção era finalizar o curso de Desenho

Plástica, iniciado em 1982. Tal projeto foi abandonado muito rapidamente. A aprendizagem do francês, na Aliança Francesa, e a formatura em Letras, após o terceiro semestre na UFSM, tornaram-se os meus principais projetos. Foi no início da idade adulta que a minha relação com o ensino e a aprendizagem guiada modificou. Passei, então, a apreciar professores, a sala de aula, as instituições de ensino que frequentava.

Tornei-me bibliotecária da AF. Fazia permanência e catalogava livros, mas não era uma atividade com carteira assinada. Tratava-se de uma troca em que eu organizava a biblioteca e podia continuar a minha aprendizagem da língua francesa sem custos. Os livros ficavam em uma peça a eles destinada. Nela, encontrei um empoeirado projetor de filmes. Assim, mais tarde, a promoção de encontros sobre o cinema francês, com debate e projeção de filmes em rolo - enviados pelo consulado de Porto Alegre - foi possível.

No primeiro semestre de 1985, ocorreu a minha primeira experiência em sala de aula e os meus primeiros passos em tarefas ligadas à administração, ambos na Aliança Francesa. Esses fatos influíram para que eu optasse pela *Habilitação Português-Francês com respectivas literaturas*. Tal opção ocorreu ao final do quarto semestre do curso. Nesse período, a AF passava, em Santa Maria, por uma crise financeira. Deixou de contar com a presença de gestores franceses - pagos pelo Ministério da Cultura da França - e com subsídios da UFSM, que apoiava financeiramente cursos particulares de línguas estrangeiras, desde que oferecessem bolsas de estudos para seus estudantes. A instituição passou, então, a ser administrada por pessoas da comunidade. A sua primeira diretora brasileira, Amanda Scherer, era uma professora de francês da rede pública, que iniciava a lecionar na UFSM. Amanda não era remunerada para assumir essa função, mas tinha uma relação afetiva com essa escola de idiomas. Ela apostou na formação de jovens professores de francês e na criação de um *Departamento cultural*, responsável pela organização de eventos e pela divulgação da AF. Tal formação incluía o emprego do método *Archipel*, que substituiu o *De Vive Voix*. Tratava-se de uma abordagem centrada nas necessidades comunicativas do aluno. É, pois, nesse contexto, que realizei essa formação, assumi minhas primeiras turmas de francês e comecei a fazer parte do tal *Departamento cultural* e da diretoria da AF. Pude, assim, integrar comissões que organizavam eventos endereçados à comunidade local.

Como mencionei, não imaginava que iria ser professora. Menos ainda, que seria professora universitária. Constato, com o tempo, que era como muitos alunos que tive e tenho nas Letras. De fato, muitos não expressam de modo claro as razões que os levaram à escolha do curso. Alguns dizem apreciar as línguas estrangeiras ou a literatura. Outros estão de passagem: desejam simplesmente “estar na universidade” e “aprender a escrever” para melhor enfrentar outra formação. Há também os que abandonam a universidade porque necessitam trabalhar. Ou, ainda, os que terminam o curso de Letras porque outra opção não houve. Enfim, há os que estão no Curso porque nele “se encontraram”. O Curso de Letras era e continua a ser pouco atraente para jovens brasileiros que entram no sistema universitário e eu não escapei à regra.

15 Nos dois anos seguintes, dediquei-me ao curso de Letras e ao ensino-aprendizagem do francês. A universidade era muito diferente da atual. Os computadores ainda não a habitavam, não havia projetor e a maior parte dos professores eram graduados ou mestres, principalmente. A tecnologia empregada reduzia-se aos livros, ao quadro negro, giz e mimeógrafo. Em todo o Centro de Artes e Letras, havia três professores doutores: Casanova, professor de Artes, Lígia Militz da Costa e Maria Luíza Remédios, professoras de Literatura. De modo geral, os professores ficavam completamente envolvidos em atividades de ensino. Bolsas de pesquisa também não existiam. A primeira do Centro foi minha. Devo ter sido também a primeira orientanda de iniciação científica da Prof^a Maria Luíza Remédios! A bolsa era destinada ao trabalho investigativo literário. A literatura foi importante para mim e eu imaginava uma pós-graduação nessa área. A minha pesquisa compreendia a literatura dramática e o foco do trabalho era Nelson Rodrigues. O trabalho não foi muito exitoso, comparado ao que, atualmente, pode ser efetuado por um bolsista de iniciação à pesquisa. O material bibliográfico era escasso, os eventos ocorriam quase sempre na própria UFSM e o período coincidiu com a intensão de minha orientadora de deixar a UFSM, o que, de fato, ocorreu.

Durante a graduação, duas jovens professoras do curso de Letras contaram muito para a minha formação: Amanda Scherer, professora de língua francesa, e Sílvia Paraense, professora de literatura. Amanda já havia morado

na França e acrescentava às aulas muitos ingredientes culturais ligados ao idioma francês, tornando os encontros mais instigantes. Sílvia motivou-me a apreciar a poesia, a crítica literária, a ser rigorosa e clara na redação dos trabalhos escritos que solicitava.

Enfim, durante a graduação, lecionei na Aliança Francesa. Além das aulas, organizei, com o grupo que lá trabalhava, diversas atividades que visavam a promoção da língua francesa e da própria AF. Tratavam-se, principalmente, de eventos culturais para o “grande público”, como, por exemplo, o *Quartier Latin* (que teve mais de uma versão). Durante esse evento, a rua da AF era fechada à circulação de automóveis para que as pessoas pudessem andar livremente entre profissionais de diferentes setores. Estes, montavam bancas para expor, vender objetos ou realizar atividades gratuitas. Assim, na rua, era possível cortar os cabelos, apreciar ou comprar objetos antigos ou pinturas de artistas locais, consultar cartomantes. O sobrado que abrigava a Aliança Francesa ficava aberto e, para a ocasião, transformava-se em *café-bistrot*. Além desse evento, organizamos atividades consagradas a um público mais restrito: as 1ª e 2ª *Semanas de Estudos Franceses*, o *Cinéma français* e o 1º *Encontro Linguístico*. Esses empreendimentos foram muito exitosos. Na época, a AF passou a ser mais procurada e as turmas estavam sempre cheias de alunos. Foi, então, na AF, que comecei a melhor compreender os rumos que poderia dar a minha vida. Desejava ser professora de língua francesa, desejava estudar na França, desejava ter uma boa competência em francês oral. Enfim, tinha planos, objetivos. Os estudos literários ficaram em segundo plano.

No final de 1987, publiquei meu primeiro artigo, o que, para mim, foi um acontecimento. Nele, descrevi um projeto intitulado *Clube de línguas*, desenvolvido em escolas da periferia de Santa Maria. Para tornar o material mais acessível aos alunos, fabricava material didático e o aplicava nas minhas aulas. Essa prática permitiu uma maior independência em relação aos métodos importados da França e uma aprendizagem sem custos para a turma. No artigo citado, descrevo o projeto e uma das atividades desenvolvidas. Trata-se do emprego de uma história em quadrinhos adaptada aos objetivos do curso. O texto do artigo é descritivo, mas é um bom exemplo do que eu produzia nessa etapa de minha vida.



Primeiro artigo publicado: revista da Association Brésilienne des Professeurs Universitaires de Français/ ABPUF
Capa (à esquerda), primeira página do artigo (centro) e exemplo de uma atividade proposta (à direita)

17

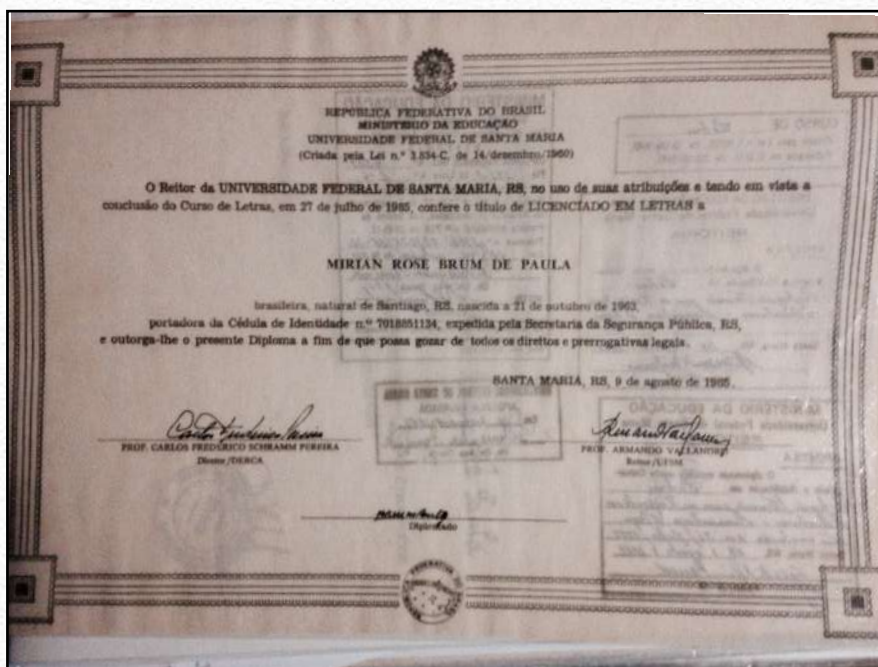
Iniciei a trabalhar como funcionária pública no ano em que me formei (ao final do primeiro semestre de 1987), pois havia realizado um concurso, obtido êxito e sido chamada para assumir o cargo de agente administrativo na UFSM. Minha família ficou muito feliz e todos apoiaram-me para que abraçasse essa oportunidade. Em casa, entendiam que, em uma função pública, eu estava segura para sempre. Tratava-se de um emprego definitivo. Nesse primeiro semestre letivo de 87, cursava o último semestre do curso de Letras e, paralelamente, trabalhava no hospital universitário da UFSM e na AF. Então, abriu um concurso para Professor substituto de francês na UFSM. Contando ter um bom currículo, realizei a minha inscrição e obtive o primeiro lugar para desempenhar uma função temporária no curso de Letras. Dilema difícil e escolha delicada: ou eu aproveitava a oportunidade e assumia a função de professora substituta, o que significava um sonho, mesmo sendo uma atividade limitada no tempo; ou eu continuava realizando minhas funções no hospital (organizando prontuários, baixas e altas de pessoas internadas, mantendo o controle da unidade em que trabalhava). Sem perguntar a opinião de meus pais, que ficaram angustiados e muito preocupados quando souberam da escolha, solicitei a minha demissão e comecei a dar aulas na UFSM. Dois meses mais tarde, pedi novamente a rescisão do meu contrato, pois havia obtido uma bolsa de curta duração do governo francês para efetuar um estágio de aperfeiçoamento linguístico e

pedagógico no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos (CIEP), em Sèvres.

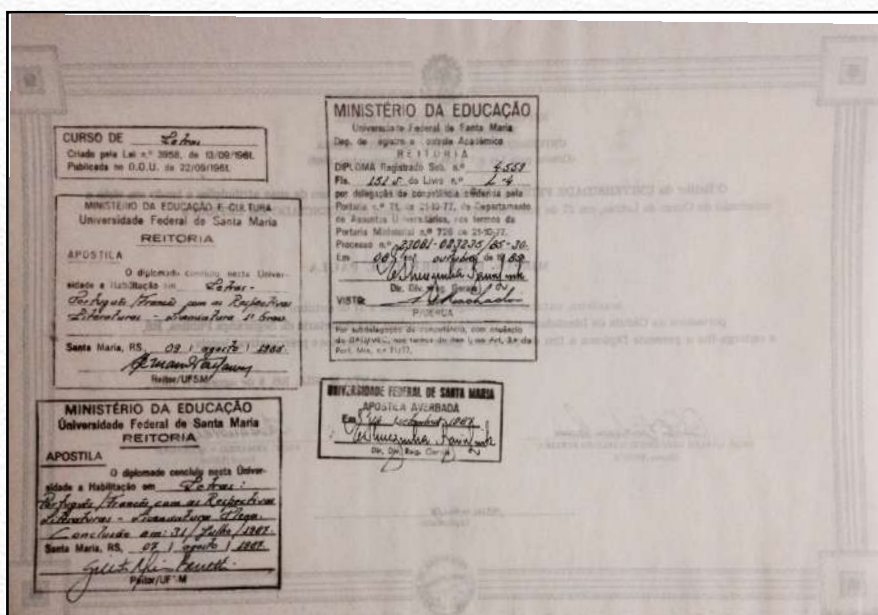
No que diz respeito às demissões do cargo de funcionária pública e, logo em seguida, de professora substituta, penso que arrisquei muito: era tudo ou nada. Essas iniciativas faziam pensar no meu tio Flori que, criança, nos anos 40, no fundo dos Pampas, sonhava ser “aviador ou nada”, porque, de quando em vez, avistava, tomado de espanto e encanto, bimotores que atravessavam os ares do local onde morava. Minhas escolhas eram, de fato, muito arriscadas..., pois meu tio não virou aviador, mas agropecuarista. O que talvez tenha auxiliado nas minhas escolhas é o fato de que nada também meu tio não se tornou.

No início de 1988, com 24 anos, cruzei o oceano para ver, em cores e em movimento, as avenidas, os cafés, os museus, as pessoas *estrangeiras* e escutar e falar o tal idioma pelo qual eu sacrificava emprego e estabilidade para transformá-la em profissão.

18



Frente e verso do título de *Licenciado em Letras Português/Francês com Respectivas Literaturas*



Confesso, quando cheguei em Paris, o primeiro monumento que visitei foi a Torre Eiffel.

O grupo de brasileiros contemplado pela bolsa do governo francês ficou hospedado em Sèvres, no último andar do CIEP. Eu tinha um quarto só para mim. Os cursos ocorriam no mesmo prédio, nos andares de baixo. A primeira semana foi destinada a passeios para conhecer Paris e para visitar castelos às margens do Loire. Sempre acompanhada pelo grupo e por um professor, fui a exposições em La Villette, em museus nacionais (Orsay, Louvre, Rodin) e ao teatro. Tudo era uma descoberta e bom: o ar frio e seco, o cheiro e o sabor da *baguette*, do *croissant* e do *jus de pommes*; a arquitetura da cidade, os sons (de línguas, da música, do metrô, da água do Sena), os cursos que frequentei.

As semanas seguintes foram as mais difíceis, em razão da heterogeneidade do nosso grupo. Em alguns estados brasileiros, a bolsa havia sido destinada a pessoas que, como eu, começavam suas atividades como professores de língua francesa; em outros, ela foi concedida a estudantes (nem sempre das Letras), a diretores de escolas (cujo nível de francês era muito elementar) e a professores universitários (que apresentavam um nível de fala mais elevado). De qualquer modo, tais diferenças não impediram que eu aproveitasse meu estágio e minha viagem. O contato estabelecido com a professora Baudet, que trabalhava problemas relativos à avaliação; com o casal Valette, que explorava o lado lúdico das atividades de sala de aula, e, com o professor Kara, que destacava a importância da inserção de textos literários no ensino do Francês como Língua Estrangeira (FLE), auxiliaram-me muito na elaboração de aulas, quando retornei ao Brasil. Em razão disso, desejei voltar novamente ao CIEP, centro responsável por numerosos projetos de formação e de cooperação internacional, um verdadeiro laboratório de ideias e de criação de novas ferramentas apropriadas ao ensino de francês no mundo.

Ao término do estágio, prolonguei minha estadia, ficando mais um mês em Paris, o que me proporcionou a coleta de uma documentação rara em Santa Maria, em uma época em que a internet e a televisão a cabo ainda não existiam.

De volta ao Brasil, continuei a lecionar na AF e a participar de um projeto

coordenado por Amanda Scherer, que havia introduzido novamente o francês nas escolas municipais de Santa Maria. Amanda havia realizado esse feito e eu integrava a equipe do projeto desde o seu início. O principal objetivo era o de propor cursos aos professores do 1º Grau (atual ensino fundamental) para que voltassem a assumir turmas de francês e pudessem melhor enfrentar a sala de aula, já que a língua francesa era por eles mal dominada. Muitos desses professores tinham assumido outras funções dentro das escolas: eram responsáveis pela lancheria, biblioteca ou o ensino do português, por exemplo. Assim, tanto o curso de Letras da UFSM quanto a AF (muitos dos integrantes do projeto circulavam em ambos ambientes) proporcionavam diferentes ações, visando ao auxílio linguístico, didático e pedagógico desses professores. Tal iniciativa deu frutos: as escolas foram, aos poucos, recuperando o francês como disciplina.

21 A vida era bela, eu desenvolvia muitas atividades ao mesmo tempo, mas queria continuar a minha formação, falar melhor a língua francesa e melhor conhecer a cultura da língua que ensinava. Desejava tudo isso de modo intenso e, por essa razão, comecei a me informar sobre as universidades francesas que não se encontravam na *Île de France*: universidades situadas em regiões onde o custo de vida pudesse ser mais acessível do que em Paris. Essas iniciativas coincidiram com os projetos de Amanda, que estava de partida para Besançon a fim de realizar sua formação doutoral. Ela tinha contatos efetuados por meio de um estágio que lá realizou, semelhante ao que efetuei em Sèvres. Juntei economias e programei a minha ida para essa mesma cidade, para a *Université de Franche-Comté*. Em Besançon, tudo era mais em conta do que em Paris: aluguel, transporte, alimentação. Além disso, excelentes eram os professores: Jean Peytard, Jean-Jacques Franckel, Gisèle Holtzer e Paul Colin, por exemplo.

Antes de deixar o Brasil, publiquei, na revista *Courrier*, um segundo artigo intitulado *La bande dessinée à l'école*. A publicação era da *Association de Professeurs Universitaires de Français* do Rio Grande do Sul. Parecido com o primeiro texto publicado, o artigo era destinado a professores que trabalhavam com um público infantil. Tratei assuntos relacionados à didática de línguas cujas atividades práticas abordavam o tema da vizinhança,

mediante a utilização de histórias em quadrinhos. As atividades propostas visavam a um trabalho mais sistemático relativo à descrição de alguém ou de alguma coisa, ou seja, uma atividade que era proposta relativamente cedo em cursos de línguas que desenvolviam uma competência de tipo comunicativo.

Nesse período de minha vida, em Santa Maria, estive muito envolvida com o ensino de línguas, o desenvolvimento de material didático, a autonomia do professor em relação aos métodos de línguas. Por esse motivo, em Besançon, em vez tentar uma vaga no mestrado (D.E.A), programei, primeiro, realizar uma outra graduação, uma *Maîtrise de Français Langue Etrangère*. Tal curso poderia ser realizado em dois anos (ou um para quem não trabalhava), estava associado ao que eu fazia no Brasil e permitia que eu pudesse ter uma experiência de sala de aula mais próxima da que eu tive enquanto estudante da UFSM. De fato, a *maîtrise* era um curso de graduação, com aulas diárias, colegas de turma, provas. Essa formação permitiu o contato com professores cujos horizontes teóricos e metodológicos eram diversos. Esta primeira experiência universitária na França, que correspondeu ao ano escolar 88-89, foi necessária porque pude me adaptar ao ritmo dos professores e dos conteúdos trabalhados, que era bem diferente daquele encontrado no CIEP. Em Sèvres, os assuntos eram desenvolvidos para um público estrangeiro. Pensava ser importante, além da formação propriamente dita, ter colegas, encontrá-los todos os dias e desenvolver o meu francês oral na fala do cotidiano. Nada disso parecia ser possível na formação doutoral (que compreendia o *D.E.A* e o *Doctorat*) porque, exigia mais autonomia, menos contato linguístico, mais dedicação a um único tema de pesquisa.



Besançon 1988-1991



1.3. *Ainsi est le monde: de long en large*⁴

Vacas magras: é como posso resumir o período de minha primeira longa estada na França. No aspecto financeiro, meus recursos eram bastante limitados, quase inexistentes, o que me levou a viver entre livros. Logo, raros foram as viagens ou passeios fora de Besançon! Morava no centro histórico da cidade, no circuito da *boucle du Doubs*, a dois passos da *Porte Noire*. O meu *estúdio* tinha 13 m², aproximadamente. Como a universidade ficava na *boucle*, uma caminhada de poucos minutos era o suficiente para acessar bibliotecas ou ir aos cursos. Foi um período dedicado aos estudos. O frio era intenso (Besançon possui um dos climas mais rigorosos da França), mas a neve era incrível! Nessa região, as pessoas assemelhavam-se ao clima, isto é, não muito calorosas. A cumplicidade e a amizade precisavam ser conquistadas aos poucos, com cautela e paciência. Ultrapassada essa fase, as relações podiam ser duradouras. Logo, antes de ter colegas ou amigos mais disponíveis para conversar, fiz minha inscrição na prefeitura da cidade para participar de um programa de atividades voluntárias que visavam ao auxílio de pessoas idosas isoladas. Muitos franceses estavam inscritos para outros fins: acolher estrangeiros, convidando-os para jantares ou passeios pelos arredores. Foi assim que, como convidada, tive direito a conversas e jantas com pratos típicos da região. Como estava inscrita no programa, eu também fazia a minha parte: uma vez por semana, visitava uma senhora idosa que morava sozinha e tinha dificuldades para realizar caminhadas. Nesse dia, ela esperava-me com *pâtisseries*, café e muitas histórias vividas durante a ocupação da cidade pelos alemães. Depois, fazíamos um passeio pelas margens do Doubs (ela morava em frente a esse afluente) e eu voltava para o meu *studio*.

Durante a graduação de FLE, realizei dois estágios:

(i) Estágio socioeconômico

O estágio socioeconômico tinha como principal objetivo proporcionar aos estudantes da graduação FLE um contato com instituições responsáveis por atividades de cunho social ou cultural. Para tanto, devíamos escolher um local, dentre os propostos, a fim de realizar um projeto. Após reflexão sobre a questão, optei pela Radio BIP (de Besançon, Independente e Popular).

A escolha pela rádio não foi aleatória, mas motivada pelo fato de ser associativa, livre e sem fins lucrativos, o que despertou a minha curiosidade. Ela era administrada pelos seus sócios, que pagavam mensalidades e podiam participar da programação. Eu estava a pouco em Besançon, começava a me instalar e já integrava a equipe de uma rádio local.

A rádio interessou-me do ponto de vista pedagógico. Pensei que, assim, teria mais facilidade para acessar documentos sonoros para, primeiro, entender a paisagem musical, política e social francesas de outro modo e, segundo, poder reutilizar esse material em sala de aula, na minha volta ao Brasil. Importava, igualmente, o fato de o estágio ser de cunho prático, o que permitiu a criação de alguns programas de rádio. Era algo que me colocava à prova no que dizia respeito ao meu francês oral.

A programação da rádio era muito flexível, fui bem acolhida e minhas ideias sobre o que poderia fazer foram bem aceitas. Farida e Manjula, colegas indianas, também optaram pela rádio. Pudemos, então, estreitar relações e imaginar, juntas, o conteúdo de nossas emissões. Elas eram de regiões diferentes da Índia e pertenciam a castas também diferentes. Farida teve uma formação inglesa, vestia-se como uma colegial britânica; Manjula, por sua vez, parecia ter saído de um conto indiano, sempre vestida com trajes tradicionais, utilizando um bindi na testa. Enquanto eu fazia pequenas emissões sobre o Brasil, elas realizavam programas sobre a Índia. Cinco emissões de trinta minutos foram por mim efetuadas: duas contaram com entrevistas - sobre a educação no Brasil e em Portugal - realizadas junto a professoras de língua portuguesa (uma brasileira e outra portuguesa), outras duas emissões foram sobre Caetano Veloso.



Enfim, a última emissão foi sobre o samba, a bossa nova e o chorinho. Para produzir conteúdo, contei com a Biblioteca da cidade. O prédio era imponente e antigo mas, internamente, o ambiente era moderno e acolhedor. O espaço possuía, além de livros, uma mediateca com um acervo impressionante de filmes e documentos sonoros.

Logo depois da *maîtrise*, Manjula voltou para o seu país. Farida continuou em Besançon onde morou ainda alguns anos. Lecionou inglês no Centro de Linguística Aplicada de Besançon (CLAB) e, na mesma universidade, terminou a sua formação doutoral.

(ii) Estágio pedagógico

Efetuei o estágio pedagógico no CLAB, onde acompanhei, durante todo o mês de julho de 89, dois cursos diferentes ministrados pelo Prof. Jean-Paul Basaille. O estágio foi feito com Natasha, uma colega europeia de Montenegro. Os estudantes eram todos iniciantes em língua francesa e oriundos de países diferentes da Europa e da Ásia. Ao final dessa experiência, redigimos um relatório cujo tema principal era o ato de ensinar, com foco nas atividades desenvolvidas pelo Prof. Basaille.

26

Além dos dois estágios, a *maîtrise* comportava doze módulos (sete eram obrigatórios), que deveriam ser realizados em um ano. Poderia, também, ser finalizada em dois anos, se o estudante trabalhasse. Assim, em relação à minha turma, colegas franceses a efetuaram em dois anos e estrangeiros em um. Os estrangeiros eram professores de francês em seus países de origem, os franceses eram professores de inglês ou alemão, mas desejavam uma formação em FLE, porque projetavam partir para outros países como professores de francês. Uma de minhas colegas francesas estava inscrita no Ministério de Relações Exteriores e postulava um cargo de adido cultural. Hélène era professora de inglês e tornou-se alguém com quem tinha boas relações de amizade. Por conta dessa relação, conheci Les Arsures, pequena cidade em que morava, perto de Arbois. Além da produção de mel, a região também era vinícola. Como não tinha bolsa de estudos, trabalhei nos períodos de vindima graças a indicações suas. Isso ocorreu também durante o D.E.A e o doutorado.

Após ter terminado a sua *maîtrise*, Hélène, que também falava alemão, partiu para a Alemanha oriental logo após a queda do muro de Berlin. Ela foi

enviada pelo governo francês para Leipzig para organizar a reconversão de professores alemães de língua russa em professores de FLE.

A seguir, tecerei comentários sobre alguns módulos realizados na *maîtrise*.

1. **Técnicas teatrais e criatividade** (Professores Migeot e Mathieu).

Este módulo tinha dois eixos com pouca relação entre eles. O primeiro, efetuado pelo Prof. Migeot, era sobre técnicas teatrais. Realizei, como trabalho final, um dossiê sobre o papel dos *jeux de rôles* e do texto dramático em sala de aula de FLE. O segundo, cujo professor era M. Mathieu, era sobre criatividade e o foco era o uso do computador como ferramenta pedagógica. O trabalho escrito produzido para o módulo incluía uma reflexão sobre o uso dessa nova tecnologia e uma segunda parte com propostas de exercícios, sob forma de fichas pedagógicas.

Essas duas disciplinas foram periféricas no contexto da *maîtrise*. No que concerne ao curso sobre técnicas teatrais, as aulas incluíam ensaios em que deveríamos representar cenas de textos dramáticos. Quanto ao curso de informática, o professor tratava, sobretudo, aspectos mais técnicos, sem que tivessem uma relação direta com o ensino de línguas. Mesmo assim, as aulas do professor Mathieu eram bem animadas porque todos desejávamos acessar a sala dos computadores, entender como funcionavam e como poderiam ser utilizados em um curso de línguas. É interessante destacar que os computadores começavam a ser utilizados nas universidades francesas. No Brasil, por exemplo, no mesmo período, no Centro de Artes e Letras da UFSM, que abrigava o curso de Letras, tinha um único computador. Ele era grande, a tela era verde, a sua manipulação era pouco intuitiva e os disquetes eram de 5 1/4 polegadas: grandes, flexíveis e com pouca capacidade de armazenamento de dados. Sendo assim, mesmo na França, todos os trabalhos que efetuei durante a *maîtrise* eram datilografados, pois os computadores ainda não tinham invadido as nossas casas, nem as nossas pastas ou mochilas.

2. **Metodologia do ensino do francês língua estrangeira** (Prof^a Bérard)

A professora Evelyne Bérard era conhecida pelos professores de línguas porque era autora de métodos de FLE. Logo, a expectativa para esse módulo era muita. Bérard era uma pessoa carismática, tinha boas ideias para a

criação de material didático, o que motivava o grupo sobre os assuntos que desenvolvia. Quando foi minha professora, havia finalizado há pouco a sua tese e estava engajada na elaboração de uma gramática específica para estudantes de FLE. Tal empreendimento foi publicado depois, com o título *Grammaire utile du français* (publicada pela Hatier), que possui um segundo volume contendo exercícios. Testava, então, as atividades que desenvolvia, conversava conosco sobre elas, solicitava o nosso ponto de vista. Como trabalho final, pediu que criássemos fichas pedagógicas com o objetivo de desenvolver uma competência cultural.

3. **Antropologia cultural** (Prof. Kashema)

Este foi um dos módulos menos proveitosos, todavia o dossiê sobre um *fato social*, solicitado pelo professor, foi concebido com entusiasmo. Escolhi o tema que mais havia me impressionado naquela época: a terceira idade. Nascida em um país onde a população jovem era muito presente, a descoberta de uma França cuja população era majoritariamente idosa impressionou-me muito. No Brasil, as pessoas idosas que conhecia viviam em família e dependiam de algum modo de pessoas próximas a elas. Na França, embora mais solitárias, elas eram mais independentes, muitas moravam sozinhas, realizavam as tarefas da casa, tinham uma vida social. O tema escolhido também estava associado ao trabalho voluntário que fazia em Besançon. Com Mme Girard, que conheci por intermédio da prefeitura da cidade, pude aperfeiçoar o meu francês e descobrir um pouco mais sobre o local em que vivia a partir da sua perspectiva: falava sobre o clima - ainda mais frio - da época em que era moça, seus passeios de esqui sobre o Doubs congelado, os banhos de chuva que tomava voltando do trabalho quando ainda não existiam capas impermeáveis de plástico, sobre as transformações da cidade (para o bem ou para o mal, em tempos de guerra ou progresso), acerca de suas relações familiares. Enfim, sobre uma vida inteira habitando um mesmo local. Mme Girard não foi o objeto de meu trabalho, mas o seu motor.

4. **Teorias linguísticas, descrição, comunicação** (Prof^a Gisèle Gschwind-Hotlzer e Jean-Jacques Franckel)

Holtzer e Franckel eram meus professores preferidos. Ela era a coordenadora da *Maîtrise FLE* e responsável por um módulo sobre a comunicação *exolingue*. O curso de Franckel era sobre a teoria de Antoine Culioli.

Gisèle Gschwind-Holtzer era uma professora de poucos sorrisos, objetiva, reservada. As relações interpessoais com Holtzer eram frias, os assuntos tratados em sala de aula e o contato extra classe precisavam ser precisos, sem extensões. Porém, o módulo do qual era responsável tratava da comunicação, verbal e não verbal, do princípio de cooperação (Paul Grice), da comunicação total (com foco na escola de Palo Alto) e *exolingue* (inspirada nos trabalhos de Rémy Porquier), os mal-entendidos e as incompreensões ligados às trocas comunicativas entre nativos e estrangeiros (com ênfase nas pesquisas de Colette Noyau). Eu apreciava muito os encontros que tínhamos com ela. Neste módulo, pela primeira vez, trabalhei a partir de um *corpus*. Devia organizar uma coleta, realizar gravações, transcrever e analisar dados de fala. Efetuei um bom trabalho sobre mal-entendidos e a negociação do sentido, o que me motivou a escolhê-la como uma possível orientadora de D.E.A. para continuar trabalhando sobre assuntos por ela desenvolvidos na *maîtrise*. Quanto a Franckel, tratava-se de um ótimo professor, mas não era muito presente, porque trabalhava em Paris e ia a Besançon somente para ministrar o módulo no qual eu estava inscrita. Diferente da maior parte dos módulos da *maîtrise* em FLE, exclusivos para estudantes nela matriculados, a disciplina a qual ministrava era ofertada a vários outros cursos da universidade e ocorria em um mesmo local. Os encontros se passavam, então, em um enorme anfiteatro. O seu curso era bem difícil, recorria muito à intuição do falante nativo e a minha era rasa comparada a dos franceses e colegas africanos de países francófonos. Faltava-me a tal intuição para refletir sobre empregos temporais de *sur*, por exemplo. Não conseguia contrastar *sur le coup* e *sous le coup* em enunciados como (i) *Sur le coup, je n'ai pas compris* e (ii) *Je suis encore sous le coup de la surprise*. Por que era possível chegar a uma interpretação temporal no primeiro caso, enquanto isso não ocorria no segundo? Também era um módulo diferente em relação à avaliação. Com Franckel, tínhamos provas. Embora gostasse do seu curso, fui uma estudante de notas limítrofes..., pois não conseguia dar conta do recado nos velozes minutos em que as provas ocorriam. Quando via, já era hora de

entregar a prova! Assim, além de ter dificuldades nessa disciplina, o fato de dissertar com tempo pré-determinado era um dos meus pontos fracos. Nesse tipo de situação, sou rápida para questões objetivas, mas lenta para a escrita de textos de uma certa extensão.

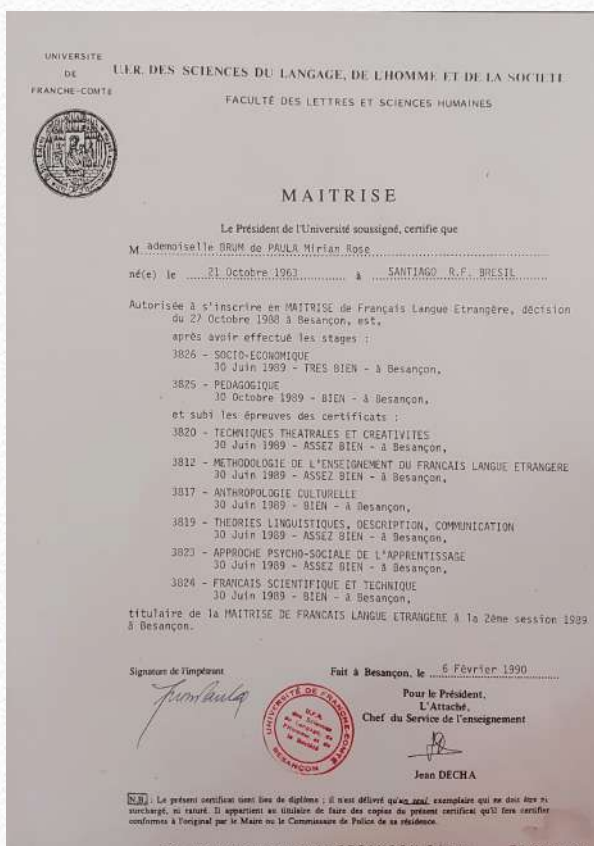
5. **Abordagem psico-social da aprendizagem** (Prof. Mercier)

Não gostava muito de ir aos encontros do Prof. Mercier, pois todos deveriam dizer alguma coisa em suas aulas e eu era tímida. Em todos os encontros do grupo, o procedimento era o mesmo. Ou seja, uma sequência de turnos de fala em que precisávamos expressar sentimentos sobre os assuntos tratados. Consequentemente, não bastava secamente responder, pois ele apreciava os depoimentos pessoais. As temáticas discutidas incluíam (i) estereótipos do professor tirânico e autoritário, (ii) a maturidade do professor, (iii) a relação aluno-professor. Enfim, tudo o que não aprecio se a abordagem é psicologizante. Tinha a impressão de estar em sessões coletivas de psicanálise e ficava realmente angustiada quando o turno se aproximava da minha pessoa. No entanto, obtive uma boa nota no trabalho final. Devíamos escrever um dossiê sobre *Avaliação, o professor e a relação educativa*. Para fazê-lo, li um de seus livros e busquei inspiração em um dos cursos da professora Beaudet, que tive no CIEP, pois esta era uma temática que desenvolveu durante o estágio efetuado em Sèvres.

6. **Francês científico e técnico** (Professora Coutine)

Este seminário ocorria no Instituto Nacional de Língua Francesa (InaLF) e tinha como objetivo a pesquisa lexical para a elaboração de dicionários. Naquela época, eu ainda colecionava selos (uma atividade que fazia desde a infância) e observei que muitas palavras e expressões francesas eram típicas desse universo. Efetuei, então, um dossiê sobre o léxico da filatelia que foi julgado excelente.

Terminei a *maîtrise* com êxito, matriculei-me, na sequência, no *D.E.A de Linguística, comunicação e semiótica*. Para tanto, foi necessário que elaborasse um projeto. Retomei o dossiê realizado para o curso da Prof^a Holtzer e projetei uma pesquisa sobre a *comunicação exolingue*.



Diploma da Maîtrise de Français
Langue Etrangère

Os professores do D.E.A. liam todos os textos encaminhados e sinalizavam os que poderiam orientar. Depois, uma grade contendo todos os projetos era publicada com o nome dos professores que haviam mostrado interesse no trabalho proposto. Lembro que, ao lado da minha proposta, havia o nome de três professores e um deles era Gisèle Holtzer. Resumindo, primeiro, os professores escolhiam os projetos que desejavam orientar e, depois, os estudantes é que escolhiam, dentre os interessados, com quem, de fato, trabalhariam. Escolhi Holtzer. O D.E.A ofertava, aproximadamente, quarenta seminários. Os estudantes podiam fazer os módulos que desejassem, mas somente dois eram obrigatórios. Eis os que realizei:

1. Análise semiológica do discurso e sociolinguística da enunciação.

O seminário era obrigatório e ministrado pelo Prof. Jean Peytard. Ele era o coordenador da formação doutoral em Ciências da Linguagem da Universidade de France-Comté. Peytard era um linguista bastante conhecido e tinha contatos com universidades brasileiras. *Linguística e ensino do Português*, um dos seus livros, havia sido publicado no Brasil. Esta ligação com a língua portuguesa fazia com que apreciasse estudantes brasileiros inscritos no curso que coordenava. No seu seminário, abordava a linguística do ponto de vista da comunicação, a sociolinguística a partir da enunciação e as relações entre a linguagem e o pensamento.

2. **Conceitos operatórios em didática do FLE.**

O seminário era ministrado por Mme Holtzer, minha orientadora. Nele, ela debatia conceitos e noções utilizados no universo do FLE, como a própria denominação do seminário indica. Visava, pois, a reflexão sobre conceitos caros à didática de línguas.

3. O seminário **Iniciação à informática** também era obrigatório. De modo geral, esse módulo foi muito similar ao realizado na *maîtrise*, principalmente quanto ao seu aspecto estritamente técnico, pouco próximo de questões pertinentes à linguística, à semiótica e à comunicação, que eram os domínios-chave do D.E.A.

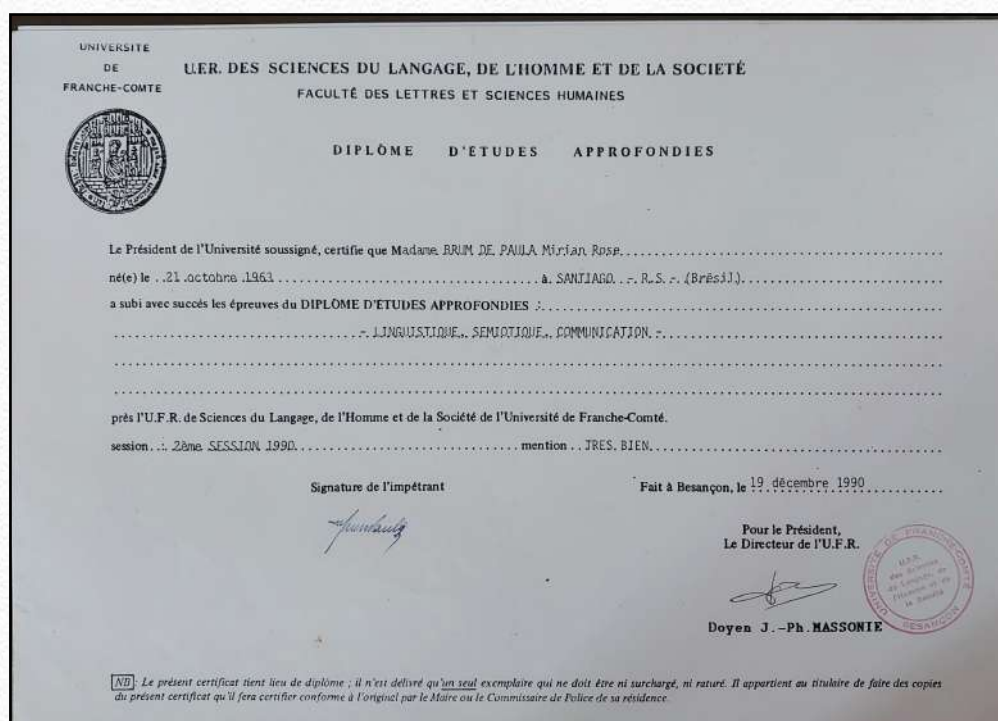
4. **Conferências da Profª Borgain.** Borgain era professora no sul da França e ia a Besançon para realizar essas conferências, que eram em número de dez. Foi nesse seminário que entrei em contato com aspectos relacionados à metodologia da pesquisa. Nem no Brasil, durante a minha graduação, nem durante a *Maîtrise de FLE*, havia cursado um módulo destinado à elaboração de um projeto de pesquisa. Dentre os temas desenvolvidos, destaco (i) a distinção entre pensamento ordinário e pensamento científico, (ii) a formulação de um problema de pesquisa, (iii) a elaboração de hipóteses, (iv) técnicas de investigação (observação, entrevista, questionário) e (v) tratamento quantitativo de dados.

5. **Semiótica visual.** O foco do curso da Profª Cotin era o signo gráfico: as antigas e novas imagens, a irregularidade e a regularidade das figuras, as figuras de proximidade e sua interpretação cultural. Cotin era uma pessoa diferente no universo do D.E.A. Era hinduísta, fazia orações em sânscrito, interpretava a cidade a partir de frontais, pórticos, colunas, figuras gravadas em portas, janelas e grades dos prédios da cidade. Artista, era poeta das palavras escritas e da caligrafia do movimento (título, inclusive, de uma de suas publicações). A disciplina era uma espécie de descoberta de Besançon a partir da relação entre a percepção visual e a cultura.

Communication exolingue et FLE: étrangers et natifs face à des enjeux communicatifs foi o título da minha dissertação.

Na primeira parte do trabalho, defini essa relação comunicativa por meio da evolução de termos e definições a ela associados, propostos por autores que estudavam essa comunicação interpessoal (Colette Noyau, René Porquier, René Richterich, Nicolas Scherer, dentre outros). Estendi a sua definição, considerando-a um tipo de *comunicação total*, o que impossibilitava a separação entre os elementos verbais e não verbais que integram as interações interculturais. Para refletir sobre esse tipo de comunicação face a face, trabalhei com autores do *colégio invisível*, composto por norte-americanos de Palo Alto e da Filadélfia (Gregory Bateson, Edward Hall e Erving Goffman, principalmente). Todos compartilhavam um mesmo modelo de comunicação interpessoal, que incluía modos diversos de comportamento: a fala, os gestos, o olhar, a mímica e o espaço inter-individual.

Na segunda e última parte do trabalho, abordei aspectos metodológicos e coloquei em evidência certas divergências e convergências concernentes a trocas comunicativas entre franceses e brasileiros. Para tanto, analisei dados de fala informais. Considerei aspectos gestuais e linguísticos para identificar e analisar sequências em que ocorriam estratégias de simplificação, facilitação, reparação, reformulação, negociação parentética, definição, pontuação, entre outras.



D.E.A em Linguística, semiótica, comunicação

Para viver em Besançon, realizei algumas atividades remuneradas. Inicialmente, vivi com poucas economias e algumas atividades informais. Depois, descobri que estudantes estrangeiros, após um ano de estudos na França, podiam trabalhar em tempo parcial. Foi o que fiz quando a oportunidade surgiu. Assim, paralelamente aos cursos da universidade, trabalhei para um escritório de tradução e interpretação, denominado *Traje*. Depois, consegui um emprego de bibliotecária, em uma das bibliotecas da universidade. Como cheguei a essas atividades?

34 Era comum a chegada de imigrantes africanos na região. Eles fugiam de conflitos armados ou da miséria e entravam na Europa a partir de Portugal. Percorriam o trajeto Portugal-França, atravessavam o território francês e chegavam em Besançon, que fica muito perto da Suíça. Quando a polícia os encontrava, pediam asilo político. A administração, que desejava saber quem poderia ser considerado exilado político e quem era exilado econômico, recorria ao *Traje*. O escritório de tradução, por sua vez, recorria a Holtzer, responsável pela formação FLE da Universidade. Ela informava, então, sobre estudantes que poderiam auxiliar nessa empreitada. Como chegaram imigrantes de origem angolana, pensei em mim. Conheci, desse modo, vários angolanos em Besançon e traduzi do português para o francês suas histórias pessoais (que eram por eles escritas em português e, depois, completadas com entrevistas realizadas por mim). Tais textos passavam a fazer parte de um dossiê que, na sequência, era analisado pelo serviço de imigração francês.

A atividade era bem remunerada, porque a língua portuguesa era considerada rara na região. Por conta disso, eu ganhava um pouco mais do que meus colegas de trabalho que desempenhavam tarefas similares em inglês ou alemão. Depois dessa experiência, *Traje* continuou a solicitar-me para traduzir textos técnicos do francês para o português. Tratava-se de correspondências e manuais de produtos franceses que empresários locais vendiam para Portugal.

Apreei muito essa experiência, mesmo tendo dificuldades com a tradução de termos técnicos que me eram desconhecidos. Assim, muitas indecisões de cunho terminológico, envolvendo diferenças relativas ao português do

Brasil e de Portugal, eram resolvidas na biblioteca pública da cidade. Essa atividade motivou-me a fazer o meu estágio prático do D.E.A. no *Bureau du Diplôme d'Université de Traducteurs du CLAB* onde, durante dois meses, contando com a supervisão da Prof^a Cotin, elaborei um projeto para a criação de uma revista sobre tradução.

Em 1990, consegui um emprego em uma biblioteca setorial da Universidade: a que continha o acervo da área da linguística. Tratava-se de um trabalho menos interessante do que o realizado no *Traje*. Devia organizar os livros, responder a chamadas telefônicas e preencher fichas de novos inscritos. No entanto, nesse ambiente, pude consultar livros de meu interesse, pois não podia comprá-los.

Após a minha defesa de dissertação, deixei Besançon para viver em Paris.



Paris 1990 - 1991



Sala Labrouste - Biblioteca Nacional de Paris (site Richelieu)

1.4. *Et c'est Paris je reviens*⁵

Quando já estava instalada em Paris, recebi uma cópia provisória do meu diploma de mestrado. Fiquei feliz com a menção *Très bien* obtida, mas não quis continuar a minha formação doutoral. Desejava ser mais experiente e realizá-lo mais tarde. Ademais, o doutorado demandava mais quatro anos na França, o que minhas finanças pareciam não permitir. Retornar ao Brasil para trabalhar na minha área era o meu maior desejo. Mudando-me para a capital, esperava encontrar novas oportunidades de trabalho, que fossem compatíveis com uma nova formação de curta duração, dirigida ao ensino de línguas. Foi quando encontrei Denakir de Oliveira Campos, presidente da Associação de Professores de Francês do Rio Grande do Sul. Ela estava em Paris, tinha compromissos no CIEP, e ficou hospedada na casa de uma amiga comum, brasileira, professora de francês em Porto Alegre. Soube, então, sobre minhas intenções e tentou negociar uma vaga para que eu realizasse um curso, denominado *Formateurs de Formateurs*, em Sèvres, já que eu era uma de “suas” professoras do sul do Brasil.

Nesse mesmo período, fui informada, por meio de uma amiga, professora de inglês, que um concurso para o cargo de *professor auxiliar* estava aberto na Universidade Federal de Santa Maria. Como os concursos eram raros nas universidades brasileiras, era importante participar. Sem ter ainda em mãos o diploma definitivo de mestre, organizei o meu currículo, o enviei para Loeci, a amiga que contou sobre o concurso, para que efetuasse a minha inscrição. Comprei uma passagem de ida e volta Paris/POA/Paris e, no período do concurso, estava em Santa Maria.

O concurso ocorreu em três etapas: uma prova escrita, uma prova didática e a análise do *curriculum vitae*. As temáticas a preparar eram as seguintes: (i) O ensino do francês instrumental na escola secundária e na universidade, (ii) A gramática textual, (iii) Métodos para o ensino do francês e seus fundamentos teóricos, (iv) O ensino da competência oral, (v) O método como suporte: estratégias para o seu enriquecimento, (vi) Introdução à análise do discurso, (vii) Os atos de fala, (viii) Texto e intertextualidade, (ix) Produção textual em sala de aula e (x) O texto literário na sala de língua estrangeira. Consegui prepará-los no Centre Georges Pompidou (Beaubourg), pois possuía uma excelente biblioteca pública com um bom acervo na área

dos estudos linguísticos, cabines individuais equipadas para a aprendizagem de línguas e acesso a métodos de FLE ou outros idiomas.

O primeiro tema exposto acima foi o sorteado para a prova escrita. Não redigi um texto muito longo, seis páginas, talvez. Destaquei minha experiência e acrescentei questionamentos de cunho teórico. O resultado foi um texto bem adaptado à tarefa solicitada. Quanto à prova didática, lembro de ter ficado apreensiva, porque a regra do jogo alterou no último instante: a banca sorteou temas novos e não os definidos no ato da inscrição. O problema é que estava preparada para os temas que me foram enviados e o material que tinha levado comigo dizia a eles respeito. Fui, então, para a Aliança Francesa para consultar a documentação da biblioteca, que eu conhecia bem por tê-la organizado quando estudante. No dia seguinte, consegui dar uma boa aula sobre o uso do *imparfait* e do *passé composé*, o que garantiu a melhor nota e sucesso no concurso. Foi assim que me tornei professora de francês na UFSM.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
EDITAL Nº 0063/90

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e, considerando as decisões dos Conselhos dos Centros de Tecnologia em sessão nº 220 de 18.07.90 e Centro de Artes e Letras sessão nº 262 de 19.07.90,

RESOLVE:

Divulgar, o resultado dos Concursos Públicos para Docente, realizado na seguinte classe e áreas:

PROFESSOR AUXILIAR
Área: RESISTÊNCIA DOS MATERIAIS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Candidatos Classificados:
JOSEANE MARIA ROSSAROLA DOTTO 1º lugar
ELIZABETH TRINDADE MOREIRA 2º lugar
DINARA XAVIER PAIXÃO 3º lugar

Área: LÍNGUA FRANCESA
Candidato Classificado:
MIRIAM ROSE BRUM DE PAULA 1º lugar.

GABINETE DO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, aos vinte e três dias do mês de julho de mil novecentos e noventa.

Tabajara Gaúcho da Costa,
Reitor.

Resultado do concurso publicado no jornal da cidade

Voltei tranquila para Paris, sabendo que não precisava mais perder o sono com a questão do emprego no Brasil. Sabia, também, que demoraria para assumir na UFSM.

Na França, as negociações entre Denakir e o CIEP tinham avançado: ela havia conseguido uma vaga para mim no curso que eu desejava fazer. Naquele ano, o grupo previsto para realizá-lo era constituído por inspetores e professores oriundos do Laos, Vietnam, Camboja, Gana, Gâmbia e Tanzânia. Todos eram bolsistas do governo francês ou de seus países de origem e estavam em Sèvres para seguir uma formação de nove meses. O curso compreendia três grandes temas: formadores de FLE, assistentes de formação e criação de manuais de línguas estrangeiras. Cada módulo incluía uma série de disciplinas. Elas ocorriam todos os dias, manhã e tarde. Como o CIEP ficava deslocado em relação a centros comerciais, o almoço fazia parte da formação. Esse momento era um acontecimento, ocorria num grande salão com mesas redondas para nove pessoas cada uma. Tudo era concebido para que as pessoas conversassem e trocassem ideias, degustando uma taça de vinho ou um suco de maçã. O menu era sofisticado e servido *à la française*: *hors d'oeuvre*, *plat principal*, *fromage* e *dessert*. Tal formação era, conseqüentemente, bastante onerosa para uma brasileira. Denakir Campos negociou um custo mais em conta. Realizei, então, vários *petits boulots* para pagá-lo e para não perder a oportunidade de voltar ao CIEP. Trabalhei como *baby sitter* de uma menina de dois anos, a Agathe. Ficava com ela, entre as 18 e 19 horas, todos os dias, até a chegada de seus pais do trabalho. Eu era responsável pelo seu banho e, depois, ficávamos folheando livros e contando histórias. Vendi pedras semi-preciosas brasileiras na *Foire de Paris*, participei da vindima, colhendo uvas no Jura. Depois, consegui um emprego estável na Biblioteca Richelieu. Trabalhava na sala Labrouste, um local impressionante. Pude conhecer esse espaço de perto, o que não era evidente. O local era público, mas era preciso solicitar uma autorização para nele adentrar. Era frequentado somente por profissionais (romancistas, antropólogos, historiadores, por exemplo) que precisavam esclarecer os motivos pelos quais desejavam ter acesso a esse ambiente e aos documentos que abrigava (como manuscritos, livros, estampas, moedas, medalhas, mapas...). Ou seja, precisavam estabelecer uma relação entre os documentos que desejavam

consultar e um projeto profissional. Era necessário ainda justificar o motivo pelo qual não podiam encontrar os textos solicitados em outras bibliotecas. Mestrandos e doutorandos também podiam pesquisar nesse local da biblioteca, desde que apresentassem um documento, enviado pelos seus orientadores, justificando a necessidade de lá trabalhar. Cada solicitação era analisada e, a depender das razões alegadas, era negada ou aceita. Assim, alguns podiam consultar o acervo durante um ou dois dias, outros um pouco mais. Enfim, fácil não era utilizá-la, mas os frequentadores eram sempre numerosos.

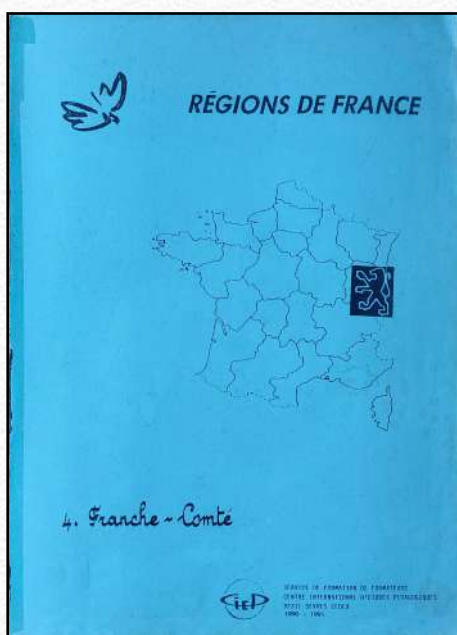
Iniciava minhas funções na Biblioteca Nacional (BN) às 17h. Saía apressada do CIEP para ser pontual. Na BN, eu era uma espécie de *jocker*, substituía pessoas que, por alguma razão, não iam ao serviço. Pude, então, trabalhar em vários locais: na sala Labrouste, principalmente, atendendo ao público em geral, mas também na sala de reproduções, no espaço destinado a restaurações e no *labirinto* interno do prédio, onde repousavam os livros da biblioteca. Hoje, tudo deve ser muito diferente, já que uma grande quantidade do acervo da BN pode ser consultado na internet! Além disso, uma parte do acervo foi, depois, transferido para uma de suas extensões: a *Bibliothèque Nationale de France (site François-Mitterrand)*, que ainda não existia.

Paralelamente, no CIEP, convivi com um grupo muito diverso, com o qual pude estreitar relações. Passávamos dias inteiros juntos, e efetuamos projetos em parceria. Boniface, Joseph, Asha, Diên, Nyrath, Vanna, Thogmanh, Bounthiêm, Somsanouk, Khamphanh, Ounheune, Thavone, Thanh, Cao Hoâng, Thanh Thanh, Tiên, Duñg, Miên, Hôi, Bich e Hoà eram os meus companheiros de classe. Todos eram muito diferentes de mim: a língua materna que falavam, o modo como concebiam o mundo, como se comportavam em público, como se alimentavam, se apresentavam, agradeciam..., enfim, esta foi a minha mais bela experiência em termos de formação e de encontros interculturais.

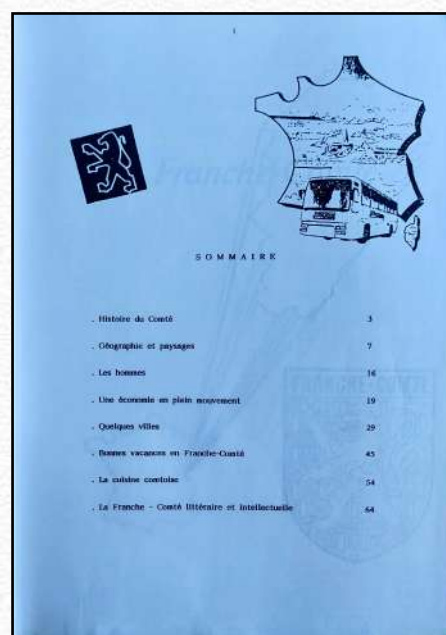
O Bureau da *Unité de Formation de Formateurs en FLE* era gerido por quatro professores: Marie-Thérèse Bréant, Suzanne Beaudet, André Kara e René Cotte. Nos últimos três meses, dividimo-nos em grupos de quatro pessoas para desenvolver um projeto orientado pela professora Beaudet.

Devíamos criar um dossiê de língua e civilização sobre uma região da França. Os dossiês tornavam-se publicações internas do CIEP e deveriam ser elaborados com vistas a uma utilização em estágios de formação continuada.

Lancei a ideia de trabalhar com a região da Franche-Comté, por conhecê-la bem. Três colegas adotaram a ideia: Ounheuan Phanavanh, do Laos, Bornface Chibela, da Tanzânia e Asha Mzee, de Zanzibar. Realizamos, então, um documento dividido em 8 sessões: (i) *Histoire du Comté*, (ii) *Géographie et paysages*, (iii) *Les hommes*, (iv) *Une économie en plein mouvement*, (v) *Quelques villes*, (vi) *Bonnes vacances en Franche-Comté*, (vii) *La cuisine comtoise* e (viii) *La Franche-Comté littéraire et intellectuelle*. O grupo vietnamita trabalhou à parte, pois foram para o CIEP com o objetivo de conceber um método de FLE que pudesse dar conta de especificidades dos aprendizes de língua francesa do Vietnã.



Capa



Sommaire

O almoço do dia 25 de junho, com a entrega dos certificados, marcou o término do curso no CIEP. Infelizmente, não compareci, porque minha nomeação havia sido publicada no Diário Oficial da União e eu precisei partir para o Brasil antes desse evento. Na UFSM, assinei o meu contrato no dia 27 de junho, mas somente comecei a dar aulas três meses depois, em razão de uma greve das universidades federais brasileiras.

Santa Maria 1991 - 1994



Teatro Caixa Preta (frente) Centro de Artes e Letras (fundo) - UFSM

1.5. *Un temps fait naître un autre temps*⁶

Tornei-me professora da UFSM e colega de vários professores que apreciava. Amanda Scherer e Sílvia Paraense lá não se encontravam, porque estavam terminando seus doutorados: Amanda, em Besançon; Sílvia, em Porto Alegre.

Em plena greve, a UFSM estava vazia. Às vezes, cruzava com professores da Pós-Graduação nos corredores do Centro de Artes e Letras (CAL). Na época, havia somente um curso de pós-graduação, o Curso de Mestrado em Letras, em todo o CAL. Tive, portanto, tempo para me instalar e, durante os meses da greve, voltei a frequentar a Aliança Francesa. A AF havia trocado de endereço e as aulas não mais ocorriam no sobrado situado na parte antiga da cidade, na travessa que fechávamos à circulação dos automóveis durante o *Quartier Latin*. A equipe que trabalhava na Aliança era outra e parecia menos engajada do que a anterior. Passado o tempo da greve, não mais frequentei a AF, local que tinha sido tão importante para mim, onde dei os meus primeiros passos como professora de francês.

43

Na UFSM, a criação do Mestrado foi uma boa notícia. Quando parti para a França, ele não existia. Mesmo durante a greve, a secretaria, a coordenação e os cursos continuaram a pleno vapor. Logo que cheguei, encontrei Zília Scarpari, professora de francês e coordenadora do Mestrado. Ela havia sido um dos membros da *minha* banca no *meu* concurso. Eu não a conhecia, porque havia começado a trabalhar em Santa Maria quando eu estava estudando na França. Zília criou a *Revista Letras* e o número 2 seria consagrado a trabalhos em Linguística Aplicada. Submeti, então, um texto à revista. O artigo foi publicado no final de 1991.

Sem ter acesso ao Mestrado (pois ainda não tinha formação para integrá-lo), além das aulas no curso da graduação, integrei comissões de organização de encontros e seminários já tradicionais do Curso de Letras como, por exemplo, a *Semana de Letras* e o *Curso Novas Propostas para o Ensino de Línguas Estrangeiras*. Foi também nesse período que iniciei a minha colaboração com a Coperves, comissão responsável pelo Vestibular da UFSM. A Coperves tinha prédio próprio: o ambiente era moderno e confortável, a equipe era gentil e tudo o que produzíamos era *top secret*!

Em 1992 e 1993, continuei organizando seminários, elaborando provas para o Vestibular e para a seleção do Programa de Pós-Graduação.

A carga horária do Curso de Letras era elevada, pois éramos duas professoras para dar conta da licenciatura de francês: Amanda estava afastada e uma quarta colega também, pois estava frequentemente ausente por motivos de saúde. Eu era, então, a professora responsável pelos dois primeiros anos da formação FLE e Zília pelos últimos dois anos.

Além dessas atividades, no início de 1992, tornei-me Diretora do Laboratório de Línguas e, logo depois, Diretora do Teatro Caixa Preta. Foram os primeiros cargos administrativos que assumi na UFSM. O Laboratório de Línguas estava instalado em uma grande sala. Colado a ele, um espaço menor era destinado a sua administração, onde eu e um funcionário fazíamos a nossa permanência. O laboratório foi criado nos anos 70 e já estava meio obsoleto. Nele, os estudantes ficavam separados por uma divisão de vidro mas, embora ficassem numa espécie de cabine individual, não podiam fazer um uso autônomo do equipamento, pois todas as manipulações eram efetuadas e controladas pelo professor ou pelo funcionário do laboratório a partir de uma cabine central, que ficava em outra sala.

Dentre as ações que realizei como diretora desse local, destaco a retirada das divisões de vidro para que os alunos pudessem melhor interagir, a pintura das portas do laboratório, com motivos relacionados às línguas ensinadas no Curso e a criação de um jornal interno intitulado *Estrangeiro*.

Para realizar esses projetos, contei com a participação de colegas e estudantes de outros cursos da universidade, como o Desenho Industrial e a Comunicação Social.



Frente e verso do primeiro número do jornal *Estrangeiro*

Em meados de 1992, o retorno de Amanda Scherer trouxe uma nova dinâmica ao meu trabalho, uma vez que, durante a graduação FLE e a formação no CIEP, aprendi muito desenvolvendo atividades em equipe e, com Amanda, sempre trabalhei muito bem. Nesse mesmo período, a colega que estava em licença solicitou seu afastamento para realizar seu mestrado na França, em Toulouse. Julgamos importante que o efetuasse e o Departamento a liberou.

Em 1993, professores de diferentes cursos do Centro de Artes e Letras reuniram-se com o objetivo de criar um novo mestrado, um programa de cunho interdisciplinar em que professores doutores *isolados* (por exemplo, o professor doutor de Artes Plásticas era, no seu curso, o único exemplar de sua espécie) pudessem atuar na pós-graduação. Para criar um acontecimento em torno dessa ideia, formamos uma comissão com o intuito de organizar um grande seminário: o *I Seminário Internacional Interdisciplinar* intitulado *As Transformações do Conhecimento na Virada do Século*. Trabalhamos muito para a formação desse evento, que foi um sucesso. Porém, a criação de um novo curso, interdisciplinar, não foi bem aceito pela CAPES da época, que privilegiava propostas mais tradicionais. Esta experiência foi uma aventura acadêmica que não atingiu o seu principal objetivo, mas uniu profissionais de áreas distintas em torno de ideias, sonhos e expectativas comuns.

Em setembro de 1993, fui a Campinas para participar, como ouvinte, de um encontro sobre a *Pesquisa em Aquisição de Língua estrangeira*. Um dos conferencistas convidados era Colette Noyau. Eu a conhecia por meio de minhas leituras, efetuadas durante o D.E.A. Fui ao seminário, de ônibus, com o propósito de encontrá-la, pois imaginava continuar minha formação doutoral sob sua orientação, na Universidade de Paris-Nanterre (Paris X), onde ela lecionava. Naquela época, qualquer procedimento visando ao estudo no exterior ocorria por meio de correspondências enviadas às universidades ou diretamente aos professores. Todas as iniciativas nesse sentido levavam, conseqüentemente, um tempo enorme. Conhecê-la pessoalmente poderia, talvez, otimizar o processo.

Em 1994, a colega que estava em Toulouse solicitou um terceiro ano de licença para terminar o seu D.E.A., mas o seu pedido foi recusado pelo Departamento, porque tal diploma era obtido, na França, em um ano para quem não trabalhava, e ela já tinha ficado dois anos afastada.

A bem da verdade, no Departamento, todos tendiam à renovação de seu pedido de afastamento, caso estivesse relacionada ao término de sua formação doutoral, o que não ocorreu. Ou seja, o pedido não era para que ficasse na França por mais quatro anos para a realização do seu doutorado, mas para que finalizasse o mestrado. Minha colega voltou, então, sem o seu diploma de mestrado e sem data prevista para defender a sua dissertação. Seus problemas de saúde voltaram.

Pensava partir em 1999 para a realização do meu doutorado. No entanto, a volta de minha colega antecipou esse projeto. Era uma oportunidade ímpar para solicitar o meu afastamento e eu não arrisquei perdê-la. Precisava navegar no sentido da corrente e preparar a minha partida, mesmo com o pouco tempo que havia para programá-la. Contactei a professora Colette Noyau, que respondeu de modo afirmativo quanto a uma possível orientação. Na França, eu pretendi, num primeiro momento, dar continuidade ao trabalho desenvolvido em Besançon sobre a comunicação *exolingue*.



Paris 1994 - 1997



1.6. Pour voir une chose il faut la comprendre⁷

Em setembro de 1994, com as malas prontas, elaborei as questões do vestibular de 1995. Essa atividade garantia um salário melhor para o mês de outubro e eu precisava disso, porque havia perdido os prazos da CAPES e do CNPq para a solicitação de uma bolsa de estudos. Cheguei à França no mesmo mês, com o meu salário de professora assistente para viver e subvencionar meus estudos, situação que julguei satisfatória para assumir uma vida de estudante em Paris. Com o meu salário, podia dividir o aluguel com alguém, pagar minha alimentação, transporte e, às vezes, um cafezinho na universidade, o que era formidável.

Antes de confirmar minha inscrição, tive o meu primeiro encontro com a professora Noyau em Paris-Nanterre. Visava falar sobre minhas atividades no Brasil, sobre o D.E.A. efetuado na Université de Franche-Comté e o projeto que desejava desenvolver sob sua orientação. Aos poucos, nossa conversa fez com que compreendesse que a ideia de dar continuidade ao meu trabalho de dissertação deveria ser abandonada, pois Colette Noyau, que havia trabalhado sobre questões abordadas na minha dissertação, havia mudado o foco de suas investigações. A pesquisa sobre a aquisição de línguas estrangeiras havia avançado e etapas já tinham sido ultrapassadas!

Inicialmente, tais pesquisas vincularam-se à análise da conversação e à descoberta das estratégias do aprendiz para comunicar e desenvolver sua interlíngua; porém, gradativamente, os pesquisadores que as realizaram adotaram uma perspectiva mais próxima da psicolinguística, propondo análises e interpretações de cunho cognitivo-textual. Colette Noyau alegou que inventariar estratégias de comunicação, descrevê-las e explicá-las lançava poucas luzes sobre o processamento da informação realizado pelos aprendizes. Logo, para trabalhar sob sua orientação, eu precisava inscrever a minha pesquisa no projeto que estava desenvolvendo naquele momento. Devia, então, atualizar-me, conhecer as pesquisas que estavam sendo realizadas no âmbito do programa intitulado *Aquisição de uma língua segunda por imigrantes adultos*, financiado pela Fundação Europeia da Ciência (Programa ESF), que tratava, principalmente, da aquisição da referência ao espaço, ao tempo e à estruturação do enunciado no processo de

aquisição.

As investigações realizadas no seio desse programa europeu eram compostas por quarenta estudos de casos longitudinais e interlinguísticos, aproximadamente, realizados durante os anos 80. Esses estudos deram origem a uma série de subprojetos, em andamento nos anos 90.

Após o encontro com a professora Noyau e depois de um ano e meio de leitura, decidi trabalhar sobre a temporalidade em textos narrativos. Essa escolha foi motivada pelos resultados de estudos sobre narração, efetuados por diferentes equipes dedicadas à pesquisa sobre a Aquisição de Línguas Segundas/ Estrangeiras (RAL). Era, então, possível utilizá-los para fins de comparação. Além disso, um mesmo quadro teórico e metodológico era utilizado pelos pesquisadores do Programa ESF. Esses trabalhos convergentes proporcionavam, conseqüentemente, comparações e generalizações.

No que me concerne, a maior parte dos trabalhos que conhecia sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, antes da formação doutoral, estavam restritos à linguística aplicada, à didática e à metodologia de línguas estrangeiras. Inscrevendo o estudo que desejava realizar no contexto da pesquisa europeia sobre a aquisição de línguas, poderia contar com novas hipóteses, teorias e perspectivas para iluminar o modo de conceber o corpus da pesquisa, as análises a serem empreendidas e as possíveis interpretações dos resultados. O referencial teórico incluía a Linguística Cognitiva (LAKOFF), uma nova interpretação do Relativismo Linguístico (SLOBIN, TALMY), o Modelo da competição (BATES), o Modelo da Produção da Fala (LEVELT), o Modelo da *Quaestio* (Klein e von Stutterheim).

Ainda, de modo mais específico, minha pesquisa passou a integrar o projeto *Conceptualisation et formulation de structures événementielles complexes*, dirigido por Colette Noyau. Era um subprojeto do projeto ESF que envolvia outras universidades - europeias e latino-americanas - como, por exemplo:

- (i) as equipes do G.R.A.L. de Paris VIII (Lambert, Perdue e Watorek);
- (ii) a equipe da Universidade de Tucumán/ Argentina (Garat e Villeco);
- (iii) o projeto InterFRA da Universidade de Estocolmo/ Suécia (Bartning e Kihlstedt);
- (iv) o projeto aquisição do italiano, da Universidade de Pavie/ Itália (Ramat).

Colette Noyau estava à frente de uma verdadeira equipe de pesquisa, composta por estudantes de diferentes níveis.

Durante minha formação doutoral, realizei os seguintes módulos:

1. Metodologia da pesquisa em aquisição e didática de línguas

Achava incrível ter aulas com Rémy Porquier, visto que eu havia discutido, no primeiro capítulo de minha dissertação, noções por ele elaboradas (comunicação *exolingue* é uma delas).

Nesse módulo, o Porquier expunha diversas metodologias de pesquisa, citando exemplos advindos da didática de línguas e da linguística da aquisição. Apresentou diferentes pesquisas relativas à aquisição e à didática das línguas, visando a uma formação teórica e prática sobre princípios e métodos de pesquisa. Associava a linguística (teorias, modelos, descrições) a investigações sobre a aprendizagem e o ensino de línguas.

2. Aquisição de línguas: modelos e teorias

Os primeiros seminários de Colette Noyau foram consagrados a uma espécie de nivelamento dos estudantes. Depois, propôs a análise de alguns modelos de aquisição de línguas e de teorias que os subjazem. Também introduziu reflexões sobre como as situações de aquisição *natural* e institucional (não guiada e guiada) podiam levar a pesquisas de cunho linguístico (incluindo coletas transversais e longitudinais), suscetíveis de validar os modelos apresentados.

3. Estudos longitudinais de aquisição de línguas

Este módulo, ministrado pelos professores Clive Perdue e Colette Noyau, foi muito importante para o desenvolvimento de minha pesquisa, pois visava a identificação e a descrição de itinerários da apropriação linguística de aprendizes adultos de uma língua estrangeira. O seminário comportava duas partes:

(i) definição das principais noções que serviam de base a abordagens funcionais relativas à aquisição de línguas;

(ii) estudo de certas ordens de aquisição e de elementos que pudessem explicá-las (advindos da comunicação, da complexidade linguística e cognitiva, da exposição e acesso ao input linguístico).

4. Especificidade da compreensão em língua estrangeira

Monique Lambert era a única da equipe a trabalhar a aquisição da linguagem com foco na compreensão oral. Este era o principal tema do seu curso, mas também abordou definições e tipologias ligadas a situações de comunicação e atividades cognitivas relativas à produção.

5. Análise de corpus (Professores Robert Vivès e Colette Noyau)

Tratava-se de um módulo prático no qual Robert Vivès e Colette Noyau abordavam diferentes maneiras de transcrever, segmentar, analisar e interpretar dados de fala de aprendizes de línguas estrangeiras. Noyau enfocava aspectos relacionados à referenciação e ao movimento referencial; Vivès trabalhava a análise de corpus a partir de estudos sobre *léxico-gramática*.

6. A interação *exolingue*

O Professor Arditty exibia muito entusiasmo no desenvolvimento de suas aulas. A convicção com que emitia suas hipóteses sobre a aquisição de línguas estrangeiras era contagiante. Para ele, a interação não era somente um contexto, uma situação interpessoal específica, mas o motor da aquisição. Enfocava, conseqüentemente, a relação existente entre a linguagem e a pragmática.

No que se refere às atividades complementares ligadas aos trabalhos individuais dos membros de seu grupo (composto por orientandos e outros professores), Colette Noyau tentava fazer com que trabalhássemos em equipe e que apresentássemos propostas de comunicação a congressos, colóquios e seminários.

Em 1996, eu estava mais segura em relação ao trabalho a ser realizado. Este deve ter sido um dos motivos que levaram a CAPES a conceder-me uma bolsa de estudos para os dois últimos anos de minha formação doutoral. O projeto enviado para postular a bolsa estava mais organizado e denso do que o enviado em 1995, quando o projeto foi descartado. Este último havia sido bem avaliado “no seu mérito”, mas a bolsa não foi concedida “por falta de recursos”.

A bolsa de estudos da CAPES foi muito bem vinda, porque eu ainda

estava constituindo o corpus da pesquisa e as coletas previstas eram realizadas no Brasil. Tratava-se de um estudo longitudinal envolvendo dados de fala produzidos por estudantes universitários. Com o auxílio da CAPES, as viagens para o Brasil ficaram mais fáceis de serem organizadas. Ademais, adquiri mais liberdade para ir e vir a fim de participar de eventos da área.

Iniciei uma série de apresentações do meu trabalho. A primeira ocorreu num colóquio organizado pela nossa equipe de Paris-Nanterre em 1996. No início de 1997, também participei de um encontro do GRAL (*Groupement de Recherches sur l'Acquisition des Langues*), em que orientandos e orientadores de diferentes membros ligados ao GRAL apresentavam pesquisas em andamento. Assim, todos os orientandos de Colette Noyau, Clive Perdue, Jo Arditty e Daniel Véronique, por exemplo, participaram do evento. O encontro durou quatro dias, foi financiado pelo CNRS e ocorreu em Aix-en-Provence.

Alguns dias depois desse evento, viajei para o Brasil para apresentar um trabalho no Congresso da FIPLV, ocorrido no norte do país. Em seguida, realizei coletas de dados no sul, onde passei alguns dias com a minha família.

Quando retornei à França, recebi a confirmação de duas comunicações que havia proposto com Gema. Gema era espanhola - atualmente professora da Universidade Autônoma de Madri - e doutoranda em Paris-Nanterre. A primeira comunicação ocorreu em Dunkerque, durante o *Terceiro Encontro de Jovens Linguistas*. A segunda foi em Barcelona, no EUROSIA 7 (*Seventh Annual Conference of the European Language Association*). Como resultado dessas participações, redigimos um capítulo para um livro que foi publicado depois do evento de Barcelona.

Participei, ainda no mesmo ano, do SEDIFRALE X, congresso que ocorreu em Cochabamba/ Peru. Tratava-se de uma mesa redonda sobre a aquisição de línguas estrangeiras coordenada por Noyau. Pude participar do evento ao lado dos membros do GRAL de Tucumán/ Argentina. A comunicação apresentada também transformou-se em capítulo de livro, publicado na Argentina.

De volta à Paris, Gema e eu submetemos um texto à revista *Letras* do Mestrado em Letras da UFSM, que já estava em sua 14ª edição. O texto foi

publicado em 1997, na edição temática denominada Alteridade e Heterogeneidade. As comunicações efetuadas, as coletas realizadas, os textos escritos com Gema motivaram-me a transcrever o material coletado, a escrever e a reescrever partes do meu trabalho de tese.

Aos poucos, no entanto, colegas da universidade com as quais compartilhei bons momentos de lazer e trabalho foram deixando a capital francesa: Maria Helena voltou para a Argentina, Maria Virginia para o Brasil, Jim-Nan para a Coreia, Gema para a Espanha. No final de 1997, Marie Pierre, com quem dividia o apartamento que alugava em Montparnasse, foi para o sul da França, passar o Natal com seus pais....

Parece pretensioso de minha parte, mas é como se Paris estivesse *vide*, ia se esvaziando aos poucos. Sozinha, o Natal de 1997 deixou de ser um momento de confraternização: passei ouvindo Renato Russo, transcrevendo e segmentando dados.

Decidi, então, que, para redigir a tese, também sairia de Paris. Fui morar na capital do Finistère, perto do mar, onde tinha conhecidos bretões.



Quimper 1998



1.7. *Une heure n'est pas qu'une heure*⁹

Em Quimper, pequena e encantadora cidade da Bretanha, eu era muito menos solicitada. Suspendi qualquer tipo de atividade que não contribuísse diretamente para o trabalho de redação de minha pesquisa. Eu trabalhava o dia inteiro, das 8h às 18h, de segunda a sábado. Cumpria metas..., escrevia, escrevia e reescrevia.

Não mais fui a congressos ou assemelhados, tornei-me caseira e metódica no trabalho a ser efetuado. À noite, ia ao cinema ou a um café no centro histórico da cidade. O único dia livre era domingo. Fazia, então, alguns passeios para espairecer e conhecer a região: ia à *criée* de Douarnenez, comprar frutos do mar; à Pointe du Raz (ou *fim do mundo*), fazer caminhadas em falésias com vistas para o mar; a Locronan, comer crepes, apreciar *un verre de hidromiel* ou sidra. Os contatos com minha orientadora ocorriam por meio de correspondências ou e-mails. Enfim, criei um ambiente ideal para finalizar o meu trabalho de tese no prazo previsto.

Quando já havia terminado a redação da pesquisa, participei, com uma comunicação, do encontro EUROSILA 8, que ocorreu na Suécia. Apresentei alguns resultados da pesquisa realizada, destacando alguns contextos discursivos de emergência da morfologia verbal presentes nos dados analisados.

Antes de enviar as cópias do trabalho para a banca, reajuste o título da tese, que ficou o seguinte: *L'appropriation de la temporalité morphologique en langue étrangère: contextes linguistiques d'émergence et de structuration*.

As razões que me motivaram a desenvolver tal pesquisa e as primeiras questões que expus em relação à aquisição do francês como língua estrangeira (FLE) diziam respeito ao (i) *input*. Ou seja, às consequências do pouco acesso e exposição à língua, (ii) às motivações dos estudantes universitários do Sul do Brasil na aquisição do FLE e (iii) ao modo como os aprendizes apropriavam-se de uma língua estrangeira em um contexto distanciado da comunidade que a emprega no cotidiano.

A tese possui três partes:

A primeira comporta quatro capítulos. No primeiro, justifiquei a escolha do tema, ressaltando as especificidades da aprendizagem de uma língua estrangeira por adultos em meio guiado. No segundo e terceiro capítulos,

revisei modelizações e conceitos pertinentes à elaboração do estudo. Apresentei as bases teóricas do trabalho e as escolhas metodológicas realizadas.

Embora o quadro metodológico já estivesse presente nos segundo e terceiro capítulos, o quarto é integralmente dedicado a ele. Apresentei as informantes, o modo como o corpus foi constituído e as escolhas operadas na análise dos dados.

A segunda e terceira partes abarcaram os capítulos empíricos sobre a temporalidade em língua estrangeira e em língua materna. As análises compreenderam todas as produções coletadas. Para a parte interpretativa, retomei elementos do *modelo da Quaestio* (Klein & Sutterheim), do *modelo da competição* (Bates), da estrutura narrativa proposta por Labov, das noções de *plano de objetivo* (Trabasso e Nickels) e de *pensar para falar* (Slobin), principalmente.

Na conclusão geral, discuti os resultados. Nos anexos, forneci informações sociobiográficas dos informantes e o corpus analisado.

A defesa do trabalho ocorreu no início de dezembro de 1998 em Paris-Nanterre. A banca foi composta por Colette Noyau (orientadora), Rémy Porquier (Paris-Nanterre), Maria Helena Araújo Carreira (Paris VIII), Clive Perdue (Paris VIII) e Georges-Daniel Véronique (Paris III). A menção obtida foi *Très honorable*.

Por fim, o evento foi festejado com cidra, *kouign-amanns* e *turrões*, doces típicos da Bretanha e da Espanha (pois Gema foi a Paris para assistir à defesa).



Diploma de doutorado em Ciências da Linguagem e Fonética

Na próxima seção, escrevo sobre o meu Estágio Pós-doutoral, efetuado em 2017, na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Izabel Seara. Conseguimos, eu e Giovana - também professora do curso de Letras da UFPel, com quem casei em 2008 -, obter afastamento da UFPel no mesmo ano para realizarmos esse estágio e trabalhar com a mesma supervisora. Tal estágio foi longamente projetado para que pudéssemos juntas realizá-lo. Izabel Seara, coordenadora do FONAPLI, laboratório semelhante ao que criamos na UFPel, o LELO, foi muito receptiva aos projetos enviados. Trata-se de uma pesquisadora brasileira com grande experiência em fonética e na análise de dados de fala e era justamente esse conhecimento que estávamos buscando. Desejamos adentrar mais a fundo no universo da acústica da fala e da sua análise por meio do software PRAAT. A professora Izabel também encontrou, nessa orientação, uma maneira de colocar em funcionamento materiais disponíveis no FONAPLI, mas que ainda não estavam sendo utilizados. O ultrassom era um deles.



Florianópolis 2017



***1.8. A gente sempre deve sair à rua
como quem foge de casa⁸***

No início de 2017, durante as primeiras reuniões realizadas com Izabel Seara, no FONAPLI, o nosso cronograma de atividades foi reorganizado. Além das ações relativas ao projeto de pesquisa aprovado, estabelecemos outras tantas a serem desenvolvidas durante o estágio: participação em bancas, organização de eventos e de periódico, participação em disciplinas da pós-graduação e em reuniões junto aos membros do FONAPLI.

O Estágio pós-doutoral contou, então, com dois tipos de atividades: a) atividades de pesquisa, ou seja, contendo ações que pudessem promover o desenvolvimento do projeto de investigação proposto e b) atividades didáticas, de formação e/ou técnicas.

Nas primeiras atividades, busquei consolidar conhecimentos sobre a acústica da fala e sua análise com o intuito de caracterizar as vogais orais do Português Brasileiro (PB) das cidades de Pelotas e de Rio Grande, ambas situadas no Rio Grande do Sul. Projetei coletas de dados a serem efetuadas com adultos desses dois municípios e assisti a uma disciplina ministrada pela minha supervisora sobre fonética acústica.

O empreendimento visou a (i) aumentar o acervo oral do Banco VORAIS (Vogais Orais do Extremo Sul do Brasil) do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO/ UFPel) - que contava com dados de poucos informantes - e (ii) coletar material sonoro suficiente para efetuar uma caracterização acústica das vogais tônicas do sul do RS. Para fins de análise, planejei levar em consideração a duração absoluta, a duração relativa e os três primeiros formantes dos segmentos vocálicos tônicos contidos em palavras e logatomas. O trabalho de investigação envolvia análises acústicas - por meio do software PRAAT - e análises articulatórias, a serem empreendidas mais tarde - por meio do *software Articulate Assistant Advanced* (AAA). O projeto estava vinculado a abordagens emergentistas e funcionalistas que buscam, por meio de ferramentas tecnológicas atuais, auxiliar pesquisadores da área a melhor descrever e compreender fenômenos relativos ao processamento da linguagem em tempo real.

Quanto às atividades didáticas e/ou técnicas, o estágio pós-doutoral objetivou o fortalecimento de aspectos ligados à acústica e a busca de interlocuções que envolvessem a articulação e a dinâmica da fala. Para tanto, criamos e organizamos dois eventos e ministramos dois cursos com foco na

Fonologia Gestual e no uso do ultrassom para a análise de dados linguísticos. O pós-doutoramento, sob a supervisão da Prof^a Izabel Seara, contou com ações efetuadas em Rio Grande, Pelotas e Florianópolis. Sendo assim, por exemplo, o primeiro curso foi ministrado na FURG e o segundo na UFSC. A seguir, as atividades realizadas, incluindo os cursos projetados, participação em edital, o envolvimento com bancas, disciplinas, apresentação de trabalhos, organização de eventos, periódico e material didático.

1 CURSO: INTRODUÇÃO À FONOLOGIA GESTUAL

Local e período: FURG/RS - 20 a 22 de março de 2017

Ministrantes: Mirian Rose Brum-de-Paula e Giovana Ferreira-Gonçalves

Em março, preparando um dos módulos que iríamos ministrar na UFSC, no segundo semestre de 2017, uma primeira versão da disciplina foi concebida. Essa versão originou um *Curso introdutório à Fonologia Gestual*, que ocorreu no Instituto de Linguística Aplicada (ILA) da FURG/RS. O curso, ministrado em três módulos, ocorreu em março de 2017.

2 CURSO: A ULTRASSONOGRAFIA APLICADA A DADOS LINGUÍSTICOS

Local e período: FONAPLI/ UFSC - de julho a agosto de 2017

Quatro módulos foram desenvolvidos durante o curso: (i) A ultrassonografia e as Ciências da Fala, (ii) O aparelho de ultrassom e o estabilizador de cabeça, (iii) o *software* AAA e a aquisição de dados e (iv) Estudos linguísticos e o uso do ultrassom.

O FONAPLI possui equipamentos de ponta para o desenvolvimento de pesquisas sobre a fala. A existência de um ultrassom *Mindray 5* levou à proposta desse curso introdutório. O objetivo foi dar conta do funcionamento básico do modelo de ultrassom disponível no FONAPLI e do *software* AAA, desenvolvido para análise de dados acústicos e articulatórios. Foi também necessário criar material didático para o uso do AAA e do estabilizador de cabeça (que comporta a sonda do ultrassom).

Após o desenvolvimento desses módulos, os participantes do curso poderiam realizar, sem muitos entraves, um módulo avançado do *software* AAA a ser ministrado no mês de novembro, pelo professor Alan Wrench, no 1º Workshop Ultrassonografia E Estudos Da Fala (WUSEF) .

3 PARTICIPAÇÃO EM EDITAL PARA PROMOÇÃO DE EVENTOS

No primeiro semestre de 2017, participamos de um Edital da CAPES a fim de obter financiamento do evento que programamos fazer e que dizia respeito à aplicabilidade do ultrassom em estudos da fala. O evento deveria ocorrer na UFSC e proporcionar um encontro de pesquisadores que estivessem trabalhando com essa ferramenta no Brasil. Idealizamos a ida de Alan Wrench, engenheiro da fala, ligado à *Queen Margaret University*. A professora Giovana Ferreira Gonçalves encabeçou a proposta, eu e Izabel Seara fizemos parte da equipe participante.

4 ORGANIZAÇÃO DO 1º WORKSHOP ULTRASSONOGRAFIA E ESTUDOS DA FALA (1º WUSEF) & DO CURSO USING AAA RESEARCH

Local: UFSC

Promoção: FONAPLI (UFSC) e LELO (UFPeI)

Apoio: PPGLIN, PPGI (ambos da UFSC) e PPGL (UFPeI)

Organizadoras: Giovana Ferreira-Gonçalves, Mirian Rose Brum-de-Paula, Izabel Christine Seara e Rosane Silveira

Como a proposta enviada à CAPES prosperou, pudemos realizar o 1º WUSEF e o curso avançado sobre o AAA. O evento contou com a participação do professor Alan Alexander Wrench, que realizou uma apresentação do *software SonoSpeech* e um curso avançado sobre o emprego do *software Articulate Assistant Advanced (AAA)*, ambos por ele concebidos e empregados em diferentes núcleos de pesquisa. O evento reuniu investigadores que desenvolvem pesquisas sobre linguagem típica e atípica e que empregam o ultrassom, associado ou não a outras tecnologias. Pudemos, assim, reunir linguistas, professores de línguas e fonoaudiólogos em torno de um tema comum e de uma formação complementar importante para os envolvidos nesse tipo de investigação linguística.

O uso do ultrassom tem sido associado a estudos em: (i) aquisição de língua materna - normal e com desvios; (ii) aquisição de línguas estrangeiras - empregado como apoio a tarefas de instrução explícita; (iii) descrição e análises de dados do português; (iv) descrição e análise de dados variáveis e (v) desenvolvimento de terapias de fala.

Dentre os convidados para comporem as mesas redondas do *workshop* destaco a presença de Eleonora Albano (UNICAMP), Márcia Keske-Soares (UFSM), Helena Bolli Mota (UFSM) e Larissa Berti (UNESP).

5 CRIAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO DO 1º WSEF

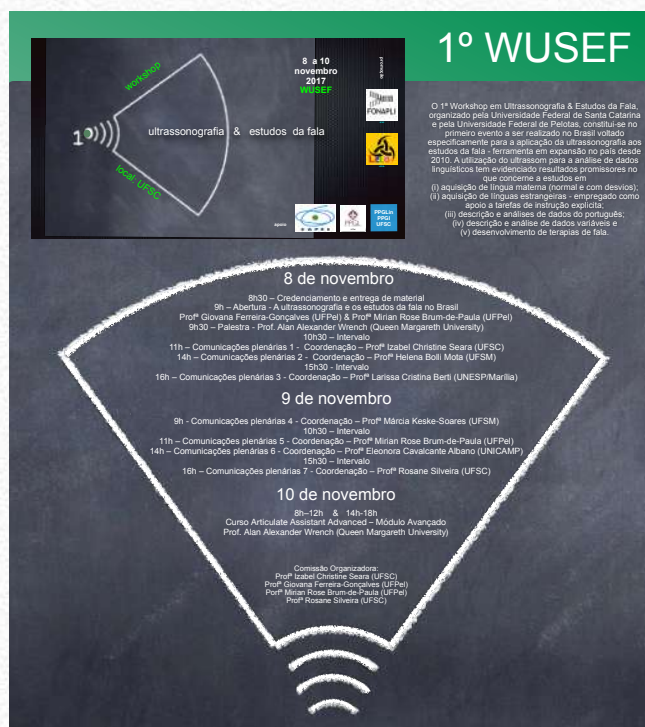
Como em outros eventos que organizei, criei as diferentes peças empregadas no evento: logotipia, cartaz para divulgação, crachás, pastas, folhas para anotações, certificados e caderno de resumos.



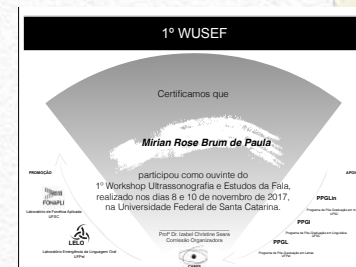
Crachá



Adesivo da pasta



Cartaz



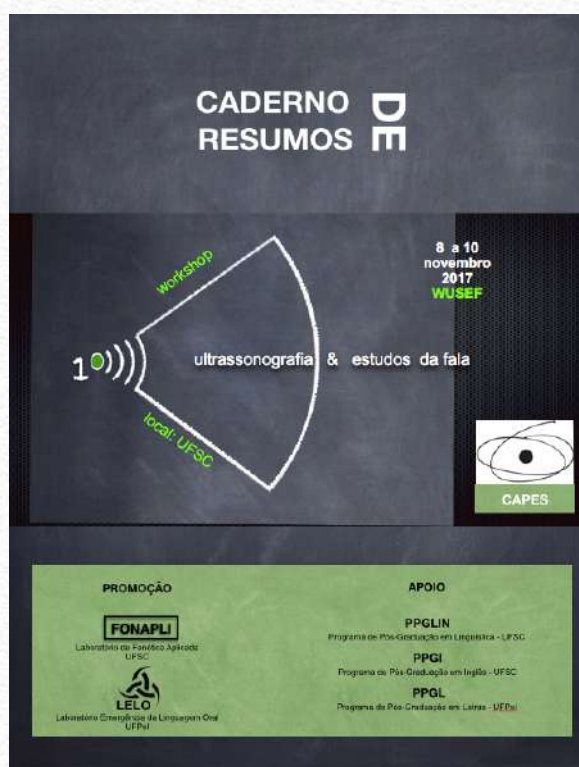
Certificado



Bloco de anotações

6. ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE RESUMOS DO 1º WUSEF

O Caderno de Resumos do evento foi organizado por mim, por Giovana Ferreira Gonçalves e Izabel Christine Seara. O documento foi produzido para ser acessado eletronicamente pelos participantes do evento. A arte e diagramação do Caderno de resumos foram realizadas por mim.



Disponível em:

<https://fonapli.paginas.ufsc.br/files/2017/11/IWSEF-2017.pdf>

6 APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

6.1 Título: *A influência do padrão articulatorio do português na aquisição das vogais nasais francesas por aprendizes brasileiras*

Autoras: Bruna T. Correa, Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian R. Brum-de-Paula

Evento e data: 6º SENALLP - Rio Grande - maio de 2017

6.2 Título: *A aquisição das vogais nasais francesas por aprendizes brasileiras: aspectos articulatorios*

Autoras: Bruna T. Correa, Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian Rose Brum-de-Paula

Evento, local e data: III Encontro Intermediário do GT de fonética e fonologia da ANPOLL - Porto Alegre - 24 e 25 de agosto de 2017

6.3 Título: *A ultrassonografia e os estudos da fala no Brasil*

Autoras: Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian Rose Brum-de-Paula

Evento, local e data: 1º WUSEF - Florianópolis - 08 de novembro de 2017

6.4 Título: *A aquisição das vogais nasais francesas por aprendizes brasileiras: aspectos articulatorios*

Autoras: Bruna T. Correa, Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian Rose Brum-de-Paula

Evento, local e data: 1º WUSEF - Florianópolis - 09 de novembro de 2017

7 PARTICIPAÇÃO EM DISCIPLINAS DA PÓS-GRADUAÇÃO

7.1. Disciplina: *Fonética e suas interfaces* (LIN 410029-41000145)

Giovana Ferreira Gonçalves e eu fomos responsáveis por um dos três módulos da disciplina *Fonética e suas interfaces*. Tal disciplina era ministrada pelos professores Izabel Christine Seara e Juan Manuel Sosa no PPG da UFSC.

7.2. Disciplina: *Metodologia da Pesquisa em Aquisição e Processamento da Linguagem* (LIN 410079)

A Profª Ana Cláudia de Souza, responsável pela disciplina, propôs o *Colóquio sobre Metodologia da pesquisa em Psicolinguística*. No dia 11 de outubro de 2017, participamos do evento com a palestra *Métodos de pesquisa em aquisição da linguagem*. O Colóquio fazia parte da disciplina e contou com a participação de outros pesquisadores.

8. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

8.1 Bancas de Mestrado e Doutorado (UFPeL e UFSC)

Data e local: abril de 2017 - UFPeL

Dissertação: *Aquisição das vogais nasais francesas por aprendizes brasileiros: aspectos acústicos, articulatórios e perceptuais*

Autora: Bruna Teixeira Correa

Orientadora e co-orientadora: Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian Rose Brum-de-Paula

A professora Izabel Seara participou da banca de defesa do trabalho de Bruna Correa.

Data e local: julho de 2017 - UFPeL

Qualificação de dissertação: *Produção de sibilante com consoante inicial por brasileiras aprendizes do francês como língua adicional*

Autor: Gilson Ramos Lopes Neto

Orientadora e co-orientadora: Maria José Blaskovski Vieira e Mirian Rose Brum-de-Paula

Data e local: fevereiro de 2018 - UFPeL

Dissertação: *Prótese vocálica em SC inicial por falantes brasileiros de Francês L2*

Autor: Gilson Ramos Lopes Neto

Orientadora e co-orientadora: Maria José Blaskovski Vieira e Mirian Rose Brum-de-Paula

Data e local: 16 de maio de 2017 - UFSC

Tese: *Estudo acústico e aerodinâmico das consoantes nasais do português brasileiro: variedade de Florianópolis*

Autora: Michele Gindri Vieira

Orientadora: Izabel Christine Seara

9. ORGANIZAÇÃO DE PERIÓDICO

Periódico: Caderno de Letras

Temática: Interfaces entre fonética e fonologia: conceitos, pesquisas, perspectivas

Organizadoras: Izabel Seara, Giovana Ferreira-Gonçalves e Mirian Brum-de-Paula

Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/16711>

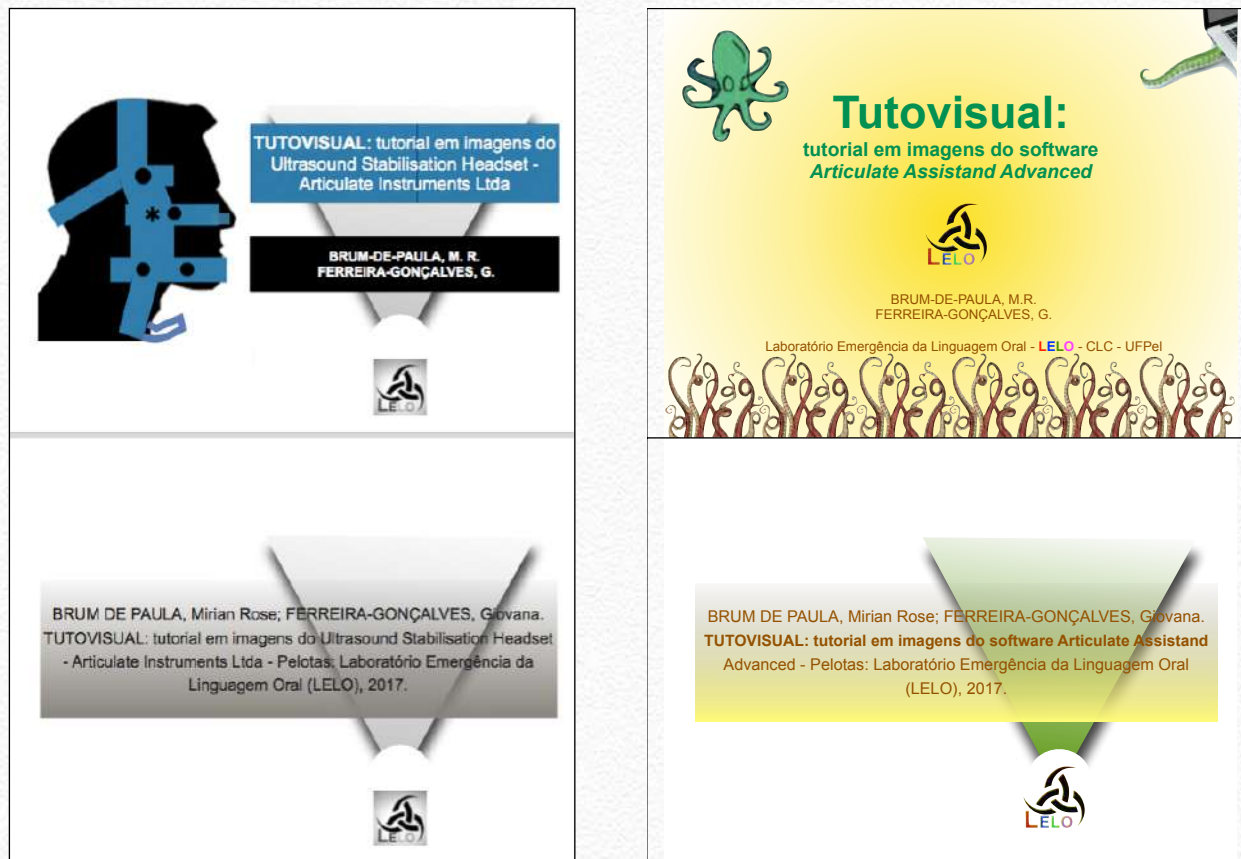
10. CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

10.1 *Tutovisual: tutorial em imagens do Ultrasound Stabilisation Headset - Articulate Instruments Ltda* (abaixo, à esquerda)

10.2 *Tutovisual: tutorial em imagens do software Articulate Assistand Advanced* (abaixo, à direita)

Esses dois tutoriais foram criados durante o curso *A ultrassonografia aplicada a dados linguísticos*, ministrado na UFSC. O material foi organizado em forma de fichas para serem acessados no computador.

65



As duas primeiras páginas de cada um dos tutoriais

Na sequência, a segunda parte deste Memorial.

Parte II

MIOLO

Santa Maria - Pelotas 1998 - 2022



UFPel e São Gonçalo (foto de Fernanda Tomiello)

2.1. Le temps altère toute chose¹⁰

Chegando em Santa Maria, observei que a paisagem do ensino - público e privado - havia mudado bastante.

No que diz respeito ao ensino público, na UFSM, principalmente, constatei um aumento significativo de professores doutores, a criação de novos laboratórios de pesquisa e novos cursos de Mestrado e Doutorado. O Mestrado em Letras, por exemplo, estava melhor organizado e estruturado, tinha um bom número de docentes e vários estudantes bolsistas da CAPES e do CNPq. No que concerne ao ensino privado, novas faculdades tinham sido criadas e os cursos de línguas multiplicaram-se no centro da cidade. Posto isso, constatei que a AF havia fechado suas portas, por falta de verbas, por falta de estudantes interessados na aprendizagem do francês (ou vice-versa) e/ou por uma má gestão dos cursos e da própria instituição.

De retorno à Universidade, eu tinha novas escolhas a realizar e funções a assumir. Um dos aspectos positivos da profissão escolhida é a relativa liberdade para propor ações que envolvam a comunidade, integrar ou criar equipes de trabalho, participar de seminários e congressos, avançar *in solo* ou no seio de uma equipe de pesquisa, engajar-se em atividades docentes ou administrativas da graduação e da pós-graduação.

Assim, retomei as aulas na graduação e iniciei minhas atividades na pós-graduação. Além das disciplinas ministradas no PPGL, fui coordenadora e vice-coordenadora do Programa, criei o Laboratório Corpus, o PPGL Editores e algumas publicações do Programa da UFSM. Além disso, orientei alunos na iniciação científica e no mestrado e organizei alguns eventos que julgo importantes.

Como, entre 2008 e 2009, desejei trabalhar em outro local, fiz minha inscrição em um concurso para professora de língua francesa na UFPel. Porém, antes do concurso, fui transferida para essa mesma instituição por meio de uma troca entre docentes. Na UFPel, uma professora do curso de Letras desejava ir para a UFSM. Como havia interesse de ambas universidades nessa troca, ela acabou ocorrendo. Deixei Santa Maria para trabalhar em Pelotas em 2009. Giovana também desejava sair da UFSM, realizou

concursos na UFSC e na UFPel e foi aprovada em ambos. Como fui transferida para a UFPel, optou pela segunda instituição.

Na UFPel, consolidamos um trabalho em equipe iniciado em Santa Maria: criamos um grupo de pesquisa (ELO), o Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), uma revista, participamos de vários editais da CAPES, FAPERGS e CNPq, organizamos eventos, publiquei e publicamos, no plural, já que sempre que possível privilegiei a escrita de textos com outros colegas ou orientandos.

Enfim, muitos dos projetos concebidos na UFSM e na UFPel foram exitosos; outros um pouco menos. Assim, algumas iniciativas prosperaram. Ou seja, as imaginei e construí seus alicerces. Depois, mesmo sem a minha participação, continuaram a ser desenvolvidas, *tijolinho por tijolinho*, muitas vezes por colegas que, atualmente, nem mesmo conheço. Outras, embora tenham tido bons resultados, encerraram-se quando não mais as assumi. É o caso, por exemplo, da *Coleção Ensaio*, periódico da UFSM, da revista *Verba Volant*, periódico da UFPel, do evento periódico *Navegar é preciso* do PPGL da UFPel.

69

Coloco em evidência, nesta parte do Memorial, as atividades que julgo mais relevantes e que compreendem um período mais estável da minha trajetória profissional, que inicia em 1999, já que a minha formação doutoral finalizou em dezembro de 1998 e eu não mais necessitei interromper ações em curso para a sua realização.

Tais atividades são exemplos do meu papel dentro dessas instituições de ensino, do meu engajamento e esforço para atingir os objetivos fixados e da minha satisfação em realizá-las.

Como indiquei na introdução deste texto, esta segunda parte está organizada da seguinte maneira: início com as atividades didáticas desempenhadas e as orientações realizadas. Obviamente, nem todas foram recuperadas, mas enumerei as que consegui lembrar e foram lançadas no meu *Curriculum Lattes*. Em seguida, listei, de modo cronológico, publicações efetuadas em forma de livro, capítulo de livro e artigo, além de outros textos menores que aprecio. Depois, informo sobre funções administrativas executadas e, de modo um pouco menos breve, sobre o período em que coordenei o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Sigo,

então, destacando atividades ligadas à participação, fomento e constituição de grupos de pesquisa, o que incluiu a coordenação de laboratórios e a organização e promoção de eventos de médio e pequeno portes, principalmente. Na sequência, destaco a minha participação em atividades editoriais, criação de jornal, periódicos e publicação seriada em forma de livro. No item que segue, informo sobre projetos de ensino, pesquisa e extensão que coordenei. Finalmente, termino tecendo comentários sobre projetos submetidos a agências de fomento. Nesta parte, cito os que mais angariaram recursos. Destaco este aspecto, porque o aporte financeiro na pesquisa a promoveu, tendo reflexos também positivos nas atividades de extensão e ensino.



2.1.1. Atividades de ensino e orientação (graduação e pós-graduação)

As atividades de ensino e orientação são as que mais desempenhei na UFSM e na UFPel. As atividades de ensino realizaram-se de modo muito diverso, como pode ser constatado a seguir.

Eis as disciplinas que ministrei na UFSM:

- Francês I
- Francês II
- Francês III
- Francês IV
- Francês V
- Francês VI
- Francês VII
- Francês VIII
- Literatura francesa
- Estratégias de leitura (para o Curso de Mestrado em Educação)

71

Na UFSM, a formação português/francês foi suprimida no início de 2002. A Administração Central tratava as questões acadêmicas, naquele momento, de modo quantitativo. Nas publicações oficiais da universidade, por exemplo, os dados numéricos contavam muito. No que concerne à formação FLE, o número de estudantes inscritos nos últimos semestres dessa licenciatura, principalmente, não resistiu à comparação com o das formações em inglês e, sobretudo, em língua espanhola. Esse contexto estava em parte relacionado à pouca presença da língua francesa nas escolas públicas e/ou privadas da região. Ou seja, ao fato de a universidade estar formando profissionais sem que o mercado de trabalho pudesse absorvê-los. Consequentemente, o Departamento de Letras Estrangeiras, pressionado pela Pró-Reitoria de Graduação, decidiu pela extinção da formação português/francês, embora a língua francesa continuasse a figurar na grade do Curso de Letras como disciplina optativa. Na sequência, mudei de departamento. Integrei, então, o Departamento de Letras Clássicas e Linguística e passei a ministrar as seguintes disciplinas:

- Teorias da Linguagem
- Linguística aplicada ao ensino do espanhol
- Compreensão e produção da linguagem
- Aquisição da linguagem: língua estrangeira
- Descrição e análise linguística

Dentre essas disciplinas, as três primeiras eram do cursos de Letras, Educação Especial e Espanhol. As demais disciplinas eram do Mestrado em Letras.

Na UFPel, fui responsável pelas disciplinas que seguem:

- Linguística Geral I
- Linguística Geral II
- Linguística I
- Psicolinguística
- Linguística Textual
- Sociolinguística
- Linguística Cognitiva
- Tópicos do Português Brasileiro
- Tópicos Especiais em Fonética Acústica
- Seminário Avançado em Teoria Fonológica
- Modelos Emergentistas em Aquisição da Linguagem
- Seminário de Pesquisa em Estudos de Linguagem

As oito primeiras disciplinas são da graduação. As quatro últimas, do Mestrado e/ou Doutorado em Letras da UFPel.

Em relação a orientações, quando iniciei minhas atividades na UFSM, as bolsas de iniciação científica (IC) eram raras e eu ainda não tinha realizado o meu doutorado. Mais tarde, quando o defendi e voltei para o Brasil, os editais para esse tipo de bolsa já existiam de forma periódica. Na UFSM, eles eram restritos à pós-graduação. Ou seja, somente professores da pós-graduação poderiam postular essa bolsa, já que a ideia era a de formar estudantes com perfil para a pesquisa que poderiam continuar na instituição para efetuar o mestrado sob a orientação do mesmo professor.

Quando fui transferida para a UFPel, em 2009, o Curso de Mestrado ainda não havia sido criado nas Letras. As bolsas de IC eram raras, como na época em que ingressei na UFSM. Havia editais, mas poucas bolsas estavam disponíveis, e a prioridade era para quem já tinha bolsista de IC. Como, na época, orientava uma bolsista PIBIC/CNPq na UFSM, essa orientação pode ser transferida para a nova instituição e a finalizei na UFPel. Em 2010, no entanto, já estava com orientação nova, solicitada e obtida na UFPel.

Na nova instituição, muito rapidamente, esse número reduzido de bolsas mudou. Os cursos de mestrado e doutorado foram sendo criados, as bolsas de pesquisa - para a iniciação científica e para estudantes da pós-graduação - foram aumentando e as normas dos editais para postulá-las foram sendo alteradas. Havia, pois, uma nova dinâmica na universidade, promovida e apoiada pelo Governo Federal desde 2008. Tendo aderido ao REUNI, a UFPel cresceu, restaurou e construiu prédios, ampliou o quadro docente, criou novos cursos. Nesse contexto, em 2010, o Mestrado em Letras foi criado e iniciou suas atividades em março de 2011. Não assumi nenhuma orientação de mestrado nos primeiros anos, mas atuei no curso desde a sua criação. Pude, na sequência, assumir orientações no mestrado e, mais recentemente, no doutorado.

Na graduação, essas orientações ocorreram, então, de modo constante. Participei de quase todos os editais publicados anualmente pela Pró-Reitoria ligada à pesquisa e sempre pude contar com pelo menos uma bolsa de IC por ano. Algumas orientações iniciaram na graduação e continuaram na pós-graduação. Outras, iniciaram no mestrado e continuam, porque estão andamento, no doutorado.

Dentre as 48 orientações assumidas, quatro estão em curso. O conjunto dessas orientações inclui estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado.

2.1.2. Produção intelectual

Nesta seção, arrolei os textos que considero mais relevantes de minha produção acadêmica. Como esta não é uma tarefa simples, porque cada um tem a sua importância, somente deixei de lado os (i) resumos, expandidos ou não, publicados em anais ou *cadernos de resumos*, (ii) prefácios e apresentações de livros ou periódicos, quando breves, (iii) material instrucional de uso restrito, quando disponíveis de forma digital. Tais produções não são destacadas para constarem no corpo do Memorial pela Resolução nº15 de 03 de julho de 2014, que normatiza critérios da UFPel para a sua confecção, embora possam, acredito, serem colocadas em relevo pelo professor que as efetuou. Também não inseri apresentações de trabalhos em eventos (palestras, comunicações e cursos, por exemplo). No entanto, podem ser recuperadas no meu Currículo Lattes, caso os membros da banca julguem necessário.

Em alguns casos, integrei elementos visuais e comentários sobre uma ou outra produção relacionada nesta parte, visando a que o conjunto das produções sejam melhor apreciadas e que não figurem somente em listas de produção, como as fornecidas no Lattes. Ainda, quanto aos artigos - e também alguns capítulos de livro ou prefácios referidos -, o leitor poderá rapidamente consultar os que estão à disposição na rede internet, porque inseri *links* que a eles dão acesso. Como, talvez, tal procedimento torne a leitura descontinuada e mais longa, inseri a primeira página dos artigos listados, o que quase sempre dá acesso aos resumos dessas publicações. O leitor pode, assim, ter opções de leitura, mais estendida ou mais breve, como lhe for conveniente.

Os textos selecionados estão organizados do seguinte modo: inicialmente, listei livros e capítulos de livros. Na sequência, artigos. Como realizei algumas traduções que foram publicadas em periódicos ou livros, as refiro como capítulos de livro ou artigos publicados. Também encaixei, no primeiro tópico, a organização de livros, periódicos, anais e cadernos de resumos - desde que tivessem mais de 60 páginas.

Os documentos da CAPES oscilam muito sobre o modo de considerar, para fins de avaliação, traduções e organizações de textos científicos, mas, muito

frequentemente, as inclui em subitens relacionados à publicação de livro. Segui, então, esse critério. Considerei, ainda, como livro, produções de material didático e instrucional que foram realizadas nesse formato. Alguns prefácios de livros ou revistas foram igualmente citados. Para tanto, deveriam assemelham-se a capítulos ou a artigos (por conta de sua extensão e conteúdo).

Enfim, ordenei o material cronologicamente. Assim, cada subseção inicia com a produção mais antiga e termina com a mais recente. No que concerne ao primeiro tópico, ou seja, aos livros, indico à direita de cada publicação, se a produção é um livro (L), um capítulo de livro (Cap), a organização de livro ou periódico (Org), de anais ou caderno de resumos (OAC) ou um prefácio (P).

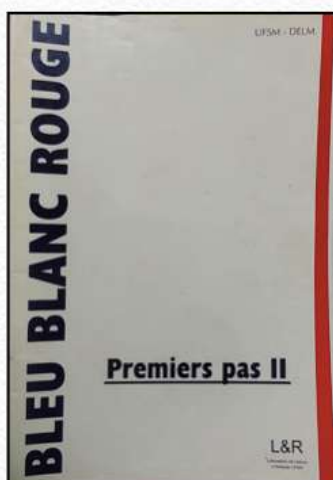


2.1.2.1 Livros, capítulos de livros, organização de livros, anais e cadernos de resumos, prefácio

1. PHANAVANH, O.; CHIBELA, B.; MZEE, A.; BRUM-DE-PAULA, M.R. *Franche-Comté, Série Régions de France*, n.4, 1991, p. L
2. BRUM-DE-PAULA, M.R.; ESPINAR, G.S. La organización textual del relato en lengua materna y en lengua extranjera. In. DÍAS, P.; PÉREZ, C. (Orgs) *Views on the acquisition and use of a second language*. Barcelona: University Pompeu Fabra, 1997, p. 329-340. Cap
3. BRUM-DE-PAULA, M.R.; MASSMANN ELEODORO, D.R. *Bleu, Blanc, Rouge: premiers pas I*. Santa Maria: L&R-UFSM, 2001. 56 p. L
4. BRUM-DE-PAULA, M.R.; MASSMANN ELEODORO, D.R.; BARBOSA, V.D. *Bleu, Blanc, Rouge: premiers pas II*. Santa Maria: L&R-UFSM, 2001. 66 p. L

Bleu, Blanc, Rouge: premiers pas (I e II) são dois métodos de FLE elaborados por mim e duas bolsistas de IC. Os estágios efetuados no CIEP/Sèvres foram importantes para que eu pudesse confeccioná-los e orientar Débora e Vanderlene. As duas publicações foram confeccionadas durante dois projetos de ensino, ligados ao Laboratório de Leitura e Redação do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM. Esse empreendimento contribuiu para que os cursos de FLE pudessem ser ofertados sem a compra de manuais importados - pelos estudantes ou pela própria instituição. Ambos métodos eram publicados na gráfica da universidade e distribuídos gratuitamente.

76



Capas e primeiras páginas dos dois métodos

5. BRUM-DE-PAULA, M.R.; SCHERER, A.E. (Orgs.) *Coleção ensaios, número temático: Le français autrement*, nº2. Santa Maria: Pallotti, 1999. 199 p.

Org

6. BRUM-DE-PAULA, M. R. Au-delà du lecte de base: séquences de développement et contextes discursifs potentiels d'émergence de nouveaux tiroirs verbaux. In: VILLECCO, M. E. (Org.) *Recherches sur l'acquisition des langues en Amérique Latine*. Tucumán: Departamento de Publications de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Tucumán, 1999, p.318-354

Cap

A maior parte dos capítulos que fazem parte deste livro tem sua origem nas apresentações realizadas na mesa redonda denominada *Convergences*, que ocorreu no SEDIFRALE X em Cochabamba/ Bolívia. Maria Elena Villecco, membro do GRAL, organizou-o e publicou-o pela Universidad Nacional de Tucumán/ Argentina.

7. BRUM-DE-PAULA, M.R.; PARAENSE, S.C.L. (Orgs.). *Coleção ensaios, número temático: Linguística e Literatura*, nº3. Santa Maria: Pallotti, 2001. 130 p.

Org

8. SCHERER, A.E.; BRUM-DE-PAULA, M.R. Memória e história das ideias: o ensino do francês no RS do fim do século XIX ao início do século XX. 2002. In: ORLANDI, E.P.; GUIMARÃES, E. *Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das Ideias Linguísticas*. Campinas: Pontes, 2002. p.121-138.

Cap

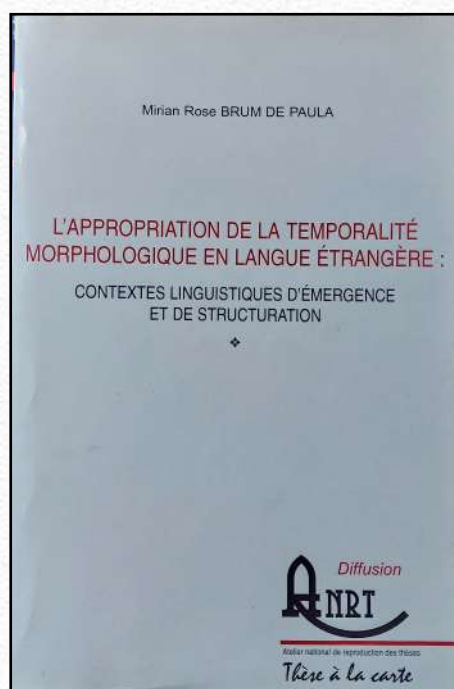
9. BRUM-DE-PAULA, M.R.; SCHERER, A.E.; PARAENSE, S.C.L. (Orgs.). *Letras, número temático: Corpus - Análise de dados e cultura acadêmica*, nº 21. Santa Maria: Pallotti, 2002. 143 p.

Org

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12456/7911>

10. BRUM-DE-PAULA, M.R. *L'appropriation de la temporalité morphologique en langue étrangère: contextes linguistiques d'émergence et de structuration*. Lille: ANRT, 2003. 537 p.

L



Em 2002, cedi os direitos autorais de minha tese ao *Atelier National de Reproduction des Thèses* (ANRT). Desde 2003, ela está, consequentemente, disponível sob forma de livro no endereço da editora ou pelo site www.anrtheses.com.br

Capa do livro

11. BRUM-DE-PAULA, M.R.; PARAENSE, S.C.L. (Orgs). *Letras, número temático: Produção discente do PPGL*, nº 25. Santa Maria: Pallotti, 2004. 170 p.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12452/7907>

12. GUIMARÃES, E.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs). *Sentido e Memória*. Campinas: Pontes, 2005, 208 p.

13. BRUM-DE-PAULA, M.R. Da intenção à articulação: modelizações e análise proposicional. In: GUIMARÃES, E.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs). *Sentido e Memória*, Pontes, 2005, p.69-92.

14. ZUR LIPPE, R. A geometrização do homem na Europa: época moderna. Tradução de Mirian Rose Brum-de-Paula. In: GUIMARÃES, E.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs). *Sentido e Memória*, Pontes, 2005, p.129-184.

Em 2005, publiquei dois trabalhos no livro *Memória e Sentido*, organizado com Eduardo Guimarães. O livro compreende produções de diferentes autores que tratam do sentido na linguagem e sua relação com a memória e com o funcionamento da sociedade. A obra resultou do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), desenvolvido pela UFSM e pela UNICAMP. Participaram desse Programa, professores e orientandos vinculados ao Laboratório Corpus (UFSM) e ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).

O livro foi financiado pela CAPES.

Org

Org

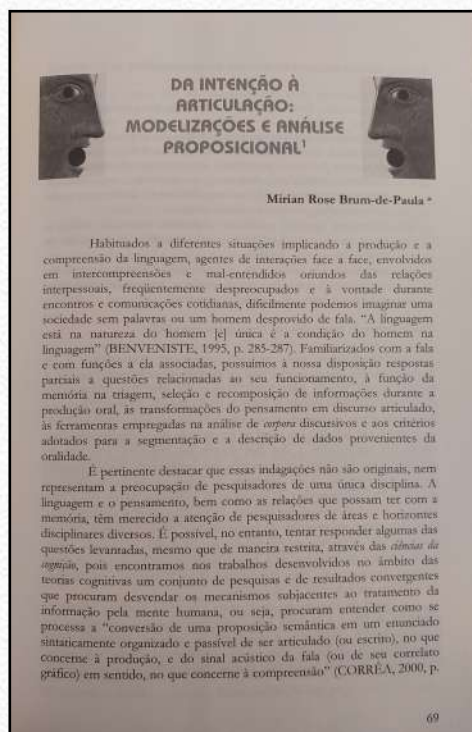
Cap

Cap

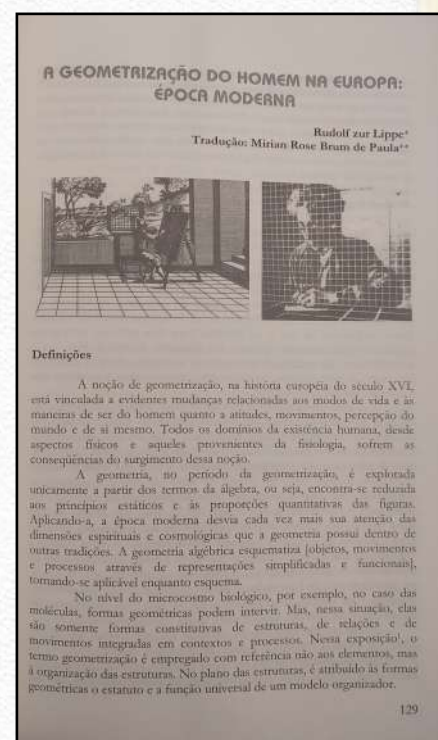
78



Capa do livro



Capítulo publicado: primeira página



Tradução: primeira página

15. BRUM-DE-PAULA, M.R.; ESPINAR, G.S. (Orgs). *Letras, número temático: Aquisição de Línguas Estrangeiras*, nº30-31. Santa Maria: Pallotti, 2006. 180 p.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/651>

16. BRUM-DE-PAULA, M. R. *Ler em francês*. Santa Maria: PPGL Editores - UFSM, 2006, 123 p.

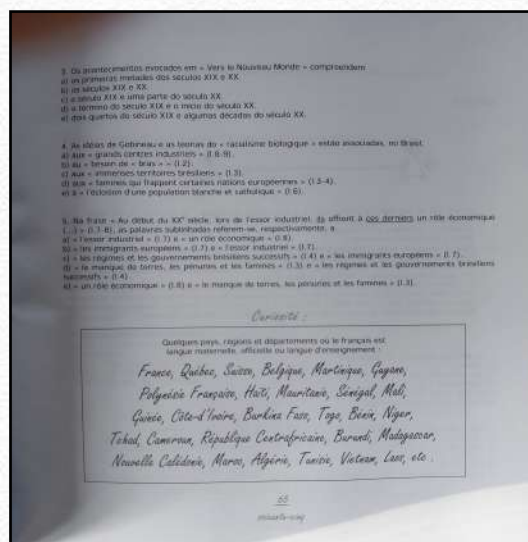
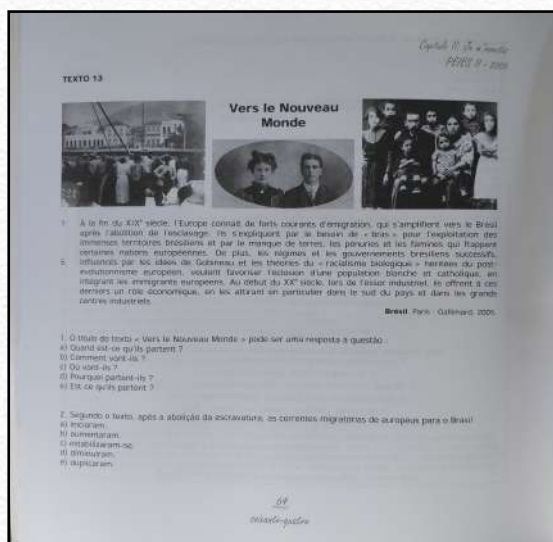
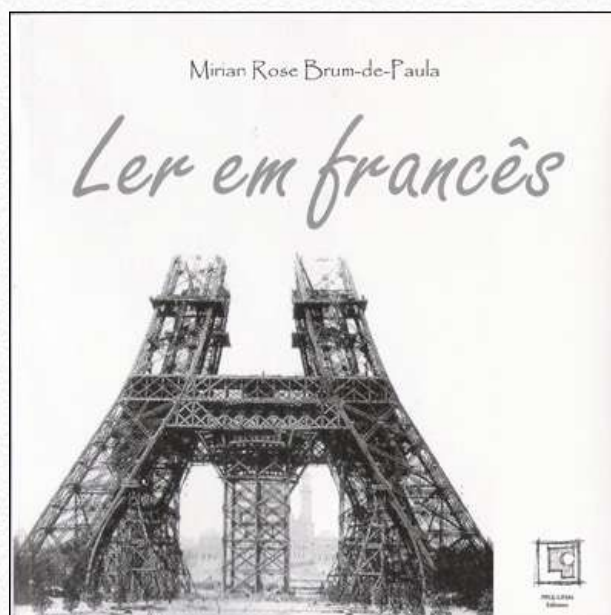
Ler em francês compreende todas as provas que elaborei e foram aplicadas, entre 1992 e 2005, no Peies (I e II) e no Vestibular da UFSM. A publicação dessas provas sob forma de livro conferiu vida nova aos materiais elaborados: pesquisadores, professores e estudantes puderam ter acesso ao material para desenvolver atividades diversas. Os 52 textos e exercícios propostos foram organizados de forma a compor três capítulos distintos - *Je commence, Je m'investis e Je vais plus loin* -, o que evidenciou o seu caráter progressivo. Em algumas partes do livro, incluí dicas, denominadas *aide-mémoires* e *curiosités*, com o intuito de auxiliar no contato inicial com o FLE e fornecer ferramentas para que os leitores pudessem melhor compreender os textos e exercícios propostos. O livro teve o apoio financeiro da FAPERGS e foi empregado, em escolas de ensino fundamental, durante e após a vigência do Projeto *Educação, Linguagem e Prática Acadêmica* (PROEDU/FAPERGS - processo nº 02/1458.7)

Org

L

79

Capa do livro



Texto 13

17. BRUM-DE-PAULA, M. R. *O outro no intraduzível*. Série Cogitare. Santa Maria: PPGL Editores - UFSM, 2006. 123p.

Disponível em: <http://www.ct.ufsm.br/ppgletras/images/Cogitare04.pdf>



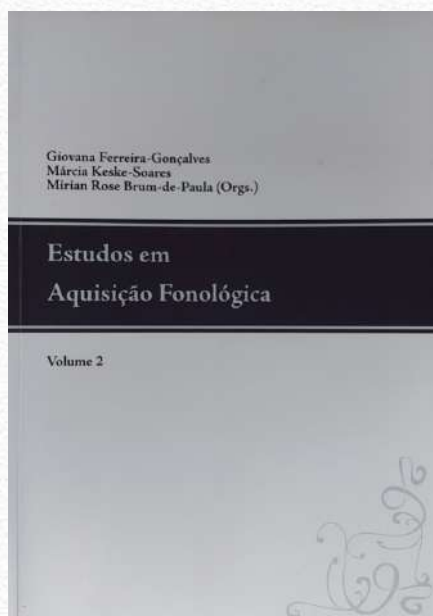
Capa do livro

O outro no (in)traduzível é um ensaio publicado em edição bilingue - francês/ português na série Cogitare do PPGL Editores (UFSM). A primeira parte é consagrada às resistências culturais que podem impedir a edição ou a tradução de um texto. A segunda parte diz respeito às resistências da língua, sobre o problema da expressão de um mesmo conteúdo em uma língua diferente.

18. RICHTER, M.G.; CORREA, M.C.; NASCIMENTO, S.H.L.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs). *Letras. Número temático: Aquisição de língua materna: heterogeneidade da pesquisa*. nº36. Santa Maria: Pallotti 2008. 230 p.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/657>

19. FERREIRA-GONÇALVES, G.; KESKE-SOARES, M.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs) *Estudos em Aquisição Fonológica*, nº2. Santa Maria: Pallotti, 2009. 240 p.



Capa do livro

Este livro faz parte de uma série, constituída por quatro publicações, iniciada no 1º *Seminário de Aquisição da Linguagem (SAF)*. Integrei a comissão do evento e a organização da série em 2008. Diferente dos números 3 e 4, este segundo número possui uma entrevista com Regina Lamprecht, organizada e realizada por Giovana e eu. Nesta primeira parte do livro, a pesquisadora reporta a sua trajetória e a sua participação no desenvolvimento da área de aquisição fonológica no Sul do Brasil. A segunda parte é constituída por capítulos sobre a pesquisa em aquisição fonológica de língua materna e de língua estrangeira, de aquisição típica e atípica, da linguagem oral e escrita.

20. BRUM-DE-PAULA, M.R. Concepção dinâmica de um fenômeno complexo: bilinguismo e pronúncia nativa. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; KESKE-SOARES, M.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs). *Estudos em Aquisição Fonológica*, nº2, 2009. p. 181-202.

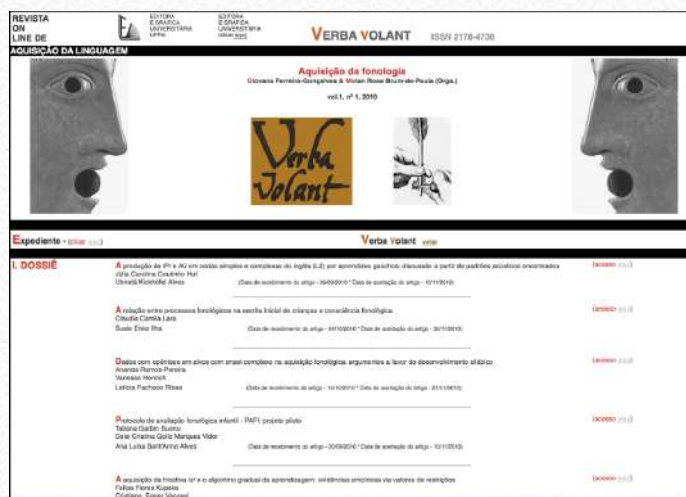
21. BRUM-DE-PAULA, M.R. (Org.) *Encontro do Dinafon: Programação e resumos*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPel, 2010. 66 p.

OAC

22. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.) *Verba Volant, número temático: Aquisição da fonologia*, v.1, nº1, 2010. 133 p.

Org

Disponível em: <http://www.letras.ufpel.edu.br/verbavolant/primeiro10.htm>



Detalhe da página inicial: Verba Volant, v.1, nº1

23. ALVES, U.K.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.) *Verba Volant, número temático: Aquisição de línguas estrangeiras*, v.2, nº2, 2011, 126 p.

Org

Disponível em: <http://www.letras.ufpel.edu.br/verbavolant/terceiro/terceiro11.htm>

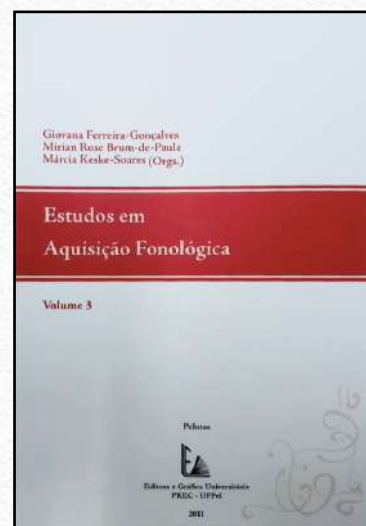
24. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; KESKE-SOARES, M. (Orgs.) *Estudos em Aquisição Fonológica*, nº3, 2011. 314 p.

Org

25. BRUM-DE-PAULA, M.R.; FERREIRA-GONÇALVES, G. Metodologias: emergência da linguagem oral. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; KESKE-SOARES, M. *Estudos em Aquisição Fonológica*. volume 3. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011. p.73-106.

Cap

O terceiro volume da série *Estudos em Aquisição Fonológica* possui capítulos voltados para diferentes aspectos da fonologia. Discute questões mais amplas, como diferentes abordagens teóricas e metodológicas, bem como investigações mais pontuais, relacionadas à aquisição da oralidade e da escrita. Dezenove autores de dez IES brasileiras publicaram nesta obra.



Capa do livro

26. BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *Caderno de resumos do III Seminário de Aquisição Fonológica: tendências metodológicas*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

OAC

27. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; KESKE-SOARES, M. (Orgs). *Estudos em Aquisição Fonológica*, nº4, 2011. 270 p.

Org

28. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. A emergência do padrão acentual do português: desdobramentos. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; KESKE-SOARES, M.(Orgs). *Estudos em Aquisição Fonológica*, n.4. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

Cap



Capa do livro

Este é o último volume de uma série de quatro livros. Neste livro, foram publicados vinte capítulos de 42 pesquisadores de 12 universidades distintas. Os textos incluem pesquisas voltadas à investigação da linguagem oral e escrita, como língua materna e língua estrangeira, bem como referentes à consciência fonológica. A organização e a publicação do livro teve o auxílio financeiro da CAPES.

82

29. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Aquisição da linguagem: metodologias para a produção da fala em tempo real. IN: LEFFA, V. J.; ERNST, A. *Linguagens. Metodologias de ensino e pesquisa*. Pelotas: EDUCAT, 2012, p.157-186.

Cap



Capa do livro

O capítulo publicado neste livro dialoga com outros quatro textos: o artigo *O broto da fala: o papel da prosódia no despertar da linguagem* (2010), o capítulo de livro *Metodologias: emergência da linguagem oral* (2011), os livros *Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos, imagens* (2013) e *A ultrassonografia e os gestos da fala* (2021). Todas enfocam metodologias e novas ferramentas empregadas na investigação da emergência da linguagem oral, com ênfase em pesquisas de cunho fonético-fonológico.

30. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos, imagens*. Pelotas: Editora da UFPel, 2013. 198 p.

Org

31. BRUM-DE-PAULA, M.R.; DONICHT, G. A articulação dos sons: anatomia e designação. In. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos, imagens*. Pelotas: Editora da UFPel, 2013. p.69-85.

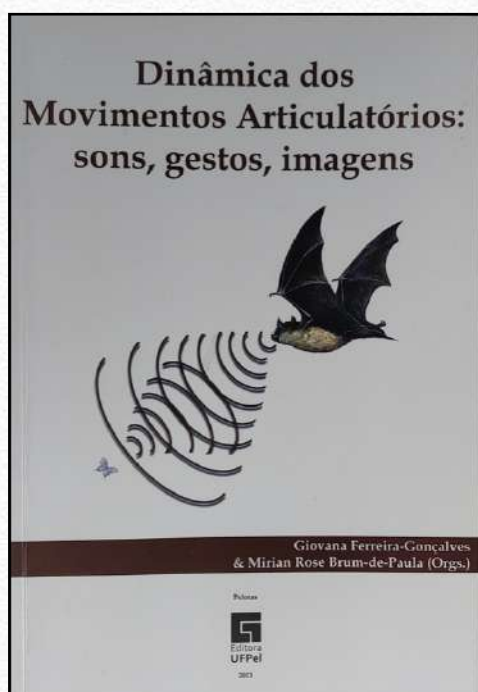
Cap

32. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. A ultrassonografia em pesquisas linguísticas. In. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos, imagens*. Pelotas: Editora da UFPel, 2013.

Cap

Em 2010, Giovana participou do Edital Pesquisador Gaúcho (FAPERGS), do qual figurei como participante da equipe. Foi possível, então, criar o LELO (UFPel), realizar uma formação na *Queen Margaret University* (Edimburgo) e publicar um livro. *Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos, imagens* apresenta dez capítulos, assinados por dezenove autores. Os textos são voltados para os estudos acerca da produção da fala e suas interfaces com a emergência da linguagem, com as terapias de fala e com as teorias fonológicas. A publicação traz, também, informações introdutórias para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a aplicação do ultrassom a dados linguísticos.

83



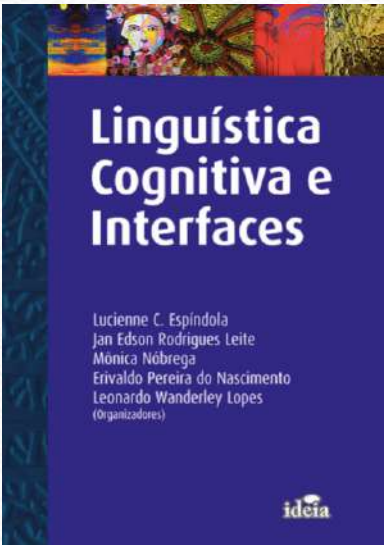
Capa do livro

Sumário	
Prefácio.....	5
Parte I – Sons e gestos	
Três casos de deriva fonética intralinguística na aquisição fonológica de adultos.....	11
Diego Jiquilin-Ramirez – UNICAMP	
Denise Pozzani – UNICAMP	
Antônio Carlos Pessotti – UNICAMP	
Eleonora Albano – UNICAMP	
Os gestos em restrições: Fonologia Gestual e Teoria da Otimidade.....	37
Giovana Ferreira-Gonçalves – UFPel	
Ubiratã Kickhöfel Alves – UFRGS	
Parte II – Gestos e imagens	
A articulação dos sons: anatomia e designação.....	69
Mirian Rose Brum-de-Paula – UFPel	
Gabriele Donicht – UFPel	
A ultrassonografia em pesquisas linguísticas.....	87
Giovana Ferreira-Gonçalves – UFPel	
Mirian Rose Brum-de-Paula – UFPel	
Aplicação da ultrassonografia na intervenção fonoaudiológica em alterações de fala.....	111
Haydée Fozbein Wertzner – USP	
Daniela Tavares Francisco – USP	
Luciana de Oliveira Pagan-Neves – USP	

Sumário (primeira página)

33. BADARACCO, L.M.D.; BRUM-DE-PAULA, M.R. O papel das preposições na categorização de objetos do mundo: análise interlinguística de relatos descritivos. In: ESPÍNDOLA, L.C.; LEITE, J.E.R.; NÓBREGA, M.; NASCIMENTO, E.P.; LOPES, L.W. (Orgs.). *Linguística Cognitiva e Interfaces*. João Pessoa: Ideia, 2016.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311064662_Linguistica_Cognitiva_e_Interfaces



Capa do livro

SUMÁRIO	
Apresentação Os Organizadores	08
COGNIÇÃO E LINGUÍSTICA	
Operações de construal na descrição semântica dos dísticos "né" e "a gente" Viviane da Fonseca Alencar Fontes Edna Vieira Feres	15
O papel das preposições na categorização de objetos do mundo: análise interlinguística de relatos descritivos Lucas Maria Diniz Rodrigues Mirian Rose Brum-de-Paula	25
Uma abordagem semiótico-pragmática da construção concessiva comparativa "para x, y" Gabriela da Silva Pires Lúci Fernando Mota Rocha	34
Aspectos sociocognitivos da aquisição da linguagem Márcia do Espírito Santo Brito	47
Gestos pantomímicos nas interações mãe-bebê Ediléia Sousa de Melo Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante	60
Criança e tecnologia: o processo de atenção conjunta a partir da interação mãe-criança e o aplicativo nightynight Henrique Miguel de Lima Silva Marianne R. C. Cavalcante Kátia Araújo de Lima	68
Aquisição da linguagem numa abordagem interacionista e natista: a multimodalidade e o processamento Juditha Genesina Henrique Flávia Gonçalves Calça de Sousa Bruna Costa de Oliveira	77
Compreensão de metáforas primitivas e complexas em indivíduos com declínio cognitivo Francisco dos Chagas De Sousa Jan Edson Rodrigues Leite	84

Sumário

84

34. DAMÉ, V. S.; SILVA, F. B.; ; BRUM-DE-PAULA, M. R.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. A aquisição das plosivas [t] e [k]: imagens em tempo real. In: CAVALCANTE, M. C. B. et al.(Orgs.). *Questões em aquisição da linguagem e psicolinguística: fonologia e prosódia, língua de sinais, sintaxe e processamento*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora 2016. p.14-30.

35. MENDES, F. L.O.; ; SILVA, F. B.; ; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. O uso do ultrassom e a aquisição das fricativas coronais In: CAVALCANTE, M. C. B. et al.(Orgs.) *Questões em aquisição da linguagem e psicolinguística: fonologia e prosódia, língua de sinais, sintaxe e processamento*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora 2016. p.113-135.

Disponível em: http://plone.ufpb.br/nelf/contents/documentos/Vol1Questesemaquisiodalinguagemepsicolinguistica_fonologiaeprosodialnguadesinaissintaxeeprocessamento.pdf

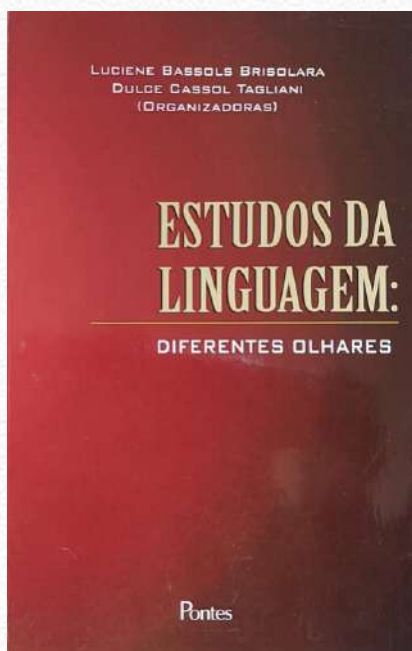


Capa do livro

SUMÁRIO	
APRESENTAÇÃO	13
A AQUISIÇÃO DAS PLOSIVAS [t] E [k]: IMAGENS EM TEMPO REAL Vergília Spiering Damé Felipe Dithmar da Silva Giovana Ferreira Gonçalves Mirian Rose Brum-de-Paula	14
PISTAS PROSÓDICAS NAS FASES INICIAIS DA AQUISIÇÃO DO PB: IDENTIFICANDO FRONTEIRAS DE SINTAGMA ENTONACIONAL Isaura Oliveira Silva Marta Cristina Neme	31
A CATEGORIZAÇÃO DE ITENS LEXICAIS POR BEBÊS ADQUIRINDO O PB Dantele de Souza Leite Molina Sabrina Anacleto Teixeira Marta Cristina Neme	56
O PAPEL DA PROSÓDIA NA PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DE SENTENÇAS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS Vanessa Cristina de Araújo Marta Cristina Lobo Neme	75
A PALATALIZAÇÃO DO /s/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA NA PRODUÇÃO DE FALANTES PARAIBANOS APRENDIZES DE INGLÊS COMO L2 Priscila Evangelista Moraes e Lima	91
O USO DO ULTRASSOM E A AQUISIÇÃO DAS FRICATIVAS CORONAIS Franciele Lima de Oliveira Mendes Felipe Dithmar da Silva Giovana Ferreira Gonçalves Mirian Rose Brum-de-Paula	113

Sumário

36. CASERO, K.T.B.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; FERREIRA-GONÇALVES, G. A lateral palatal revisitada: aspectos acústicos e gestuais. In: BRISOLARA, L.B.; TAGLIANI, D.C. *Estudos da linguagem: diferentes olhares*. Campinas: Pontes, 2016. p.39-61



Capa do livro

SUMÁRIO	
APRESENTAÇÃO	7
PARTE I - LÍNGUA, LINGUAGEM E SENTIDO	
MUDANÇA NA FONOLOGIA DA LÍNGUA E NA FONOLOGIA DA CRIANÇA: A FORMATAÇÃO DO SISTEMA CONSONANTAL	15
Carmen Lúcia Barreto Matsenauer	
A LATERAL PALATAL REVISITADA: ASPECTOS ACÚSTICOS E GESTUAIS	39
Kathane Teixeira Barcelos Casero Miriam Rose Brum-de-Paula Giovana Ferreira-Gonçalves	
A EMERGÊNCIA DO PRESENTE DO MODO INDICATIVO EM CONTEXTO DE ORAÇÃO SUBSTANTIVA: UM ESTUDO FUNCIONALISTA	68
Tatiana Schwachow Pimpler	
CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS	83
Mariana Porto do Amaral	
PRODUÇÃO TEXTUAL: OS DIZERES DOS ALUNOS DOS CURSOS DE ENGENHARIA DA FURG	99
Alexandra Ayala Martins Sílvia Schwab do Nascimento	
ENTRECruzando DISCURSOS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE: A LÍNGUA ANALISADA EM SUA HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA	113
Rosely Diniz da Silva Machado	
REPETIÇÃO, MEMÓRIA E CRISTALIZAÇÃO DOS SENTIDOS	129
Marliel Resmiera Grantham	

Sumário

37. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; DIAS-CAVALHEIRO, B.S. Sobre a aquisição da vogal oral [a] do espanhol. In: ALVES, U. K. *Aquisição fonético-fonológica de língua estrangeira - Investigações rio-grandenses e argentinas em discussão*. Campinas: Pontes, p.179-208, 2016.

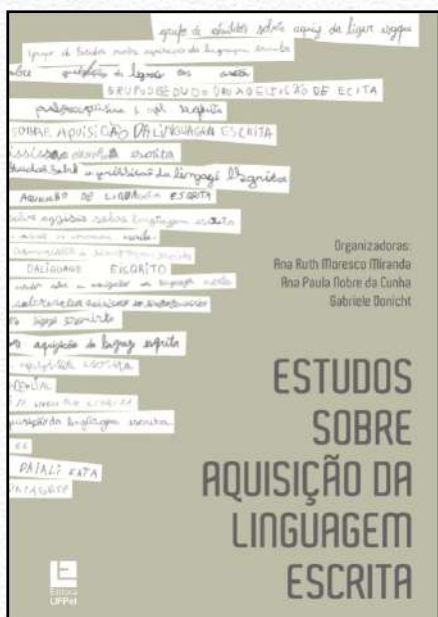


Capa do livro

SUMÁRIO	
Preface	9
Introdução - Aquisição Fonético-Fonológica de LE	13
Rio Grande do Sul e Argentina em Foco	
Ubiratã Rickhefel Alves	
PRIMEIRA PARTE	
AQUISIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DE LE NO RIO GRANDE DO SUL	
Capítulo 1 - Teoria Fonológica e Aquisição de Língua Estrangeira	25
Carmen Lúcia Barreto Matsenauer / Roberta Quintanilha / Azevedo	
Capítulo 2 - A nasalidade contrastiva do francês por falantes nativos do português brasileiro	49
Clintia da Costa Alcântara	
Capítulo 3 - Bilinguismo (Hunsrückisch - português brasileiro) e transferências fonético-fonológicas	65
Rosemari Lorenz Martins	
Capítulo 4 - Percepção de vogais médias altas e médias baixas do português brasileiro por falantes de espanhol rioplatense em tarefa de discriminação categórica	85
Juliana A. Freiden / Renner F. Perotto / Ingrid Finger / Ana Beatriz A. da Luz Pontes	
Capítulo 5 - Percepção e Variação: O Alçamento das Preteritônicas no Português (L1) por Falantes Nativos do Espanhol	105
Susiele Machry da Silva / Cláudia Regina Breusner / Talen Cristine Hubner	
Capítulo 6 - A produção das vogais átonas finais do português por falantes nativos do espanhol colombiano	139
Luciene Bassols Brisolara / Alexandre Santos Sali	
Capítulo 7 - Percepção e produção das vogais médias do espanhol/LE	151
Glenn Rodrigues dos Santos / Andrija Schurt Hauber	
Capítulo 8 - Sobre a aquisição da vogal oral [a] do espanhol	179
Giovana Ferreira-Gonçalves / Miriam Rose Brum-de-Paula / Bruna Santana Dias-Cavalliere	
Capítulo 9 - A transferência grafico-fonológica em multilínguas: falantes de português, espanhol e inglês: uma abordagem dinâmica	209
Clintia Ayala Rinaldi	

Sumário

38. BRUM-DE-PAULA, M.R.; FERREIRA-GONÇALVES, G. A oralidade e o desenvolvimento da escrita em dados de bilingues hunsruchkisch/português. In: MIRANDA, A.R.M.; CUNHA, A.P.N.; DONICHT, G. *Estudos sobre aquisição da linguagem escrita*. Pelotas: Editora UFPel, 2017. p.361-390.



Capa do livro

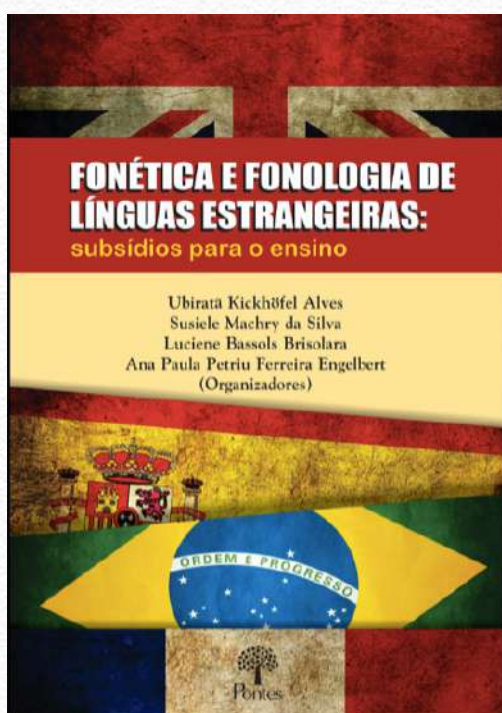
SUMÁRIO	
13. Estudo sobre a segmentação não convencional na escrita inicial de adultos 287	Carmen Regina Gonçalves Ferreira
14. Escrita criativa em sala de aula de EJA: efeitos sobre a produção textual dos alunos 305	Cristiane Silveira dos Santos
PARTE 2	
15. Letramento e alfabetização em Escolas de Educação Infantil 331	Laurence Chazan
16. Rastros de uma escrita em constituição 343	Cristiane Capetian
17. A oralidade e o desenvolvimento da escrita em dados de bilingues hunsruchkisch/português 361	Miriam Rose Brum-de-Paula e Giovana Ferreira-Gonçalves
18. Pesquisas em aquisição da escrita e Síndrome de Down 391	Gilberta de Alcino Rangel
19. Consciência Fonológica: a ponte para a alfabetização 407	Rosângela Marante Santos
Sobre os autores e as organizadoras 421	

Sumário

39. SEARA, I.C.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *Cadernos de Letras: Interfaces entre fonética e fonologia: conceitos, pesquisas, perspectivas*. nº 33, 2019. 249 p.

Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/16711>

40. BRUM-DE-PAULA, M. R.; FERREIRA-GONÇALVES, O sistema vocálico do Português Brasileiro. In ALVES et al. (Orgs.) *Fonética e fonologia de línguas estrangeiras: subsídios para o ensino*. Campinas: Pontes, 2020. p.333-368



Capa do livro

A SÍLABA E O ACENTO NO ESPANHOL 189	Pollianna Milan Denise Cristina Kluge
MÓDULO III: FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
O SISTEMA VOCÁLICO DO FRANCÊS 229	Vanessa Gonzaga Nunes Isabel Christine Seara
O SISTEMA CONSONANTAL DO FRANCÊS 261	Cintia da Costa Alcântara
A SÍLABA E O ACENTO EM FRANCÊS 299	Isabel Christine Seara Bruna Teixeira Correa
MÓDULO IV: PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO 333	Miriam Rose Brum-de-Paula Giovana Ferreira-Gonçalves
O SISTEMA CONSONANTAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO 369	Adelaide H. P. Silva
A SÍLABA E O ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO 393	José Magalhães
SOBRE OS AUTORES 413	

Sumário

41. SCHIMULFENING, P.L.; BRUM-DE-PAULA, M.R. A escrita de surdos em português como língua adicional: a estrutura em+a/o(s) em contextos de inserção total ou parcial. In: CAVALCANTE, M.C.B.; BARROS, I.B.R. (Orgs.) *Linguagem: aquisição da fala e da escrita*. Campinas: Pontes Editores, 2021. 106-137.



Capa do livro

SUMÁRIO	
PREFÁCIO.....	7
Caravali Lúcia Barreto Matosauer Isabela Barbosa do Rêgo Barros Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante	
APRESENTAÇÃO.....	9
Isabela Barbosa do Rêgo Barros Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante	
O CONTÍNUUM FONÉTICO-FONOLÓGICO NA PERCEÇÃO E NA PRODUÇÃO: O USO DE TEORIA FONOLÓGICA NO MAPEAMENTO DE DESVIOS.....	12
Enrique de Oliveira da Costa Caravali Matosauer	
O PAPEL DA INSTRUÇÃO EXPLÍCITA, POR MEIO DE ATIVIDADES DE PERCEÇÃO, NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS DO ESPANHOL POR FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	34
Leandro Freitas-Filho Giovana Ferreira-Gonçalves Luciene Basso de Oliveira	
USOS Y FUNCIONES DE LAS INTERSECCIONES EN CONVERSACIONES DE NIÑOS BILINGÜES DE 30 MESES.....	81
Marcela Chini	
A ESCRITA DE SURDOS EM PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL: A ESTRUTURA EM+A/O(S) EM CONTEXTOS DE INSERÇÃO TOTAL OU PARCIAL.....	106
Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante Mariane Rosa Brum-de-Paula	
A GRÁFICA DA RIMA RAMIFICADA EM TEXTOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONHECIMENTO FONOLÓGICO E ORTOGRÁFICO.....	138
Lúcia Pinheiro Ana Ruth Moreira Miranda	

Sumário

42. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *A ultrassonografia e os gestos da fala*. São Carlos: Pedro & João, 2021, 288 p.

Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/a-ultrassonografia-e-os-gestos-da-fala/>

43. ROSINSKI, A.; SANTOS, T. E.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Ultrassonografia de língua na variação da linguagem. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). *A ultrassonografia e os gestos da fala*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p.95-116

44. PEREIRA-MELCHEQUE, P.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Configuração gestual do *tap* na fala pelotense. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.) *A ultrassonografia e os gestos da fala*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p.233-252

45. BRUM-DE-PAULA, M. R.; FERREIRA-GONÇALVES, G. A dinâmica do movimento: gestos como objeto de investigação. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.) *A ultrassonografia e os gestos da fala*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 7-15



Capa do livro

SUMÁRIO	
A dinâmica do movimento: gestos como objeto de investigação.....	7
Mirian Rose Brum-de Paula Giovana Ferreira-Gonçalves	
Parte Um	
1) Ultrassonografia de língua e o uso do biofeedback visual no tratamento dos distúrbios dos sons da fala.....	19
Helena Boli Mota	
2) Ultrassonografia de língua na terapia dos distúrbios dos sons da fala: uma revisão sistemática.....	31
Isadora Mayer Rosado Marieli Barichello Gubiani Maritela Barichello Gubiani Márcia Keske-Soares	
3) Ultrassonografia de língua na aquisição de língua estrangeira.....	67
Luis Silva-Garcia Miguel Krüger Lemes Giovana Ferreira-Gonçalves	
4) Ultrassonografia de língua na variação da linguagem.....	95
Aline Rosinski Thalena Evangelista Santos Mirian Rose Brum-de-Paula	
5) Parâmetros em análises qualitativas e quantitativas: dados ultrassonográficos de língua.....	117
Bruna Teixeira-Correia Giovana Ferreira-Gonçalves	

Sumário

Parte Dois	
1) Proposta de intervenção com o apoio da ultrassonografia dos movimentos da língua para os distúrbios do som da fala.....	153
Luciana da Silva Barberena Denis Altieri de Oliveira Moraes Larissa Cristina Berti Márcia Keske-Soares	
2) Ultrassonografia de língua no desvio fonológico: da avaliação à terapia.....	189
Aline Mara de Oliveira Rafaela Duarte Silva Isabel Christine Seara	
3) Ultrassonografia e erros de fala.....	207
Letícia Bitencourt Uberti Caroline Rodrigues Portaleto Denis Altieri de Oliveira Moraes Márcia Keske-Soares	
4) Análise ultrassonográfica de fricativas posteriores em onset silábico em diferentes contextos vocálicos.....	219
Carline Haugst Isabel Christine Seara	
5) Configuração Gestual do <i>tap</i> na fala de pelotenses.....	233
Patrícia Pereira-Melcheque Giovana Ferreira-Gonçalves Mirian Rose Brum-de-Paula	
Referências.....	253
Sobre as autoras e os autores.....	281

2.1.2.2. Artigos, prefácio

Para que possam ser melhor apreciados, organizei os artigos da seguinte maneira: abaixo, nesta página, refiro textos que não podem ser encontrados na internet, sendo que os dois primeiros já tinham sido reportados na primeira parte desse Memorial. Na sequência, as publicações mencionadas podem ser encontradas na rede. Informe, então, o *link* de acesso a cada artigo. Além dessa informação, também forneci quase todos os resumos (ou introduções) dos textos listados. Para tanto, inseri, logo abaixo de cada citação, a imagem da primeira página do artigo.

1. BRUM-DE-PAULA, M. R. Une expérience en cours: les clubs de langues. *Elos*, 1987, p.194-199.

88

2. BRUM-DE-PAULA, M. R. La bande dessinée à l'école. *Courrier*. 1988, p. 29-40.

3. BRUM-DE-PAULA, M.R.; DIDIER, N.; IRANI, F.; SIM, T. Vidéographies de francophones en Australie. *BULAG (Bulletin d linguistique générale et appliquée)*, n.16, 1990.

4. BRUM-DE-PAULA, M. R. Pourquoi et comment établir une recherche sur l'acquisition d'une langue étrangère (Brève introduction à une approche fonctionnelle du langage). *Coleção Ensaios*. 1999, p.25-50.

5. BRUM-DE-PAULA, M. R.; LEAL, M.V. Le développement de la temporalité : une étude de cas. *Coleção ensaios*. 2001, p.23-39.

6. TRUBETZKOY, N.S. A torre de babel e a confusão das línguas. Tradução de Mirian Rose Brum-de-Paula. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, nº 12, 2004, p. 77-90.

7. BRUM-DE-PAULA, M. R. Exolinguismo: estrangeiros e nativos face a conflitos de comunicação. *Letras. número temático: Linguística aplicada*, nº 2, 1991, p.61-73.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11413/6888>

**EXOLINGÜISMO:
ESTRANGEIROS E NATIVOS FACE A CONFLITOS DE COMUNICAÇÃO**

Mirian Rose Brom de Paula
Universidade Federal de Santa Maria

Interações face a face entre "*estrangeiros*" e "*nativos*" sempre existiram. Na história das civilizações, podemos verificar que os povos nunca cessaram de interagir entre eles. De fato, os mesmos estão sempre em contato, seja para estabelecer relações amigáveis (o comércio, as alianças; seja por razões de incompatibilidade (ruptura de relações econômicas entre os países ou a guerra, por exemplo). Esses fatos interessam-nos como dados ilustrativos da temática que vamos desenvolver: a comunicação *exolingüe*, já que essas interações, perdidas no tempo ou inseridas num contexto atual, efetuam-se através da fala e da gestualidade.

Somente na década de 70, na França, esse tipo de interação se torna objeto de estudo de lingüistas e de pesquisadores que se interrogam sobre a aquisição, a aprendizagem e o ensino de línguas estrangeiras. Por que esse interesse e o que poderia representar à pesquisa sobre a aquisição do Francês como Língua Estrangeira (F.L.E.) e demais línguas?

ESTRANGEIROS E NATIVOS

Para que a comunicação se instaure, são necessários, no mínimo, dois indivíduos em interação (mesmo que o tu seja uma projeção imaginária do eu: o caso do monólogo). No nosso domínio de estudo, esses dois interlocutores são representados pelo "*estrangeiro*" e pelo "*nativo*".

O "*estrangeiro*" pode ser definido como

- aquele que não é eu, mas tu;
- aquele que habita outro lugar;
- aquele que não divide com o "*nativo*" o mesmo conhecimento de mundo;

8. BRUM-DE-PAULA, M. R.; ESPINAR, G. S. A introdução de uma nova entidade no texto narrativo: estudo comparativo entre as línguas espanhola, francesa e portuguesa. *Letras, número temático: Alteridade e Heterogeneidade*, nº 14, p.151-172, 1997.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11470/6937>

PDF.js viewer

25/09/2022 15:53

A INTRODUÇÃO DE UMA NOVA ENTIDADE NO TEXTO NARRATIVO: ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE AS LÍNGUAS ESPANHOLA, FRANCESA E PORTUGUESA¹

Miriam Rose BRUM DE PAULA²

Université de Paris X/ UFSM

Gema SANZ ESPINAR

Université de Paris X/

Universidad Autónoma de Madrid

90

1. Introdução

Neste artigo, analisaremos alguns fenômenos relativos à referência às entidades em narrativas orais produzidas por locutores nativos de três línguas romanas: o espanhol, o português e o francês. Para tanto, iremos delinear um quadro teórico e metodológico que sirva ao estudo proposto, ou seja, à análise interlingüística de uma função discursiva bem específica: a *introdução de referentes em textos narrativos*.

2. Quadro metodológico teórico

O *corpus* é constituído de 15 narrativas orais (5 para cada língua) que foram coletadas em entrevistas efetuadas com três grupos diferen-

¹Neste trabalho, examinaremos três amostras de variedades cultas orais: o espanhol da Espanha, o francês da França e o português do Brasil (Rio Grande do Sul).

²Bolsista da CAPES - Brasília, Brasil. brum@u-paris10.fr

9. BRUM-DE-PAULA, M. R.; ESPINAR, G. S. Coleta, descrição e análise de produções orais. *Letras, número temático: Coleta, transcrição e análise de produções orais*, nº 21, 2000, p.69-84.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11529/6989>

PDF.js viewer

25/09/2022 16:10

91

Coleta, transcrição e análise de produções orais

Mirian Rose Brum de Paula
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Gema Sanz Espinar
Universidad Autónoma de Madrid (UAM)

GRPESQ/ CNPq Discurso, História, Gênero e Identidade
Laboratório Corpus: fontes de estudos da linguagem
Equipe Dynamiques des langues,
UMR 7114 MoDyCo CNRS et Université de Paris-X-Nanterre

*Para ver uma coisa hay que comprenderla.
El sillón presupone el cuerpo humano, sus articulaciones y partes;
las tijeras, el acto de cortar.
Qué decir de una lámpara o de un vehículo?
El salvaje no puede percibir la biblia del misionero;
el pasajero no ve el mismo cordaje que los hombre de a bordo.
Si viéramos realmente el universo, tal vez lo entenderíamos.
Jorge Luis Borges.*

Introdução

O emprego de coleções de textos, transcrições ou gravações nos trabalhos concernentes à linguagem não é recente. De fato, a criação de concordâncias¹ (*concordances*) é

10. BRUM-DE-PAULA, M.R.; ESPINAR, G.S. Uma abordagem empírica, funcionalista, textual e psicolinguística dos estudos sobre a aquisição de línguas estrangeiras. *Letras, número temático: Aquisição de Línguas Estrangeiras*, nº30-31. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 9-15

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/651>

PDF.js viewer

13/10/2022 05:23

Uma abordagem empírica, funcionalista, textual e psicolinguística dos estudos sobre a Aquisição de Línguas Estrangeiras

Mirian Rose Brum de Paula

Universidade Federal de Santa Maria (Brasil)
Laboratório Corpus "fontes de estudos da linguagem"
brumdepaula@yahoo.fr

Gema Sanz Espinar

Universidade Autônoma de Madri (Espanha)
Modyco "Modelos, Dinâmicas, Corpus" UMR 7114/
Universidade de Paris 10 - Nanterre e CNRS
gema.sanz@uam.es

Dedicamos este número temático da revista **Letras** a trabalhos teóricos e empíricos desenvolvidos por professores e pesquisadores de diferentes instituições europeias que estudam a aquisição de um novo sistema linguístico por aprendizes cognitivamente desenvolvidos, que já dominam uma língua natural e cujas identidades sociais encontram-se definidas, o que implica uma diferença fundamental em relação aos estudos sobre o desenvolvimento da linguagem infantil. Reunindo um conjunto de textos sobre a Aquisição de Línguas Estrangeiras (ALE), este volume visa a contribuir para a promoção e o desenvolvimento desse domínio relativamente recente das ciências da linguagem. A perspectiva adotada pelos pesquisadores é a do aprendiz, ou seja, a do tratamento (por ele efetuado e nem sempre consciente) das informações linguísticas e paralelas presentes nas diferentes situações, guiadas e/ou

11. BRUM-DE-PAULA, M. R.; MONFARDINI, A. O simples complexo e vice-versa. *Revista da Anpoll*, 2(24), p.243-271, 2008.

Disponível em : <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/42/39>

PDF.js viewer

25/09/2022 15:18

O SIMPLES COMPLEXO E VICE-VERSA THE SIMPLE WHICH IS COMPLEX AND VICE-VERSE

*Mirian Rose Brum-de-Paula**
*Adriana Monfardini***

RESUMO: Aliando instrumentos de análise dos campos da Lingüística e da Literatura, procuramos identificar e compreender as leis que regem a construção do conto "Famigerado", de João Guimarães Rosa. Tentamos compreender como o leitor reconstitui essa "estória", dado que, a despeito das dificuldades que o texto roseano lhe impõe, ele a apreende de maneira coerente, apoiando-se no que parece simples e familiar para ultrapassar o que é complexo e estranho. Para tanto, focalizamos as dimensões temporais e demais elementos que auxiliam a legibilidade do texto.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa, temporalidade, linguagem, legibilidade.

ABSTRACT: By interconnecting analysis tools from the Linguistic and Literary fields, we aim at understanding and identifying the laws which regulate Rosa's short-story "Famigerado". We attempt at recognizing the way the reader reconstitutes this story. Despite all difficulties that Rosa's fictional universe presents, the reader is able to apprehend its meaning in a coherent way. To do so, he/she relies on what is simple and familiar in order to overcome that which is complex and uncommon. Thus, the temporal dimensions were focused as well as other elements which make the text readable.

KEY WORDS: narrative, temporality, language, legibility.

* Doutora em Lingüística Geral pela Universidade de Paris X, docente do Departamento de Letras Clássicas e Lingüística, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – RS. Email: brumdepaula@yahoo.fr.

** Doutoranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria – RS, docente do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM. Email: adrianamonfardini@yahoo.com.br.

12. BRUM-DE-PAULA, M. R.; FERREIRA-GONÇALVES, Lécico e gramática: uma relação de causa e efeito? **Letras de hoje**, vol.43, nº3, p.69-80, 2008.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5612/4087>

LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE

Lécico & gramática: uma relação de causa e efeito?

Mirian Rose Brum-de-Paula
Giovana Ferreira-Gonçalves

UFSM (Santa Maria, Brasil)
<brumdepaula@yahoo.fr>

Resumo – Neste artigo, assumimos um enfoque emergentista a fim de traçar o caminho percorrido pela criança durante a conquista progressiva da linguagem articulada. Inscrevendo as primeiras vocalizações, o balbúcio e a produção das primeiras palavras dentro de um *continuum*, ressaltamos que nenhum período do desenvolvimento da linguagem emerge *ex nihilo*. Nesta perspectiva, repensamos a emergência da gramática fonológica.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição; emergentismo; léxico; gramática.

94

Introdução

As pesquisas sobre a aquisição da linguagem infantil sugerem diferentes momentos para o começo das primeiras manifestações lingüísticas. Os critérios adotados para fazer alusão ou identificar a entrada da criança na linguagem refletem o que o pesquisador considera como manifestação lingüística inicial. Ela estaria relacionada à emissão de sons vegetativos (tosse, deglutição, etc.), à realização de vocalizações, ao balbúcio, às primeiras palavras produzidas pela criança ou à compreensão dos sons a ela dirigidos?

Neste artigo, partimos da idéia de que o primeiro ano do bebê é destinado ao estabelecimento dos mecanismos responsáveis pela aquisição das palavras.

Desde o nascimento, as capacidades perceptivas são operacionais, participando ativamente da construção da linguagem, pois permitem a estruturação do sinal sonoro e a identificação das unidades funcionais da língua. De modo surpreendente, sem experiência lingüística anterior e sem possibilidades articulatórias satisfatórias para a produção dos sons da língua a qual está exposto, o recém-nascido é extremamente sensível à frequência sonora da língua nativa e possui capacidades de discriminação auditiva. Isso, evidentemente, não significa que essas capacidades estejam associadas a uma perspectiva inatista para a aquisição, mas que elas podem, sim, ser pré-determinadas por uma pré-disposição biológica.

Essas capacidades precoces ligadas ao processamento dos sons da fala refletem, como destacam Bertoncini e Boysson-Bardies (2000, p. 100), “uma organização perceptiva suficiente para normalizar o efeito de certas variações e integrar índices acústicos complexos no caso de variações foneticamente pertinentes”.

Nesse contexto, a discriminação dos fonemas precede a sua produção, estabelecendo uma assimetria igualmente encontrada em outros domínios da aquisição da linguagem. No entanto, ao contrário de outros fenômenos em que essa assimetria aparece e persiste durante toda a vida do sujeito, no que concerne à aquisição dos fonemas, a produção acaba, em um determinado momento, coincidindo com a identificação dos sons da língua. A constituição do repertório fônico faz parte de um processo longo e oneroso. De fato, o sistema completo não é dominado pela criança normal antes dos 5-6 anos (MOREAU; RICHELLE, 1981).

Um elemento importante relacionado à aquisição da linguagem é a constituição do léxico. Diferente de outros elementos da língua, o sujeito sempre é capaz de adquirir novos itens lexicais. Esse processo complexo de desenvolvimento lexical ocorre de modo irregular. A não linearidade do seu desenvolvimento é, na verdade, um padrão esperado dos sistemas emergentes.

O presente trabalho, partindo de uma perspectiva emergentista para o processo de aquisição da linguagem, em que padrões gramaticais são estruturas que emergem do léxico, busca refletir acerca de como ocorre a emergência da gramática fonológica. Quanto de massa lexical é necessário para que padrões fonológicos possam começar a emergir? O que dizer acerca das primeiras palavras realizadas pela criança: constituem a representação apenas de itens lexicais, como propõe Vihman (1996), ou já expressam representações fonológicas em construção? Diferentemente de outras unidades lingüísticas, a gramática fonológica não seria necessária para que itens lexicais também possam ser adquiridos, evidenciando uma contribuição em duas vias? Essas e outras questões serão, portanto, aqui abordadas, tendo por base pesquisas já realizadas.

13. BRUM-DE-PAULA, M. R. Broto da fala: o papel da prosódia no despertar da linguagem. **ReVEL**, vol.8, nº15, p.82-94, 2010.

Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_15_broto_da_fala.pdf

BRUM DE PAULA, Mirian Rose. Broto da fala: o papel da prosódia no despertar da linguagem. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010. [www.revel.inf.br].

BROTO DA FALA: O PAPEL DA PROSÓDIA NO DESPERTAR DA LINGUAGEM

Mirian Rose Brum-de-Paula¹

brumdepaula@yahoo.fr

RESUMO: Este artigo apresenta duas técnicas experimentais que visam a revelar o que ocorre quando bebês exploram o fluxo contínuo da fala: o método da sucção não nutritiva e a técnica da escuta preferencial induzida. Os trabalhos relativos às atividades exploratórias da criança pequena na construção da fala apontam para a existência de uma continuidade perceptiva e mnemônica entre os períodos fetal e neonatal. Nesse contexto, a informação prosódica adquire um papel importante na aparição da linguagem articulada.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem; infante, prosódia, percepção.

INTRODUÇÃO

O bebê chega à tarefa do desenvolvimento da linguagem com determinados recursos biológicos, cognitivos e emocionais. Quando colocado em um ambiente apropriado que permita a exposição à linguagem, o bebê espontaneamente se torna um aprendiz na tarefa de tornar-se um usuário da linguagem. (...) Poderíamos dizer que alguns talentos do aprendizado são comuns ao genoma humano. Os bebês aplicam estes talentos na tarefa de aprender a falar. (Kent e Miolo, 1997: 253)

Aparenta pouco engenho o emprego da palavra broto, no título deste artigo, para enfocar aspectos relativos ao nascimento da linguagem no recém-nascido. De fato, ela remete à “gema”, à “saliência que dá origem a um novo indivíduo”, ao “início do desenvolvimento de um ramo, folha, flor ou de uma nova planta” (Houaiss: 2010) e isso parece anacrônico. Refletir sobre fenômenos da linguagem a partir de modelos das ciências da natureza, como fizeram Franz Bopp e Friedrich Schlegel, no auge dos estudos históricos e comparativos; fazer alusão a uma anatomia da língua, i.e., a um conceito de língua inspirado na anatomia e na biologia, consideradas disciplinas de prestígio no século XIX, limitaria conceber a língua como um ser dotado de uma dinâmica intrínseca, capaz de

¹ Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – Grupo de Pesquisa Emergência da Linguagem Oral (ELO) – CNPq.

14. BAUCHOT, R. Descoberta por Paul Broca da zona cerebral da linguagem articulada. Tradução de Mirian Rose Brum-de-Paula. *Verba Volant*. Número temático: *Aquisição da fonologia*, v.1, nº1, 2010, p.121-133.

Disponível em: <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/brocaa.pdf>



VERBA VOLANT

Volume 1 – Número 1 – julho - dezembro 2010 – ISSN 2178-4736

A AFASIA DE BROCA

Descoberta por Paul Broca da zona cerebral da linguagem articulada¹

Roland Bauchot²

Tradução: Mirian Rose Brum-de-Paula³

Em 1861, apareceu, no Boletim da Sociedade de Antropologia de Paris, sob a pena de Paul Broca (1824-1880), uma pequena nota de quatro páginas que revolucionaria o mundo da neurociência⁴. Paul Broca não era um desconhecido. Em Paris, um hospital possuía o seu nome. Havia também a sua rua tanto no *XIII arrondissement* quanto em Bordeaux, Reims, Mantes-la-Jolie e, sem dúvida, em outros lugares da França, além de sua praça em Sainte-Foy-la-Grande (Dordonha), onde ele nasceu.

1. Nascimento da antropologia

Em 1861, quando o *Boletim da Sociedade de Antropologia de Paris* publicou essa nota e editou o seu tomo 2, o mundo científico estava em plena ebulição. Charles Darwin tinha acabado de publicar seu livro iconoclasta *A origem das espécies através da seleção natural, ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida* (1859). Paul Broca compartilhava essas idéias transformadoras das quais o francês Jean-Baptiste de Monet, cavaleiro de Lamarck (1744-1829), em *Filosofia zoológica* (1809), instituiu-se defensor meio século antes. Em 1859, Broca criou a Sociedade de Antropologia de Paris, com colegas que, como ele, possuíam sólida cultura naturalista.

¹ Esse texto foi publicado no site *BibNum* em abril de 2010. A autorização para traduzir o artigo e publicá-lo na revista *Verba Volant* foi concedida pelo autor e por Alexandre Moatti, Diretor da publicação www.science.gouv.fr, em 23 de junho de 2010. Para acessar o texto original: <http://www.bibnum.education.fr/sciencesdelavie/neurologie/laphasie-de-broca>

² *Professeur honoraire* de biologia da Universidade de Paris 7 – Denis Diderot.

³ Prof^a Dr. do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tradução efetuada da língua francesa para a língua portuguesa. brumdepaula@yahoo.fr

⁴ Bulletin de la société française d'anthropologie. Sessão do dia 18 de abril de 1861, tomo 2, p. 235-238. www.gallica.bnf.fr ou www.bibnum.education.fr/

15. NOYAU, C. As relações temporais na dinâmica dos *lectes* dos aprendizes. Tradução de Mirian Rose Brum-de-Paula. *Verba Volant*, número temático: *Aquisição de línguas estrangeiras*, v. nº2, 2011. p.1-25.

Disponível em: <http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant/terceiro/noyau2.pdf>



VERBA VOLANT

Volume 2 – Número 2 - julho-dezembro 2011 - ISSN 2178-4736
<http://letras.ufpel.edu.br/verbavolant>

1

AS RELAÇÕES TEMPORAIS NA DINÂMICA DOS LECTOS DOS APRENDIZES¹

Colette Noyau²

Tradução : Mirian Rose Brum-de-Paula³

Os trabalhos aquisicionistas sobre o domínio da temporalidade evoluíram muito, principalmente nos últimos anos. Focalizados, inicialmente, na estrutura linguística dos lectos, esses trabalhos passaram a elucidar sua dinâmica: estrutura do desenvolvimento e fatores envolvidos na sua reestruturação. No que diz respeito à temporalidade, as pesquisas envolveram, por um lado, a identificação dos diferentes fatores contextuais favoráveis à emergência da morfologização de noções aspectuais e/ ou temporais e, por outro lado, - situando-as dentro de uma perspectiva textual, de construção de estruturas temporais dentro do discurso -, a revelação das evoluções dos lectos dos aprendizes em relação a esse domínio. Desejamos demonstrar neste artigo, que a morfologização aquisicional deve ser considerada no âmbito das atividades discursivas e das restrições comunicativas relativas à referenciação, se aspiramos compreender os processos que estão em jogo.

1. Relações temporais e gramaticalização

1.1. Relações temporais nos estágios iniciais

Muitos trabalhos convergentes mostraram como, nos lectos de aprendizes pré-básicos, que ainda não possuem morfologia, as relações temporais repousam na

¹ Versão revisada, não publicada, apresentada na 3ª EuroConferência *The structure of learner language*, em San Feliu de Guixols (Espanha). Uma versão modificada foi publicada em inglês com o título *Temporal relations in learner varieties: Grammaticalisation and discourse construction* In: SALABERRY R. & Y. SHIRAI, eds. *Morphologization processes in second language acquisition*, Amsterdam/New York: Benjamins, 107-128, 2002.

² Professora da Universidade de Paris Oeste – Nanterre - La Défense - UMR 7114 MoDyCo CNRS - colette.noyau@free.fr

³ Professora da Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPel - GRPesq/CNPq Emergência da Linguagem Oral (ELO) - brumdepaula@yahoo.fr

1

16. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Aquisição da linguagem e harmonia vocálica. **Letras de hoje**, v.47, n.3, p.333-341, 2012.

Disponível em : <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11865/8084>

LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE LETRAS DE HOJE

Aquisição da linguagem e harmonia vocálica

Language acquisition and vowel harmony

Giovana Ferreira-Gonçalves
Mirian Rose Brum-de-Paula
Universidade Federal de Pelotas – RS – Brasil

Resumo: Pesquisas sobre o processo de aquisição das vogais do português têm sido desenvolvidas com base em diferentes abordagens teóricas. Os trabalhos, numericamente pouco expressivos, se comparados àqueles que investigam a aquisição do sistema consonantal, convergem em apontar a emergência precoce do triângulo vocálico básico, seguido pelas vogais médias altas e médias baixas. As discussões, geralmente, voltam-se para a emergência tardia das vogais médias baixas e não lançaram, ainda, um olhar acerca da aquisição de regras variáveis do português. A militância dos efeitos co-articulatórios na distribuição vocálica das palavras produzidas pelas crianças tem, igualmente, sido posta de lado. O presente trabalho, com base nos dados de 5 crianças, em processo de aquisição do português brasileiro, com idades entre 1:0 e 3:0, e na fala de seus cuidadores, verificará a ocorrência de harmonia vocálica nas produções infantis, buscando sua relação com o próprio processo de aquisição da fonologia.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Fonologia; Harmonia vocálica

Abstract: Researches on the acquisition of Portuguese vowels have been developed based on different theoretical approaches. The works, which are, however, numerically not very significant when compared to those who investigate the acquisition of the consonantal system, converge in pointing to the early emergence of /a, i, u/, followed by the medium high and medium low vowels. The discussions usually turn to the emergence of low middle vowels and did not cast even a glance on the acquisition of variable rules of Portuguese. The role of the co-articulatory effects on the distribution of vowels produced by children has also been set aside. This work, based on data from five children in the process of acquisition of Brazilian Portuguese language, with ages between 1:0 and 3:0, aims to explain the occurrence of vowel harmony in their productions, seeking to relate vowel harmony to the phonology acquisition process.

Keywords: Language acquisition; Phonology; Vowel harmony

1 Introdução

A construção da linguagem pela criança inicia o seu curso de modo muito precoce se levamos em conta aspectos ligados à percepção e às capacidades motoras da criança. Antes das primeiras palavras, que emergem no segundo ano de vida, disposições mais gerais – capazes de organizar os sons de qualquer língua natural – especializam-se no processamento da(s) língua(s) materna(s) do bebê. Assim, os mecanismos responsáveis pelo processamento da percepção, funcionais desde o início, muito rapidamente, sob a influência da língua materna, passam a ser modulados pelas suas propriedades, o que implica a prosódia e a fonologia.

A continuidade entre o balbúcio e as primeiras palavras, *continuum* sugerido nos trabalhos efetuados por Brown ao final dos anos 50, somente começou a ser testada e verificada três décadas depois. Atualmente, respaldados pelos resultados de pesquisas acerca (i) das características fonéticas e acústicas comuns encontradas no balbúcio de crianças de diferentes origens linguísticas – fato este em parte creditado a grandes tendências encontradas no tronco comum existente entre as línguas do mundo; (ii) dos aspectos ligados tanto à anatomia do conduto vocal e seus articuladores quanto ao controle motor desses articuladores – o que contribuiu para demonstrar, por exemplo, que a oscilação mandibular associada a uma posição neutra da língua favorece produções de sílabas

17. FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Aquisição da linguagem e harmonia vocálica: uma análise via Teoria da Otimidade. **Letras & Letras**, v.28, n.1, p.347-362, 2012.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25864/14223>

PDF.js viewer

25/09/2022 15:34

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E HARMONIA VOCÁLICA: UMA ANÁLISE VIA TEORIA DA OTIMIDADE

Giovana Ferreira GONÇALVES

Doutora. Universidade Federal de Pelotas
E-mail: gfgb@terra.com.br

Miriam Rose BRUM-DE-PAULA

Doutora. Universidade Federal de Pelotas
E-mail: brumdepaula@yahoo.fr

Resumo

O presente trabalho busca formalizar, por meio da Teoria da Otimidade, a emergência do sistema vocálico e da harmonia vocálica que sofrem as pretônicas, desencadeada pela presença da vogal alta em sílaba subsequente. Os dados considerados para a análise são resultantes de coletas longitudinais das produções de 5 crianças, com idade entre 1;4 e 3;0 (ano:meses), falantes monolíngues do português brasileiro, residentes na cidade de Pelotas-RS.

Palavras-chave

Harmonia vocálica; Aquisição fonológica; Teoria da Otimidade

18. BRUM-DE-PAULA, M. R.; CASERO, K.T.B.; DIAS-CAVALHEIRO, B. S. A referência ao tempo em textos narrativos de crianças e adolescentes aprendizes do português brasileiro. *Prolíngua*, v.8, nº2, p.258-270, 2013.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/19344/10737>

PDF.js viewer

25/09/2022 19:37

A REFERÊNCIA AO TEMPO EM TEXTOS NARRATIVOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES APRENDIZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Mirian Rose Brum-de-Paula¹¹⁸
Katiane Teixeira Barcelos Casero¹¹⁹
Bruna Santana Dias-Cavalheiro¹²⁰

RESUMO

Para construir um texto narrativo, o locutor necessita selecionar, ordenar e articular as informações que intenciona enunciar. É preciso que alguns acontecimentos sejam organizados de modo cronológico para que emerge a trama, o primeiro plano do discurso. A tarefa adquire complexidade maior quando eventos não ancorados no eixo do tempo são reportados. Surge, então, o pano de fundo, o segundo plano do discurso. Construir o pano de fundo da narrativa, constituído de processos concomitantes, anteriores ou posteriores aos reportados na trama, exige o emprego de diferentes elementos especializados para expressar esses movimentos. Neste estudo, tentamos identificar os recursos empregados por crianças e adolescentes, em processo de aquisição da linguagem, para resolver o problema da *quebra da linearidade* do discurso no que diz respeito à simultaneidade, principalmente. A análise da produção - oral e escrita - correspondente a duas cenas da história *Frog, where are you?* (MAYER, 1969) permitiu constatar que os textos analisados carecem de recursos linguísticos para dar conta da concomitância em textos narrativos.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem. Narrativa. Concomitância.

ABSTRACT

To write a narrative text, the speaker needs to select order and articulate the pieces of information that he or she intends to enunciate. It is necessary to organize some events chronologically in order to the plot, or the first level of discourse, emerge. The task becomes even more complex when the facts to be reported are not organized according to the time axis. At this moment, the background, or second level of discourse, arises. Building the narrative background, comprised of concomitant, previous or subsequent to the plot, requires the use of different specialized elements to express such movements through the time. In this study, we try to identify the resources used by children and teenagers, in process of language acquisition to solve the issue of the breaking up of the linearity of speech related to simultaneity, mainly. The analysis of production - oral and written - of two scenes from the story *Frog, where are you?* (MAYER, 1969) allowed to establish that the texts analyzed are deprived of linguistic resources to deal with concomitance in narrative texts.

KEYWORDS: Language acquisition. Narrative. Concomitance

Introdução

O presente artigo tem por objetivo expor resultados parciais relativos ao processo de desenvolvimento da linguagem no que concerne aos recursos empregados por crianças e adolescentes para marcar a posterioridade e, principalmente, a simultaneidade em narrativas orais e escritas. A pesquisa foi motivada pela hipótese de que narrar eventos sequenciais seria menos oneroso cognitivamente do que narrar eventos concomitantes. Seria esperado, portanto, que crianças e adolescentes mais amadurecidos do ponto de vista cognitivo, alunos de séries mais avançadas, conseguissem produzir narrativas mais complexas, ou seja, contendo

¹¹⁸ Professora Associada do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. brumdepaula@yahoo.fr

¹¹⁹ Universidade Federal de Pelotas - PIBIC/CNPq - Licenciatura em Letras. kb.casero@gmail.com

¹²⁰ Universidade Federal de Pelotas - PROBIC/ FAPERGS. brunasantanadias@gmail.com

19. BADARACCO, L. M. D.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Traduzir é categorizar: um caso de tradução interlinguística espanhol-português. *Cadernos de tradução*, v.35, n.1, 2015. p.118-138

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p118/29538>

PDF.js viewer

25/09/2022 17:19

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35n1p118>

TRADUZIR É CATEGORIZAR: UM CASO DE TRADUÇÃO INTERLINGUÍSTICA ESPANHOL- PORTUGUÊS

Lucas Mario Dacuña Badaracco*
Universidade Federal de Pelotas

Mirian Rose Brum-de-Paula**
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Neste artigo, investiga-se o modo como os processos de *categorização* e de *proeminência* ocorrem em fragmentos de *Doze contos peregrinos*, obra de García Márquez (2011). Para tanto, analisaram-se a versão original, em espanhol latino-americano, e uma versão traduzida, em português brasileiro (PB). Focam-se trechos em que o verbo *poner* (*pôr*) surge conjugado no particípio, na acepção de *vestir-se*, a fim de discutir o conteúdo semântico que as duas línguas expressam nessas situações. Haja vista que não há uma equivalência direta para *puesto* no PB, quais seriam as opções do tradutor ao encontrar-se com uma estrutura do tipo *El niño tiene los zapatos puestos* (*O menino está usando sapatos*)? O que elas poderiam revelar sobre o aparato conceitual humano? Os níveis de catego-

* Mestrando na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Centro de Letras e Comunicação, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de Estudos da Linguagem (UFPel). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: lucasbadaracco@hotmail.com

** Possui Graduação em Letras Português-Francês (UFSM -1987), Mestrado em Linguistique-Sémiotique-Communication (Université de Franche Comté - 1990) e Doutorado em Sciences du Langage Linguistique et Phonétique (Université de Paris X-Nanterre - 1998). Atualmente, é professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: brumdepaula@yahoo.fr



Esta obra está licenciada com uma Licença: Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

20. BRUM-DE-PAULA, M. R.; FERREIRA-GONÇALVES, G. Desenvolvimento lexical e gramaticalização na aquisição do Português Brasileiro. *Revista Gragoatá*, v. 20, nº 38, p.288-308, 2015.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33311/19298>

PDF.js viewer

25/09/2022 19:42

Desenvolvimento lexical e gramaticalização na aquisição do português brasileiro

Mirian Rose Brum de Paula^a

Giovana Ferreira Gonçalves^b

Resumo

O presente trabalho, partindo de uma perspectiva funcionalista e emergentista para o processo de aquisição da linguagem, em que padrões gramaticais são concebidos enquanto estruturas que emergem do léxico, busca refletir acerca da maneira como ocorre a aquisição do léxico verbal e o fenômeno da gramaticalização. Os resultados obtidos apoiam o modelo from reference to predication to grammar e a hipótese da massa lexical crítica propostos por Bates et al (1994; 1997) e Bates e Goodman (1999).

Palavras chave: morfologia verbal; aquisição da linguagem; gramaticalização

Recebido em 27/01/2015
Aprovado em 24/03/2015

^a UFP - Universidade Federal de Pelotas - brumdepaula@yahoo.fr

^b Universidade Federal de Pelotas - gfgb@terra.com.br

21. BADARACCO, L.; BRUM-DE-PAULA, M. R. Descompassos entre texto de partida e sua tradução: manutenção e reconfiguração de sentidos. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, nº 1 - 10, p.105-125, 2016.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312073954_Descompassos_entre_texto_de_partida_e_sua_traducao_manutenc_ao_e_reconfiguracao_de_sentidos

Descompassos entre texto de partida e sua tradução: manutenção e reconfiguração de sentidos

Lucas Mario Dacuña Badaracco e Mirian Rose Brum-de-Paula
Universidade Federal de Pelotas

Abstract: This paper investigates the Brazilian Portuguese (BP) translation of the Spanish sequences formed by an auxiliary verb, the verb *poner* (to put) in past participle, with the acceptance of *to get dressed*, and an object of the clothing category, as in *Él tiene puesto un sombrero*. The excerpts come from the original version of *Strange Pilgrims* and a translated one in BP. The aim is to apply the *prototypicality* and *prominence* concepts to the analysis of the data collected in both languages. The theoretical assumptions are based upon Cognitive Linguistics findings, especially upon Rosch (1975; 1978) and Lakoff (1987).

Keywords/Palavras-chave: Translation, Prototypicality, Prominence, Cognitive Linguistics./Tradução, Prototipicidade, Proeminência, Linguística Cognitiva.

1. Introdução

Neste artigo, investiga-se a tradução, para o português brasileiro (PB), das sequências em língua espanhola compostas por um verbo auxiliar, o verbo *poner* (pôr) no particípio, com a aceção de *vestir*, e um objeto da categoria roupa, tal como em *El hombre tiene puesto un sombrero*. Os fragmentos escolhidos para análise retiram-se da versão original de *Doze Contos Peregrinos*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, e de uma versão traduzida para o PB, do tradutor brasileiro Eric Nepomuceno. O objetivo é aplicar conceitos da Linguística Cognitiva (LC), como os de prototipicidade e proeminência, à discussão dos dados encontrados na língua-fonte (espanhol) e na língua-alvo (PB). Para isso, os trechos das duas línguas são separados conforme dois tipos diferentes de particípio, os quais, por demonstrar usos diversos,



22. CASERO, K.T.B.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; FERREIRA-GONÇALVES, G. A consoante lateral palatal: análise acústica e articulatória à luz da Fonologia Gestual. *ReVEL*, v.14, nº 27, p. 79-114, 2016.

Disponível em: <http://revel.inf.br/files/a47bbeefe68d004e36eacf200cc52dcf.pdf>

CASERO, Katiane Teixeira Barcelos; BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose; FERREIRA-GONÇALVES, Giovana. A consoante lateral palatal: análise acústica e articulatória à luz da Fonologia Gestual. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016 [www.revel.inf.br].

A CONSOANTE LATERAL PALATAL: ANÁLISE ACÚSTICA E ARTICULATÓRIA À LUZ DA FONOLOGIA GESTUAL

Katiane Teixeira Barcelos Casero (UFPEL/PPGL – CAPES)¹
Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPEL/PqG 2013 – FAPERGS)²
Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPEL/CNPq)³

kb.casero@gmail.com.br
brumdepaula@yahoo.fr
gfgb@terra.com.br

RESUMO: A consoante lateral palatal é descrita pela literatura como uma consoante complexa, cuja realidade acústico-articulatória conjuga aspectos vocálicos e consonantais. Silva (1996) descreve acusticamente a lateral palatal e identifica três fases acústico-articulatórias. Outros recursos metodológicos, porém, poderiam viabilizar a descoberta de novos resultados. Nesse sentido, o presente trabalho, por meio do uso da ultrassonografia aplicada às pesquisas linguísticas, busca investigar as características gestuais da consoante lateral palatal. A análise dos dados foi feita com base na Fonologia Gestual – calcada na Teoria dos Sistemas Dinâmicos –, a qual concebe o sistema fonológico como emergente de uma série de ações coordenadas dos articuladores – que ocorrem no tempo e no espaço. Foram, assim, observados os movimentos dos articuladores em tempo real da produção. O *corpus* foi constituído a partir da produção de cinco adultos do sexo feminino, estudantes universitárias da cidade de Pelotas. Os dados de fala foram obtidos por meio de um gravador digital, modelo *Zoom H4N*. Para os dados articulatórios, foi utilizado um ultrassom, modelo *Mindray DP-6600*. As produções foram analisadas com o auxílio do programa *PRAAT*, versão 5.3.82; para as análises articulatórias, o programa *Articulate Assistant Advanced*, versão 2.14. O instrumento de coleta é composto por palavras e logatomas – produzidas dentro de uma frase veículo. Os resultados foram ao encontro dos obtidos por Silva (1996): identificaram-se as três fases acústico-articulatórias da consoante [ɫ] quanto à trajetória dos formantes, bem como sua palatalização. Tais fatos acústicos demonstraram possuir correlatos com as imagens ultrassonográficas obtidas.

Palavras-chave: lateral palatal; Fonologia Gestual; ultrassom

¹ Mestre em Letras. Professora da rede Estadual do RS

² Doutora em Letras. Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas

³ Doutora em Letras. Professora Adjunto IV da Universidade Federal de Pelotas

23. CORREA, B. T.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. Aquisição das vogais nasais francesas [ẽ], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiros: aspectos articulatórios. *Ilha do desterro*, 2017, vol. 70, nº 3, p.131-150, 2017.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2017v70n3p131/34973>

PDF.js viewer

25/09/2022 20:05

DOI: 10.5007/2175-8026.2017v70n3p131

AQUISIÇÃO DAS VOGAIS NASAIS FRANCESAS [ẽ], [ã] E [õ] POR APRENDIZES BRASILEIROS: ASPECTOS ARTICULATÓRIOS

Bruna Teixeira Correa*
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, RS, BR

Giovana Ferreira-Gonçalves**
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, RS, BR

Mirian Rose Brum-de-Paula***
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, RS, BR

Resumo

Este trabalho se propõe a investigar a aquisição das vogais nasais [ẽ], [ã] e [õ] da Língua Francesa por aprendizes do curso de licenciatura em Letras Português/Francês. Em termos articulatórios, essa classe de segmentos caracteriza-se pelo abaixamento do véu palatino, o que gera o acoplamento dos tubos nasal e oral (SEARA, 2000; MEDEIROS e DEMOLIN, 2006; BARBOSA e MADUREIRA, 2015) e, consequentemente, por aspectos acústicos diferentes daqueles encontrados nas vogais orais. Com a passagem livre do ar no trato nasal, o primeiro formante (F1) tende a abaixar e o terceiro (F3) a aumentar (HAWKINS e STEVENS, 1985; DELVAUX, 2003). Há também uma modificação na amplitude de picos espectrais – menor para as nasais –, aparecimento de picos espectrais adicionais e uma maior duração para os referidos segmentos (MORAES e WETZELS, 1992; SOUSA, 1994). Para desenvolver essa pesquisa, foram realizadas coletas de dados articulatórios com três grupos de informantes: Grupo I – dois aprendizes de FLE de semestres distintos (2º e 8º) do curso de licenciatura; Grupo II – uma nativa de francês; e Grupo III – uma nativa de português brasileiro. O instrumento de coleta articulatória consistiu em um teste de produção de logatomas em frase-veículo. As coletas foram realizadas na cabine acústica do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO/UFPel). Para a coleta e análise dos dados articulatórios, foi utilizado o *software Articulate Assistant Advanced (AAA)*, versão 2.16.11. A análise dos segmentos dos dois grupos de nativas constatou que: (i) para diferenciar o segmento nasal do oral, a nativa do francês posterioriza seus movimentos de língua, já a do português, eleva-os. Quanto aos dados das aprendizes, foi possível constatar: (i) generalização dos gestos de língua da informante do 2º semestre para as três vogais nasais do FR e (ii) distinção vocálica acurada da informante do 8º semestre. Ainda, a ultrassonografia demonstrou ser uma ferramenta promissora para a realização de pesquisas acerca da nasalidade, evidenciando diferenças estatísticas significativas nos movimentos de língua entre os segmentos orais e nasais.

Palavras-chave: Vogais nasais; Aquisição de língua estrangeira; Francês

* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas, Professora Substituta da Universidade Federal de Pelotas. Seu e-mail é gfgb@terra.com.br.

** Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Sul, Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Coordenadora Administrativa do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO/UFPel), Pesquisadora do CNPq. Seu e-mail é giovanaferreiragoncalves@gmail.com.

*** Doutora em *Sciences du Langage Linguistique et Phonétique* pela Université de Paris X-Nanterre, Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Coordenadora Científica do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO/UFPel). Seu e-mail é brumdepaula@yahoo.fr.



Esta obra tem licença Creative Commons

24. BADARACCO, L.; BRUM-DE-PAULA, M.R.; BARBIERI, T.T. A expressão dos processos sentar e levantar em relatos descritivos do português do Brasil e do espanhol do Uruguai. *Signótica*, vol.29, nº 2, p.482-503, 2017.

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/35631/24067>

PDF.js viewer

25/09/2022 20:16

10.5216/SIG.V29I2.35631

A EXPRESSÃO DOS PROCESSOS SENTAR E LEVANTAR EM RELATOS DESCRITIVOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL E DO ESPANHOL DO URUGUAI

LUCAS MARIO DACUÑA BADARACCO*

MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA**

THAIS TELLES BARBIERI***

RESUMO

Neste artigo, investiga-se a expressão dos processos *sentar* e *levantar* em relatos produzidos por três sujeitos falantes nativos do português brasileiro (PB) e três do espanhol uruguaio (EU). Discute-se a estrutura linguística formada pelo verbo *estar* e por um verbo no particípio. Visto que no PB e no espanhol há modos particulares de exprimir os dois processos, haveria diferenças naquilo que é dito e inferido? Para a coleta, produziram-se gravuras e formularam-se perguntas, visando obter os dados pretendidos. O objetivo foi verificar se existem evidências de que cenários idênticos são relatados distintamente pelos falantes do PB e do EU.

PALAVRAS-CHAVE: Sentar, levantar, linguística cognitiva, português brasileiro, espanhol do Uruguai.

1. INTRODUÇÃO

A partir de trabalhos envolvendo comparações interlinguísticas, desenvolvidos por Slobin (1996; 2003), surgiram questões que incitam

* Graduado e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: lucasbadaracco@hotmail.com.

** Graduada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Mestra em Linguistique-Sémiotique-Communication pela Université de Franche Comté (UFC), Besançon, França. Doutora em Sciences du Langage Linguistique et Phonétique pela Université de Paris X – Nanterre (UPN), Nanterre, França. E-mail: brumdepaula@yahoo.fr.

*** Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Brasil. Mestranda do PPGL do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade federal de Pelotas. E-mail: tbarbieri@gmail.com

25. CORREA, B. T.; FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M.R. Aquisição das vogais [E], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiros FLE: aspectos duracionais. *Linguagem e ensino.*, vol. 21, p. 73-118, 2018.

Disponível em : <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15189/9367>

Aquisição das vogais nasais [ẽ], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiros de fle: aspectos duracionais

Bruna Teixeira Correa

Universidade Federal de Pelotas

Giovana Ferreira-Gonçalves

Universidade Federal de Pelotas/CNPq

Mirian Rose Brum-de-Paula

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: O presente trabalho tem como tema a análise da produção das vogais [ẽ], [ã] e [õ] por aprendizes brasileiras de francês como língua estrangeira. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram coletados os dados acústicos de três grupos de informantes: Grupo I – 3 aprendizes de francês do 3º, 5º e 7º semestres; Grupo II – 1 nativa de francês – e Grupo III – 1 nativa de português. A coleta de dados orais incluiu um teste de eliciação de palavras em frase-veículo. Os dados foram analisados acusticamente, por meio do software PRAAT, em relação às medidas de duração da vogal, da fase nasal, do murmúrio e de duração relativa dessas duas fases quando comparadas à duração total da vogal. O tratamento estatístico dos dados concernentes à pesquisa foi feito por meio do software SPSS STATISTICS, versão 17.0. Os resultados apontaram que a duração revelou-se como uma pista acústica relevante para diferenciar as vogais nasais das duas línguas.

Palavras-chave: vogais nasais; aquisição de língua estrangeira; francês

26. LOPES NETO, G. R.; BRUM-DE-PAULA. Prótese vocálica em sequência sC inicial no francês como língua adicional: análise espectral de usuárias brasileiras. *Entrepalavras*, vol. 9, nº 2, p. 129-153, 2019.

Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/46388/1/2019_art_grlopesnetomrbrum-de-paula.pdf

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11614>

**Prótese vocálica em
sequência sC inicial
no francês como
língua adicional:
análise espectral de
usuárias brasileiras**

*Vowel prosthesis in initial sC
sequence in French
as additional language: spectral
analysis of Brazilian users*

Gilson Ramos LOPES NETO (UFPel/CAPES)
gilson.lopez@teachers.org

Mirian-Rose BRUM-DE-PAULA (Université de Paris X)
brumdepaula@yahoo.fr

Recebido em: 31 de jan. de 2019.
Aceito em: 10 de maio de 2019.

LOPES NETO, Gilson Ramos; BRUM-DE-PAULA, Mirian-Rose. Prótese vocálica em sequência sC inicial no francês como língua adicional: análise espectral de usuárias brasileiras. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 129-153, maio-ago/2019.

Resumo: O presente trabalho relata dados espectrais das vogais protéticas produzidas por informantes brasileiras em sequência de sibilante com consoante (#sC) em língua francesa como língua adicional (LA). Esse grupo experimental foi composto por 9 brasileiras (24-37 anos) residentes em Genebra (Suíça), sendo todas falantes nativas do português brasileiro (PB) como única língua materna (L1) e igualmente estudantes do francês LA. A análise dos dados, realizada por meio de metodologia individual, foi concebida à luz dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) (LARSEN-FREEMAN, 1997; DE BOT; LOWIE; VERSPOOR, 2007; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2009) e da Fonologia Gestual (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1988, 1989, 1992; ALBANO, 1990, 2001). A presente investigação apresenta os valores formânticos brutos de F1, F2 e F3 das 451 próteses vocálicas realizadas durante a leitura de 1296 frases-veículo. Os resultados apontam a existência de fones vocálicos híbridos quanto à sua qualidade: média-alta anterior observada no PB, porém com arredondamento bilabial parcial recorrente no francês. Isso demonstra

27. SANTOS, T.E.; BRUM-DE-PAULA, M.R. Senegaleses no Brasil: aspectos culturais, socioeconômicos e linguísticos. *RELACult - Revista latino-americana de estudos em cultura e sociedade*, vol.6(4), p.1-15, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1765/1146>

PDF.js viewer

25/09/2022 21:52

RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade
Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society
V. 06, n° 01, jan-abr., 2020, artigo n° 1765 | claec.org/relacult | e-ISSN: 2525-7870

Senegaleses no Brasil: aspectos culturais, socioeconômicos e linguísticos

Senegaleses en Brasil: aspectos culturales, socioeconómicos e linguísticos

Senegalese in Brazil: cultural, socioeconomic and linguistics aspects

Thalena Evangelista Santos¹

Mirian Rose Brum-de-Paula²

Resumo

Nos últimos anos, o fluxo migratório apresentou um aumento significativo no Brasil, recebendo imigrantes oriundos do seu próprio continente e de outros também, sobretudo da África e Ásia. Oriundos de países como Haiti, Senegal, Síria, Angola, Gana, entre outras nações, os imigrantes procuram, devido às condições socioeconômicas de seus países de origem, oportunidades que não encontram nesses territórios. Tendo em vista esse movimento migratório, esse trabalho tem por objetivo, além de contextualizar aspectos socioculturais e socioeconômicos que envolvem esse deslocamento, desenvolver uma análise acerca de aspectos linguísticos, advindos do processo de aquisição do português brasileiro por senegaleses, com foco em dificuldades na produção de alguns sons do português. Percebe-se a intensa presença de imigrantes africanos no Brasil, sobretudo na região Sul do país. Na maioria das vezes, exercem atividades de pequeno comércio em cidades de grande e médio porte como, por exemplo, a venda de relógios, bijuterias ou roupas. Muitos imigrantes também são atraídos por oportunidades laborais ligadas a tradições religiosas e relacionadas a métodos de trabalho que seguem regras peculiares, como o abate *halal*, característico da tradição islâmica. Dessa maneira, os senegaleses, por serem muçulmanos, são contratados por indústrias alimentícias, pois apresentam os atributos e os conhecimentos necessários para realizar tal atividade. Enfim, além de explorar situações relacionadas à trajetória desses sujeitos, suas aspirações e adaptação no território brasileiro, a presente proposta inclui colocar em evidência o modo como os imigrantes senegaleses, vindos de um país rico linguisticamente, adquirem o português brasileiro.

Palavras-chave: aquisição; consoantes fricativas; imigração; língua estrangeira; senegaleses.

Resumen

En los últimos años, el flujo de migración ha aumentado significativamente en Brasil, recibiendo inmigrantes de su propio continente y de otros, especialmente de África y Asia. Provenientes de países como Haití, Senegal, Siria, Angola, Ghana, entre otras naciones, los inmigrantes buscan, debido a las condiciones socioeconómicas de sus países de origen, oportunidades que no se encuentran en estos territorios. En vista de este movimiento de inmigración, este trabajo tiene como objetivo, además de contextualizar los aspectos socioculturales y socioeconómicos que implican este desplazamiento, desarrollar un análisis de los aspectos lingüísticos derivados del proceso de adquisición del portugués brasileño por parte de los senegaleses, enfocándose en las dificultades de producción en algunos sonidos del portugués. Se nota la intensa presencia de inmigrantes africanos en Brasil, especialmente en la región sur del país. La mayoría de las veces, se dedican a actividades de pequeñas empresas en ciudades grandes y medianas, como la venta de relojes, bisutería o ropa. Muchos inmigrantes también se sienten atraídos por las oportunidades laborales vinculadas a las tradiciones religiosas y los métodos de trabajo que siguen reglas peculiares, como la matanza *halal*, característica de la tradición islámica. Por lo tanto, los senegaleses, que son musulmanes, son contratados por las industrias alimentarias, ya que tienen los atributos y el

¹ Mestranda em Linguagem, Texto e Imagem; Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Pelotas, Rio Grande do Sul; Brasil; thalena_x3@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Linguagem; Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Pelotas, Rio Grande do Sul; Brasil; brumdepaula@yahoo.fr

Histórico do artigo:

Submetido em: 31/12/2019 – Aceito em: 22/01/2020

2.1.3. Coordenação de cursos ou programas e funções administrativas outras

Na UFSM, o meu engajamento com funções administrativas foi mais presente. A bem da verdade, enquanto professora universitária, tentei privilegiar os pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, atuando menos em cargos administrativos, mas não deixei de contribuir com algumas atividades a eles consagradas. Fui diretora do *Laboratório de Línguas* do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM), diretora do *Caixa Preta**, teatro universitário ligado ao curso de Teatro do Centro de Artes e Letras (CAL), subchefe do DLEM, chefe da cadeira de francês do DLEM, coordenadora e vice-coordenadora do *Programa de Pós-Graduação em Letras*. Na UFPel, fui chefe da *câmara de pesquisa* do CLC e, desde 2010, coordenadora científica do *Laboratório Emergência da Linguagem Oral* do PPGL/ CLC.

A função mais importante, na UFSM, relacionada a minha área, é a que mais tempo dediquei. Trata-se da coordenação e vice-coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, que ocorreu de outubro de 2000 a janeiro de 2005, ou seja, passei um pouco mais de quatro anos consecutivos exercendo essa função. Sílvia Paraense auxiliou-me nessa atividade. Ela foi, na primeira gestão, a Coordenadora Substituta do Programa e, depois, na segunda gestão, assumiu a Coordenação e eu a Coordenação Substituta. Vale destacar, no entanto, que trabalhamos juntas durante as duas gestões, com o mesmo ritmo de trabalho, enfrentando os mesmos problemas e visando aos mesmos objetivos.

Este foi um período dinâmico e difícil. Dinâmico, porque conseguimos desenvolver vários projetos e ações, dentre os quais:

- a) a indexação e a manutenção da periodicidade da *Revista Letras* e da *Coleção Ensaio*s, dois periódicos do Programa;
- b) a adoção de novas orientações e estímulos aos docentes e discentes para que priorizassem suas produções intelectuais. Para tanto, negociamos, junto à coordenação do curso de graduação, uma redução da carga horária dos professores envolvidos com o Programa, que ficou equilibrada entre a graduação e a pós-graduação;
- c) o estabelecimento de metas destinadas a qualificar o Mestrado, que

passou de um conceito 3 para 4 na primeira gestão, entre 2000 e 2002, o que possibilitou a elaboração de um projeto para a criação do doutorado;

d) a criação do Doutorado em Letras, cujo projeto foi reformulado após uma primeira avaliação negativa da CAPES, em 2001. No final de 2002, no entanto, a nova versão foi aprovada, o que nos levou a uma segunda gestão na coordenação do PPGL, visando a consolidar o novo curso;

e) o lançamento adequado de informações no DATACAPES (atual Plataforma Sucupira);

f) a reestruturação do espaço consagrado à administração e às salas de aula do Programa. Essa readequação física proporcionou abrigar um novo laboratório de pesquisa, o *Laboratório Corpus*;

g) a criação do *PPGL Editores*;

h) a criação de novas publicações periódicas para o Programa: a *Série Cogitare* e a revista *Fragmentum* (ligada ao *Laboratório Corpus*).

O período das duas gestões foi também difícil, porque, de um lado, não havia uma boa contrapartida institucional que apoiasse nossos projetos - tínhamos animosidades a administrar, emanadas da direção do CAL - e, de outro, esse relacionamento conflituoso, contaminava nossas relações com alguns professores do Programa, muito ligados ao diretor do Centro.

Com o tempo, entendi que essas intempéries não eram exclusivas da instituição em que estava, mas existentes em todos os sistemas que estabelecem alguma relação hierárquica entre os seus membros. Talvez por esse motivo, chegando à UFPel, decidi não mais assumir esse tipo de atividade. O único deslize em relação a essa combinação comigo mesma foi em 2016. Nesse ano, assumi a Câmara de Pesquisa, mas a missão foi interrompida em 2017, quando saí para o meu pós-doutorado. Antes disso, em 2010, assumi a coordenação do LELO, mas a administração desse Laboratório é de outra natureza. De fato, coordená-lo, junto com Giovana, diz respeito a uma construção, um empreendimento relativo ao ensino, à pesquisa e à extensão. Diz respeito à composição e manutenção de uma equipe de trabalho que visa a dar visibilidade às atividades desenvolvidas e à formação de professores pesquisadores na área de Letras.

2.1.4. Liderança de grupos e coordenação de laboratórios de pesquisa, organização de eventos e cursos

A atuação junto a laboratórios e a minha participação como membro de grupos, liderados por colegas ou por mim mesma, são ações intimamente relacionadas, na minha trajetória acadêmica, com a organização de eventos. De fato, muitos foram concebidos com o intuito de alimentar ideias e fomentar projetos surgidos nesses grupos e no interior desses ambientes. Por esse motivo, essas ações foram agrupadas de modo a constituírem um único tópico. Evidentemente, nem sempre essa articulação existiu. Por exemplo, quando trabalhava na Aliança Francesa e no início de meu percurso na UFSM como professora, até então mestre e sem vínculos com a pós-graduação, a pesquisa ainda não era uma prática no meu cotidiano profissional. Assim, inicialmente, integrei comissões organizadoras de eventos de modo a contribuir em atividades promovidas pelo Curso de Letras. Esses eventos, com frequência, destinavam-se a um público numeroso e os assuntos tratados eram diversos. Eram grandes acontecimentos anuais, onerosos economicamente e em força de trabalho. Somente durante e depois do doutorado, participei e organizei encontros com objetivos mais concentrados, proporcionando a reflexão, o debate, a apresentação de assuntos que pudessem alimentar trabalhos específicos. Nesses eventos, quase todos os participantes apresentavam suas pesquisas numa mesma mesa redonda, o que proporcionava uma maior integração entre os participantes e, não raro, a identificação de problemas (metodológicos e teóricos) dos trabalhos apresentados, incluindo discussões sobre as possíveis maneiras de resolvê-los.

Integrei o G.R.A.L.-DIR (GdR 113 C.N.R.S.) enquanto membro da equipe de Colette Noyau, minha orientadora de tese. Foi, então, em Paris-Nanterre, em 1996, que organizei o primeiro evento com as características acima descritas. Fiz parte da sua comissão organizadora, composta por Colette Noyau, Danièle Flament, Cristina de Lorenzo, Virginia Leal, Gema Sanz e Maria Elena Villecco. Com Gema, organizei também o Caderno de resumos do colóquio; com Virginia, apresentei uma comunicação. O evento, denominado *Colloque International Récit et temporalité en langue première et en langue étrangère*, ocorreu em junho na Universidade Paris X - Nanterre.

Os convidados e os *présidents de séances* (coordenadores de mesas) eram oriundos de sub-grupos ligados ao G.R.A.L.-DIR, vinculados a outras instituições. Dentre eles, Clive Perdue (Paris 8), Marianne Starren (Max-Planck Institut e Universidade de Tilburg - Holanda), Josefina Garat (Universidade de Tucumán - Argentina), Henriette Hendriks (Max-Planck Institut für Psycholinguistik de Nimègue - Alemanha), Christiane von Stutterheim (Universidade de Heidelberg - Alemanha), Marina Chini (Universidade de Turin - Itália) e Wolfgang Klein (Max-Planck Institut - Holanda). Em suma, os objetivos eram claros: consolidar equipes e fazer avançar os trabalhos de pesquisa individuais e dos grupos reunidos.

Enfim, tanto esse evento como o que ocorreu em Aix-en-Provence, no ano seguinte, foram, para mim, reveladores. O formato desses encontros eram singulares e desejei realizar algo parecido voltando para o Brasil.

Enquanto membro do G.R.A.L.-DIR, (i) participei também, em Cochabamba (Bolívia), de uma mesa redonda coordenada por Noyau, (ii) comuniquei trabalhos em dois eventos do EUROSIA (um em Barcelona e outro em Lund, na Suécia), em encontro de jovens pesquisadores, ocorrido em Dunkerque (França) e no XIX Congresso FIPLV em Recife (Brasil) e (iii) parti em missão para a Universidade de Pavia (Itália), a fim de representar a minha orientadora em reunião de pesquisa do grupo que liderava.

No Brasil, a ideia da criação de Grupos de pesquisa, promovida pelo CNPq, surgiu quando eu estava realizando o meu doutorado. Quando voltei para a UFSM, em dezembro de 1998, alguns colegas teciam comentários sobre os seus GRPesqs e, imediatamente, desejei propor um. Esse projeto, no entanto, ainda não era bem visto na instituição em que trabalhava. O que então se fazia não consistia em criar um grande número de grupos, mas mostrar a força dos que existiam por meio do conjunto de pesquisadores que a eles aderiam, o que levava, conseqüentemente, a uma maior quantidade de ações e produções dos GRPesqs cadastrados. Como existiam somente quatro grupos no Curso de Letras da UFSM, dois da literatura e dois da linguística, passei a fazer parte do GRPesq/CNPq Discurso, história, gênero e identidade, liderado por Amanda Scherer.

Como membro desse GRPesq, criei, com Sílvia Paraense, o projeto do *Laboratório Corpus*. Em seguida, participei do PROCAD/ CAPES 2000,

intitulado *História das Ideias Linguísticas e Literárias*, cujos proponentes principais foram Amanda Scherer e Pedro Brum. O projeto foi aprovado, o Laboratório pode sair do papel e passou, então, a ter duas coordenações: uma Coordenação Geral e uma Coordenação Científica. Eu e Sílvia assumimos a última; Amanda e Pedro, a primeira.

O envolvimento com o GRPesq e com o Laboratório Corpus coincidiram com o período em que fui coordenadora do PPGL. Assim, algumas ações realizadas na coordenação envolveram esse Laboratório, já que ele estava ligado institucionalmente à pós-graduação. Forneço mais algumas informações sobre essas ações nos tópicos relativos a essa atividade administrativa (cf. 2.1.3) e ao meu envolvimento com publicações do PPGL da UFSM (cf. 2.1.5). Elas incluem, por exemplo, a criação do periódico intitulado *Fragmentum*.

Organizei, em 1999, junto com Amanda, o *Seminário Corpus*. Inspirei-me, sobretudo, no encontro ocorrido em Aix-en-Provence, promovido pelo G.R.A.L.-DIR, para concebê-lo. Assim, o evento contou com um número restrito de participantes: orientadores e orientandos ligados ao Laboratório Corpus e alguns convidados. Maria Virginia Leal (UFPE) e Maria Elena Villecco (UNT/Argentina), que conheci em Paris-Nanterre e organizaram comigo o *Colloque International Récit et temporalité en langue première et en langue étrangère*, estavam entre os palestrantes. O seminário ocorreu na Quarta Colônia (ou Vale Vêneto), a 45 quilômetros de Santa Maria. Visamos a reunir o grupo de modo a que todos pudessem interagir, projetar ações conjuntas e apresentar e discutir pesquisas em andamento. Os participantes conviveram, assim, sem acesso a atividades externas, num mesmo local durante o período em que o seminário ocorreu.

Na UFPel, Giovana e eu criamos o *Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO)*, em 2010. Na sequência, criamos o GRPesq Emergência da Linguagem Oral, ligado ao CNPq. Realizamos, então, uma série de pequenos encontros para promover a leitura de textos importantes para a formação dos estudantes que dele faziam parte e para que o grupo pudesse passar a integrar, em suas pesquisas, novas ferramentas tecnológicas para a análise de dados de fala.

O laboratório sempre contou com um número restrito, mas atuante, de

estudantes. Todos deveriam ser bolsistas de IC dos professores ligados ao LELO ou orientandos da pós-graduação (com bolsas de pesquisa ou não). Sendo assim, os primeiros eventos organizados destinavam-se a discutir a obra de algum autor. Organizamos, por exemplo, uma sequência de encontros denominados *Leituras de + autor*. Pudemos, então, apresentar e discutir o texto *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*, de Michael Tomasello, e *Hacia el lenguaje*, de Karmiloff-Smith, por exemplo.

Como, no LELO, são desenvolvidas pesquisas sobre a oralidade, iniciamos trabalhos cuja metodologia exigia a análise articulatório e acústica da fala. Tratamos, então, de realizar e ofertar cursos sobre fonética acústica, fonologia acústico-articulatória e o uso dos *softwares* PRAAT e AAA. Criamos, então, os *Ciclos do LELO*. Nesses eventos, convidávamos pesquisadores que vinham à UFPel para realizar cursos sobre assuntos dos quais a equipe necessitava. Em um deles, trouxemos Larissa Berti (UNESP), para que realizasse módulos sobre fonética acústica e análise estatística de dados de fala. Em outros, contamos com Ubiratã Alves (UFRGS), para um curso sobre o funcionamento do PRAAT e a análise de consoantes, e com Andreia Rauber (UCPEL), que ministrou um curso sobre as aplicabilidades da fonética acústica, incluindo questões sobre síntese de fala.

Em 2015, iniciamos a *Escola de Inverno do LELO*. Começamos a divulgar mais as atividades do Laboratório. Tal evento era organizado com o objetivo de (i) promover, para graduandos e pós-graduandos, palestras e cursos com foco na descrição e análise acústico-articulatória do Português Brasileiro (PB) e de línguas adicionais (LA); (ii) compartilhar, com a comunidade acadêmica, os trabalhos desenvolvidos no Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO) e (iii) fomentar trabalhos de extensão e pesquisas nas áreas de fonética e fonologia.

A *Escola de Inverno* surgiu, então, com o intuito de estimular e divulgar trabalhos descritivos e aquisicionistas acerca do português brasileiro e de línguas adicionais, contribuindo para a formação de graduandos e graduados em Letras e cursos afins. Como uma grande parte desses trabalhos envolvem o uso de novas ferramentas informáticas, que nem sempre são objeto de ensino e aprendizagem na graduação, a Escola proporcionou a sua introdução. Tratou-se, principalmente, da iniciação a *softwares* utilizados

para análises acústicas, articulatórias, perceptivas e estatísticas de dados de fala. O evento surgiu como resposta a uma demanda acadêmica que reconhece, nesses tipos de procedimentos analíticos, uma tendência importante e fundamental nos estudos sobre a linguagem.

Os cursos promovidos envolviam uma parte teórica e outra prática. Os inscritos deviam poder manipular diferentes ferramentas como, por exemplo, os softwares *PRAAT*, *R*, *PSYCHOPY* ou *AAA*, para que pudessem iniciar análises de dados acústicos e articulatórios ou, ainda, manipular estatisticamente os resultados obtidos.

Eis os cartazes de três edições do evento, contendo os cursos propostos:

ESCOLA DE INVERNO 2015

DO LABORATÓRIO EMERGÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL

A ULTRASSONOGRRAFIA NA ANÁLISE DA FALA
 Ministrantes: Luciana da Silva Barbarena & Roberta Michelin Melo (UFSM)
 Dias: 25 e 26 de junho - Turnos: manhã e tarde

INTRODUÇÃO À FONÉTICA ACÚSTICA
 Ministrantes: Giovana Ferreira-Gonçalves & Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPEl)
 Dias: 02 e 03 de julho - Turno: tarde

SEGMENTAÇÃO E ANÁLISE DE VOGAIS NO PRAAT
 Ministrante: Susiele Machry da Silva (UCPEL)
 Dias: 08, 09 e 10 de julho - Turno: tarde

CONCEITOS E APLICAÇÕES BÁSICAS PARA A ANÁLISE QUANTITATIVA DE DADOS LINGÜÍSTICOS
 Ministrante: Felipe Bilharva da Silva (PUC/RS)
 Dias: 16 e 17 de julho - Turno: tarde

CATEGORIZAÇÃO DA LINGUAGEM
 Ministrante: Lucas M. D. Badaracco (UFPEl)
 Dia: 15 de julho - Turno: tarde

INSCRIÇÕES
gfgb@terra.com.br
 LOCAL DOS CURSOS
 CAMPUS PORTO CLC

Logos: UFPEL, CAPES, CNPq, GRPESq/CNPq ELO.

Cartaz da 1ª Escola de Inverno

Como o evento ocorre no inverno, a arte do cartaz remete ao frio, à névoa que paira sobre o São Gonçalo (o prédio que abriga o CLC fica às margens desse canal), a bons momentos da vida do interior, em que, no inverno, as pessoas ficam conversando, aquecidas pelo calor do sol, ao redor de um recipiente cheio de bergamotas e laranjas.

ESCOLA DE INVERNO

2018

DO LABORATÓRIO EMERGÊNCIA DA LINGUAGEM ORAL

LA FONÉTICA Y LA FONOLOGIA DEL ESPAÑOL Y LA INSTRUCCIÓN EXPLÍCITA
Ministrante: Luciene Bassols Brisolara (FURG)
Dias: 15 e 16 de agosto - 14h - 17h

LA FONÉTICA Y LA FONOLOGIA DEL ESPAÑOL Y LA INSTRUCCIÓN EXPLÍCITA
Ministrante: Luciene Bassols Brisolara (FURG)
Dias: 15 e 16 de agosto - 14h - 17h

LA FONÉTICA Y LA FONOLOGIA DEL ESPAÑOL Y LA INSTRUCCIÓN EXPLÍCITA
Ministrante: Luciene Bassols Brisolara (FURG)
Dias: 15 e 16 de agosto - 14h - 17h

De 15 de agosto
a 19 de setembro

INSCRIÇÕES

gfgb@terra.com.br

LOCAL DOS CURSOS

CAMPUS PORTO

CLC

Cartaz da 2ª Escola de Inverno

117

3ª ESCOLA DE INVERNO

2019

24 e 25 julho - Tarde - 15 vagas
Aspectos acústicos da nasalidade
Izabel Seara - UFSC

24 e 26 julho - Manhã - 15 vagas
Introdução à estatística com R
Raquel Gomes Chaves - UFPel

27 e 28 agosto - Manhã - 20 vagas
Elaboração e aplicação de experimentos de percepção com o software Psychopy
Felipe Bilharva da Silva - IFSul - Pelotas

12 e 13 setembro - Manhã - 20 vagas
A ultrassonografia e o ensino de línguas
Giovana Ferreira Gonçalves, Misael Kruger Lemes & Laís Silva Garcia - UFPel

18 e 19 setembro - Manhã - 20 vagas
Fundamentos para a análise acústica
Mirian Rose Brum de Paula, Thalena Evangelista Santos & Patrícia Pereira Melcheque - UFPel

Vagas limitadas

Inscrições: escoladeinvernolelo@gmail.com

Cartaz da 3ª Escola de Inverno

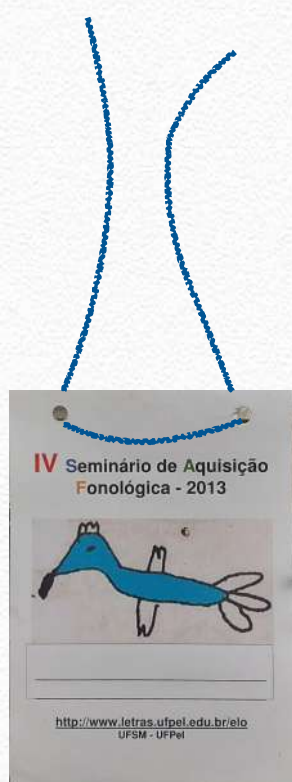
Dentre os eventos concebidos e organizados para promover a discussão e parcerias entre equipes de pesquisa, destaco, principalmente, algumas edições do *Seminário de Aquisição Fonológica* (SAF). O SAF iniciou na UFSM, em 2007, sem a minha participação. A proposta foi concebida e realizada por Giovana Ferreira-Gonçalves (Programa de Pós-Graduação em Letras) e Márcia Keske-Soares (Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana - PPGDCH). Tratava-se de um evento específico em aquisição da fonologia de língua materna e de língua estrangeira, com dados de aquisição típica e atípica. Iniciei a minha participação nesse evento a partir da segunda edição. Integrei a comissão organizadora e, junto com Giovana, realizamos uma entrevista com Regina Lamprecht (que havia sido homenageada na primeira edição). A entrevista foi publicada no livro *Estudos em Aquisição Fonológica*, volume 2. Assim, a partir dessa segunda edição do evento, organizei e participei, de modo intenso, com Giovana e Márcia, dos demais encontros do mesmo evento e em publicações a eles associadas.

Na segunda edição do SAF, em 2009, eu já estava na UFPel. O seminário ocorreu em Santa Maria e uniu o PPGDCH e a Faculdade de Letras da UFPel. O evento, que iniciou com a ambição de reunir pesquisadores gaúchos em torno de objetivos comuns (problematizar e analisar a realidade das pesquisas em aquisição da fonologia), repercutiu além da fronteira do sul: pesquisadores de diferentes instituições universitárias brasileiras animaram debates e reflexões. O livro *Estudos em Aquisição Fonológica* (cf. p.80), volume 2, foi lançado nessa segunda edição.

Em 2011, o recente Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel e o PPGDCH da UFSM promoveram a terceira edição do SAF. O evento ocorreu em Pelotas e colocou em relevo as diferentes tendências metodológicas nas pesquisas da área. Relacionar esses estudos à prática clínica e ao processo de ensino-aprendizagem de línguas foi um dos principais objetivos dessa edição. Esta versão do SAF envolveu 17 instituições universitárias do Brasil e do exterior. O terceiro volume do livro *Estudos em Aquisição Fonológica* (cf. p.81) foi nela lançado.

Enfim, em 2013, ocorreu a quarta e última edição do SAF. A iniciativa deu continuidade ao evento anterior, enfocando avanços das pesquisas da área por meio de metodologias experimentais. O evento voltou-se à utilização da ultrassonografia para análises do movimento da língua em tempo real, o que possibilita uma descrição mais fina do processo de aquisição fonológica, da aprendizagem de línguas e de terapias de fala. A proposta do evento visou ao desenvolvimento dessa temática e a promover o redimensionamento do espaço de interlocução, muitas vezes restrito aos limites da universidade. As estratégias na organização do evento previram o entrecruzamento entre a produção científica e a prática clínica e pedagógica. Os resultados alcançados foram positivos, pois houve contribuições concernentes ao aperfeiçoamento de professores e alunos de Graduação e Pós-Graduação das áreas envolvidas (Letras e Fonoaudiologia), por meio do contato com pesquisadores provindos de outras IES brasileiras e do exterior. O quarto volume do livro *Estudos em Aquisição Fonológica* (cf. p.82) foi lançado logo após o evento. O lançamento do livro *Dinâmica dos movimentos articulatorios: sons, gestos, imagens* (cf. p.83) ocorreu nessa versão do SAF.

119



Crachá e cartaz da 4ª edição do SAF

A Comissão organizadora do evento foi constituída por Giovana Ferreira-Gonçalves, Márcia Keske-Soares, Mirian Rose Brum-de-Paula, Helena Mota, Carolina Lisboa e Ana Ruth Miranda.

Enfim, destaco também, o evento denominado *Navegar é preciso*, que criei e organizei quando eu fazia parte do Colegiado do PPGL da UFPel, no período em que Giovana foi coordenadora do Programa (gestão 2015-2017). Eu seguia de perto a rotina do PPGL e um dos problemas detectados estava relacionado às poucas atividades, promovidas pelo curso, endereçadas aos estudantes da graduação e da pós-graduação. Os estudantes e os professores da pós-graduação apresentavam trabalhos em outras instituições, mas, na UFPel, esse tipo de atividade era muito restrito a grupos de pesquisa e o envolvimento do corpo docente e discente incluía as disciplinas ofertadas, uma ou duas aulas inaugurais anuais e algumas palestras de pesquisadores que participavam de defesas de dissertação. Assim, com iniciativas e verbas limitadas para esse tipo de evento, tentava encontrar, com Giovana, uma forma de imprimir uma outra dinâmica ao Programa, que pudesse também envolver os cursos da graduação.

Navegar surgiu em meio a deslocamentos que nos levaram ao nordeste do país para a apresentação de trabalhos. No final da tarde, depois do evento, saíamos para conhecer um pouco a cidade, comprávamos objetos típicos da região, apreciávamos a culinária local, fotografávamos prédios e paisagens e conversávamos com as pessoas do lugar. Comentando com Giovana o quanto todos esses movimentos também faziam parte do evento e sobre uma maneira de compartilhar os trabalhos apresentados, as interlocuções efetuadas e as impressões que tivemos da cidade e de seus habitantes, o evento começou a ser arquitetado.

Navegar é preciso foi, então, concebido para servir a diferentes propósitos. Deveria representar uma espécie de contraparte de estudantes e professores do PPG que recebiam apoio financeiro para a apresentação de trabalhos em eventos. O professor ou estudante que obtivesse esse apoio precisaria, então, propor uma edição do evento.

Embora o formato planejado não fosse rígido, a sua contribuição deveria ser organizada em duas partes: a primeira, consistiria em (i) falar sobre a viagem (reportando histórias ocorridas durante os translados e/ou a estada no local do evento), (ii) apresentar a instituição visitada e os colegas com os quais interagiu e (iii) mostrar imagens da viagem e tecer

comentários sobre os lugares que visitou. A segunda consistiria na apresentação do trabalho divulgado no evento em que participou, seguida de uma conversa informal com o público ouvinte.

As edições desse novo encontro foram exitosas, os colegas e os estudantes apreciaram a maneira como foi concebido. Enfim, o evento também podia ocorrer com apresentações daqueles que não recebiam auxílio, desde que manifestassem e agendassem essas participações.

Durante a gestão da coordenação da Giovana, *Navegar é preciso* teve várias edições. No entanto, terminada a sua coordenação, os novos responsáveis por ela não levaram a ideia adiante. Como disse na primeira parte desse Memorial, infelizmente, *santo de casa não faz (mesmo) milagres!*.

Além de criar o evento, também realizava a arte do cartaz, a divulgação e a organização de cada encontro.



Cartaz do evento, que era postado no site do PPGL

2.1.5. Participação em atividades editoriais, criação de jornal, periódicos e série

Quando assumi a direção do Laboratório de Línguas, ligado ao Departamento de Letras Estrangeiras da UFSM, criei o jornal interno *Estrangeiro* (cf. p.44). Depois disso, sempre que era possível, enquanto membro de comissões organizadoras, era responsável pela confecção dos anais ou caderno de resumos dos eventos propostos. Muitos desses materiais foram perdidos, mas lembro de ter organizado o Caderno de resumos da *XV Semana de Letras* e do *Seminário Nacional de Línguas e Literatura (UFSM)*, do *Colloque International Récit et temporalité en langue première et en langue étrangère* (Paris-Nanterre), de duas edições do *Seminário de Aquisição Fonológica* (UFSM e UFPel), do *IV Encontro do Grupo de Pesquisa Dinafon* (UFRGS) e, mais recentemente, do *1º Workshop Ultrassonografia e Estudos da Fala* e do *Curso Using AAA Research* (UFSC). Porém, o período em que pude participar mais ativamente da criação ou manutenção de publicações foi durante a minha coordenação e vice-coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM. Quando assumi essa coordenação, a revista do Programa estava atrasada, havia perdido a sua periodicidade. Esse fato levou-me a consagrar uma parte do meu tempo a colocá-la em dia, pois via, na revista *Letras*, uma maneira de o PPGL ganhar visibilidade.

122

Embora a UFSM tivesse uma gráfica, ela atuava junto à comunidade, confeccionando cartazes, folhetos, materiais diversos para eventos e, junto à universidade, imprimindo as provas do Vestibular e do Peies, principalmente. Quanto à Editora da UFSM, ela iniciava suas atividades: publicava pouco, demorava para lançar editais e ainda não possuía normas claras. Assim, quando um livro era publicado pela Editora, não sabíamos o como e o porquê de tal empreendimento. Claro, esse modo de operar mudou, mas levou-me a procurar e a encontrar soluções para promover e fomentar algumas produções científicas do PPGL.

Informe-me junto à Biblioteca Nacional sobre questões relativas à publicação de livros e periódicos e compreendi que era possível estabelecer uma ligação direta com essa instituição para a obtenção de ISSN (*International Standard Serial Number*) e ISBN (*International Standard Book Number*), desde que o solicitante fosse uma editora. Criei, então, o *PPGL Editores* e o Programa pode propor suas próprias normas de publicação, uma linha editorial e projetos gráficos específicos. Assim, além de coordenadora do Programa, tornei-me editora do *PPGL Editores*. Criei duas publicações: *Fragmentum* (periódico ligado ao *Laboratório Corpus*) e a série *Cogitare*. O *PPGL Editores* iniciou suas atividades com dois projetos: a revista *Letras* (que já existia) e a revista *Fragmentum*. Mais tarde, não mais na minha gestão do PPGL, criei a série *Cogitare*.

A ideia do *Fragmentum* ocorreu durante o PROCAD/CAPES, Edital de 2000, cujos participantes eram o PPGL da UFSM (grupo do Laboratório Corpus) e o Programa da UNICAMP (membros do IEL). Dentre as atividades realizadas entre os dois programas, havia missões. Tais incumbências compreendiam viagens em que professores do Laboratório Corpus passavam alguns dias em Campinas ou que os de Campinas iam para Santa Maria. Quando fui a Campinas, conheci o IEL, encontrei colegas da UNICAMP e tive acesso a publicações do LABEURB que, sem a internet, circulavam pouco. Uma delas era destinada a textos em desenvolvimento. Nesses textos, os autores reportavam pesquisas cujos objetivos ainda não tinham sido concluídos. Assim, quando voltei para a UFSM, criei um periódico um pouco semelhante para o Laboratório Corpus: *Fragmentum* visava a publicação de textos “potenciais”. O objetivo primeiro era o de promover a publicação do grupo, mas, aos poucos, a revista incluiu outros textos.

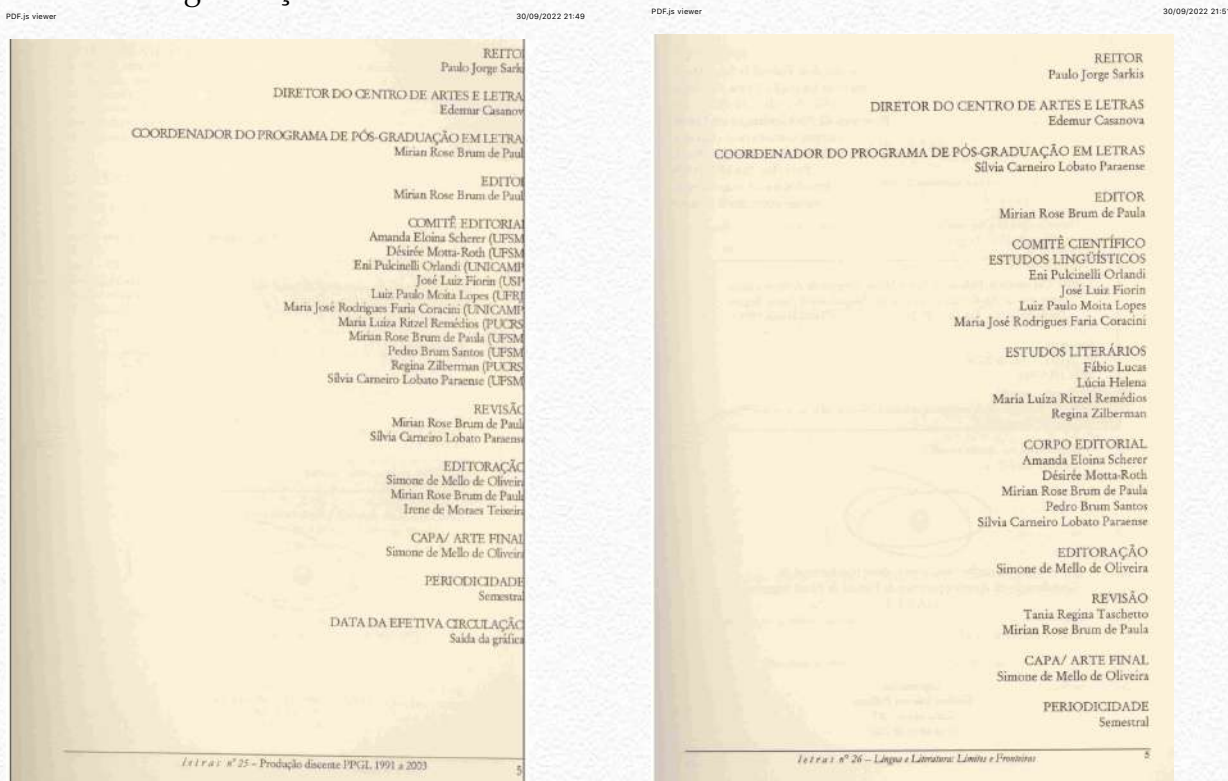
Redigindo este Memorial, visitei a página do PPGL da UFSM e do Laboratório Corpus para saber se o periódico ainda existia. Encontrei o número 58 do periódico, de 2021, consagrado aos seus 20 anos. Na sua apresentação, deparei-me com este trecho:

Se pudéssemos determinar um começo, nessa engrenagem de uma estrutura narrativa, poderia ser com a colega Mirian Rose Brum de Paula (hoje na UFPel) almejando dar vazão a muitos de nossos textos - engavetados - por razões diversas. O que ela reivindicava à época era que pudéssemos ter um suporte de divulgação daqueles rascunhos, quase sempre na forma manuscrita, em uma primeira versão apresentada nas mais variadas instâncias (participação em colóquios, comunicação em congressos, conferências). Aliás, o nome da coleção viria contemplar sua vontade, aquilo que estaria na ordem de fragmentos, de textos inconclusos, *fragmentum* de um saber por vir, muito inspirada à moda do que se fazia, naquele momento, no Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB), do Instituto da Linguagem, da UNICAMP, com a série *Escritos*. A *Fragmentum* foi projetada e criada por ela. Como até o presente momento, a política editorial de então ali permanece.

A série *Cogitare* foi destinada à publicação de palestras, conferências, ensaios, textos teóricos ou críticos de pesquisadores dos Cursos de Mestrado e Doutorado ou de participantes externos, envolvidos com atividades do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM.

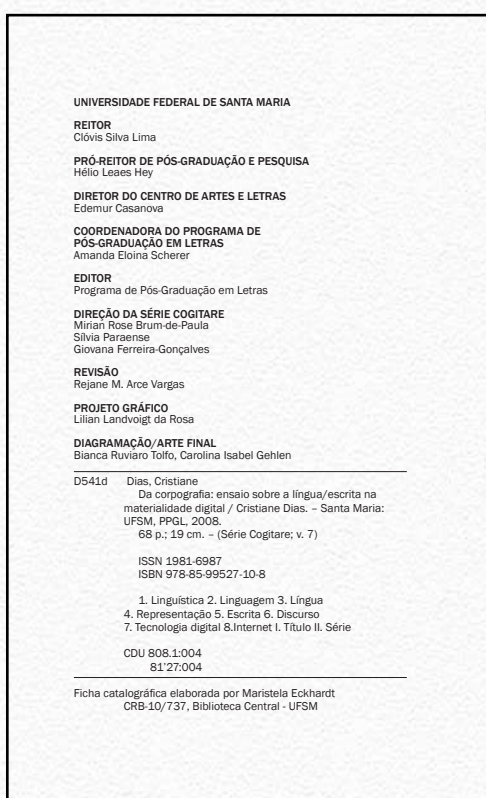
O fato das duas publicações criadas ainda existirem e manterem os objetivos projetados causa-me satisfação. Eu gostei muito desse período e da liberdade que tinha para colocar em prática esse tipo de projeto. Infelizmente, quando fui transferida para a UFPel, muitas pontes ruíram e parcerias foram canceladas, o que me levou a não mais fazer parte de ações que ajudei a construir. Assim, quando saí da UFSM, o meu nome não tardou a ser retirado dos comitês editoriais das revistas

Letras e Fragmentum e da direção da *Série Cogitare*. Abaixo, inseri páginas das publicações do PPGL Editores em que o meu nome figura em atividades diversas: como Editora, Diretora da *Série Cogitare*, revisora, participante do Corpo/Comitê Editorial e da diagramação.

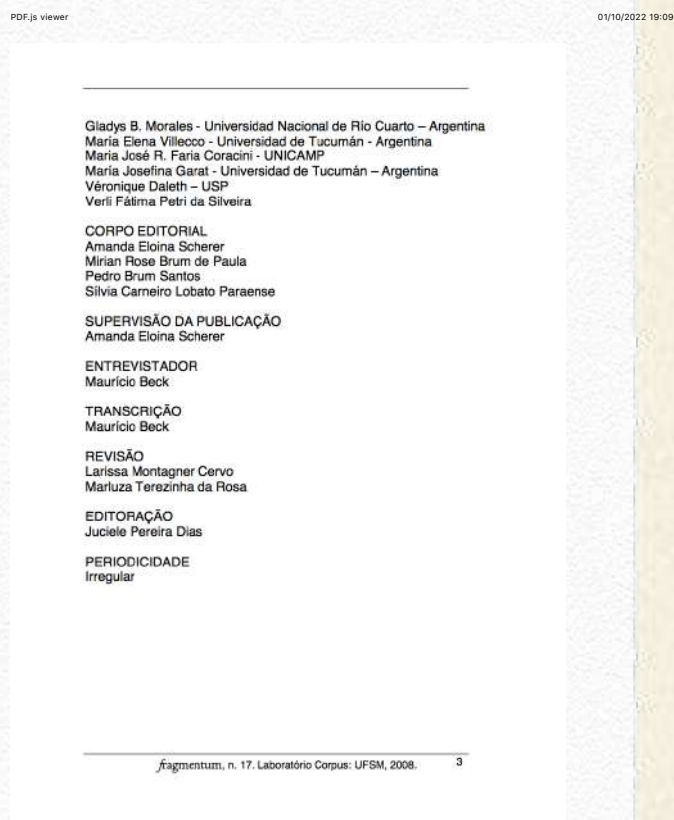


Expedientes dos números 25 e 26 da revista *Letras*, em que meu nome figura como Editora e participante do Corpo Editorial.

124



Expediente do número 7 da *Série Cogitare* em que meu nome figura como fazendo parte do grupo que a dirigia.



Segunda página do expediente da revista *Fragmentum*, nº 17. Nela, figurei no Corpo Editorial.

Link que dá acesso ao PPGL Editores: <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgletras/ppgl-editores/>

2.1.6. Coordenação de projetos de ensino, extensão e pesquisa

Relaciono, abaixo, projetos realizados - ou em curso - sob a minha coordenação.

Projetos de ensino

1. Elaboração de material didático: *Bleu Blanc Rouge*: premier pas I (2001)
2. Elaboração de material didático: *Bleu Blanc Rouge*: premier pas II (2002)

Projetos de extensão

1. Programa de apoio à cultura acadêmica na gestão de políticas de formação de recursos humanos na organização curricular e de pesquisa a partir de experiência administrativa - GAP/CAL/UFSM (1999-2007)
2. Criação do Laboratório Corpus: formação de pesquisadores em ciências da linguagem - GAP/CAL/UFSM (2000-2006)
3. Memória, identidade e desenvolvimento da inteligência - GAP/CAL/UFSM (2000-2006)
4. Seminário Corpus - GAP/CAL/UFSM (2002-2006)
5. Laboratório de estudos clássicos e linguísticos: criação de site - GAP/CAL/UFSM - (2002-2008)
6. Seminário de estudos clássicos e medievais - GAP/CAL/UFSM (2005)
7. Encontros sobre tratamento automático da linguagem - GAP/CAL/UFSM (2007)
8. Programa de formação permanente de jovens pesquisadores: Laboratório Corpus - GAP/CAL/UFSM (2008)
9. Criação, editoração e manutenção da revista online *Verba Volant* - UFPel (2010-2013)
10. Criação e manutenção de página web: grupo de pesquisa ELO - UFPel (2010-2015)
11. 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º Ciclos do Grupo de Pesquisa ELO (2011 a 2013)
12. 1ª, 2ª e 3ª Escolas de Inverno do LELO (2015, 2018 e 2019)
13. Encontro O papel da oralidade na aquisição da escrita: aprimoramento fonético/fonológico (2015)
14. Ciclos de Libras - UFPel (2019)

Projetos de pesquisa

1. Diferenças e semelhanças entre a aquisição de uma língua materna e de uma língua estrangeira: o caso da referência às entidades - GAP/CAL/UFSM (2000-2006)
2. Processos de gramaticalização em narrativas orais do português para o francês - GAP/CAL/UFSM (2002-2005)
3. Linguística e história literária no sul: estudos das ideias e organização da memória - GAP/CAL/UFSM (2002-2007)
4. Acervo em Ciências da Linguagem: coleta, transcrição e segmentação de textos orais - GAP/CAL/UFSM (2003-2007)
5. *Lecte de base*: aquisição de Francês Língua Estrangeira em meio guiado - GAP/CAL/UFSM (2003-2005)
6. O léxico do processo: aprimoramento e evolução em narrativas de ficção produzidas em língua estrangeira - GAP/CAL/UFSM (2005-2007)
7. Projeto Educação, Linguagem e Prática Acadêmica - Edital PROEDU (2005-2007)
8. Aquisição e oralidade: léxico verbal e expressão de conceitos cognitivos - GAP/CAL/UFSM (2008-2009)
9. Aquisição de línguas românicas: progressão e complexidade de aspectos estruturais e lexicais - GAP/CAL/UFSM (2008-2009)
10. Aquisição da linguagem: oralidade e escrita - GAP/CAL/UFSM (2008-2009)
11. Aquisição e oralidade: léxico do processo e construção da narrativa - UFPel (2009-2013)
12. Dinâmica dos movimentos articulatorios: padrões de vogais e consoantes líquidas do Português Brasileiro - Edital Pesquisador Gaúcho (2013-2017)
13. Caracterização acústica e articulatório das vogais tônicas e átonas da fala do extremo sul brasileiro: foco nos dialetos pelotense e rio-grandino - UFPel (2017-atual)

2.1.7. Premiações: projetos aprovados em editais de agências de fomento

Neste item, destaco algumas aprovações obtidas em editais de agências de fomento. Coloco-as em evidência, porque a captação de recursos para fins de pesquisa permitiu a realização de várias atividades já mencionadas neste Memorial e outras, não reportadas, mas que deram a elas suporte. As menciono, também, porque captar recursos para as Letras nem sempre é tarefa simples, pois a área - como outras tantas das Ciências Humanas - disputa, frequentemente, poucas verbas a elas endereçada. A área é vista como sendo pouco onerosa, uma atividade que se desempenha com *giz e quadro negro*. Assim, a seleção dos projetos encaminhados e os recursos captados nessas agências têm o gosto de uma *premiacão*. Possibilitaram a criação do *Laboratório Corpus* e do *Laboratório Emergência da Linguagem Oral*, a aquisição de equipamentos, a realização de muitas das viagens efetuadas para a participação em eventos ou em cursos, a organização de eventos e livros, a consolidação de equipes, as relações entre equipes e entre diferentes IES, por exemplo. Ou seja, permitiu uma certa independência de recursos, muitas vezes limitados, alocados nas unidades dos Centros em que trabalhei e trabalho atualmente.

127 Nem sempre coordenei essas propostas, muitas vezes fiz parte da equipe proponente dos projetos enviados para a CAPES, o CNPq ou a FAPERGS. Uma das grandes diferenças entre coordenar ou fazer parte de uma equipe, entre ser a ponta da lança ou a sua sustentação, está, principalmente, no caso desses editais, na responsabilidade relativa à prestação de contas final, do lançamento de dados do relatório que conclui o projeto. Tal tarefa é sempre desgastante e tensa, porque pode envolver, dentre outras coisas, muita verba, e o pesquisador não deseja pagar o seu trabalho do próprio bolso. Ela é tão angustiante que sempre que a executamos pensamos em não mais participar desses editais ou, pelo menos, em não ocupar o espaço da ponta da lança. No momento da prestação de contas, quem não parou para pensar nas razões que o levaram a se *meter nessa encrenca* se, antes de ter submetido o seu projeto, estava tranquilo executando as suas tarefas rotineiras? No entanto, todas essas cogitações desaparecem quando novos editais são publicados pelas agências de fomento. De certo, para quem trabalha em equipe e coordena um laboratório de pesquisa, eles são sempre bem-vindos, porque, justamente, podem promover uma certa independência da equipe proponente. Esquece-se, então, o tal relatório final, planejam-se novas investigações e novos projetos são encaminhados para que disputem recursos e auxiliem na concretização de ideias, no caso de serem selecionados.

Cito os projetos mais significativos, ou seja, os que captaram mais recursos e possibilitaram, por esse motivo, um número maior de ações e produções a eles associadas.

1. Projeto *História das Ideias Linguísticas e Literárias* - Edital PROCAD/ CAPES 2000

Este projeto envolveu o PPGL da UFSM e da UNICAMP. Dentre várias ações envolvendo as duas instituições e dois grupos de pesquisa, principalmente, o PROCAD permitiu a criação do *Laboratório Corpus*, cujo projeto já estava bem estruturado *no papel*. Foi possível, então, juntar argumentos para buscar uma área física no Centro para abrigá-lo. Pudemos, também, mobiliá-lo e montar um acervo bibliográfico específico, que auxiliasse a equipe no desenvolvimento de pesquisas afins com os objetivos do projeto encaminhado. Foram realizadas missões na UNICAMP e na UFSM pelos integrantes das equipes envolvidas, estudantes do PPGL obtiveram bolsas de pesquisa para efetuarem disciplinas ou realizarem seus doutorados na UNICAMP. A revista *Fragmentum* (cf. p.123) foi criada, o livro *Memória e Sentido* (cf. p.78), organizado por mim e por Eduardo Guimarães, foi publicado, textos sobre os assuntos desenvolvidos durante o PROCAD foram produzidos (cf. 2.1.2.1, item 8).

Situação: participante da equipe

Duração: 48 meses

2. Projeto *Educação, Linguagem e Prática Acadêmica* - Edital PROEDU 2005/ FAPERGS

Este projeto foi aprovado pela FAPERGS, agência de fomento do Rio Grande do Sul. Tal iniciativa possibilitou a publicação do livro *Ler em francês* (cf. p.79) e a realização de uma série de oficinas em escolas públicas de ensino fundamental, em que esse livro foi utilizado.

Situação: coordenadora

Duração: 24 meses

3. Projeto *Emergência dos gestos articulatórios como unidades representacionais* - Edital FAPERGS 2010 PQG

A verba captada nesse edital do *Programa Pesquisador Gaúcho* da FAPERGS foi empregada para montar o Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO), realizar uma formação na Queen Margaret University com o Prof. Alan Wrench sobre o emprego do ultrassom em pesquisas linguísticas, adquirir licenças do software AAA e outros materiais necessários para o seu funcionamento (ultrassom, gravador digital de alta definição, computadores, dentre outros). Foi também possível adquirir uma cabine acústica para a coleta de dados.

Situação: membro da equipe

Duração: 36 meses

4. Projeto *O papel da oralidade na aquisição da escrita: aprimoramento fonético/fonológico* - Edital CAPES/FAPERGS 2013 - PICMEL

Este projeto foi realizado com dados orais e escritos de crianças do 2º, 5º e 8º anos do Instituto de Educação Assis Brasil, escola da rede pública estadual de ensino. O projeto contou com a participação de duas equipes, uma da UFPel (composta por Giovana, eu e orientandos de mestrado) e outra da escola (composta também por duas professoras e alunos). A equipe da escola recebeu

bolsas para que fizessem parte do projeto. Para tanto, participavam de reuniões na escola e na UFPel, montaram um instrumento de coleta, coletaram dados de fala e de escrita, participaram de uma formação ministrada pela equipe da UFPel. O envolvimento com o PICMEL foi importante, porque, além das bolsas concedidas aos professores e bolsas de iniciação científica júnior aos alunos da rede pública, também previu a aquisição de livros e equipamentos para a escola. Assim, ao final do projeto, todos tinham tido uma experiência de pesquisa e o material adquirido e empregado durante a vigência do projeto foi doado para o Instituto Assis Brasil (alguns computadores, livros sobre a temática do projeto, datashow). Uma impressora e um gravador foram alocados no LELO.

Situação: membro da equipe

Duração: 24 meses

5. *Dinâmica dos movimentos articulatórios: padrões de vogais e consoantes líquidas do Português Brasileiro* - Edital 2013 - PQG

Este projeto incluía a coleta de dados acústicos e articulatórios para alimentar o Banco VORAIS (vogais orais) e o Banco US (dados advindos do ultrassom) do LELO. Para o Laboratório, foram adquiridos (i) mais um ultrassom - com o objetivo de montar uma bancada destinada a pesquisas experimentais, com foco no aprimoramento fonético de estudantes de línguas, e (ii) mais uma licença do AAA - software utilizado na análise de dados de fala coletados com a tecnologia do ultrassom.

Situação: coordenadora

Duração: 24 meses

6. *Imagens em tempo real e ensino de línguas* - Edital FAPERGS 02/2014 PQG

Este projeto foi concebido para a investigação da aplicabilidade da técnica do ultrassom, enquanto instrução explícita, no ensino de inglês e espanhol. Assim, além das coletas de dados, coletaram-se também dados articulatórios dos informantes. Os dados coletados incluíam três testes: pré-teste, pós-teste e pós-teste de retenção. Depois, os dados eram submetidos a análises acústicas para que fosse possível a identificação de gradientes fônicos nos erros de fala. Quanto às imagens de ultrassom, elas eram visualizadas para que pudéssemos entender o modo como os movimentos da língua ocorriam durante as produções. Tal análise servia para confirmar ou não alguns indicativos apontados nas análises acústicas. Enfim, as coletas e análises ocorreram no LELO, onde foi possível empregar a estrutura existente no laboratório e comprovou o aprimoramento fonético-fonológico dos segmentos investigados. Com os recursos angariados, adquirimos mais um ultrassom, gravador digital, fones de ouvido e livros para o acervo do LELO.

Situação: membro da equipe

Duração: 24 meses

A seguir, a terceira parte deste texto.

Parte III

SAÍDA

Las Acácias/ Pelotas 2002



Pátio de casa na primavera

*3.1. Nuestro hermoso deber es
imaginar que hay un laberinto y
un hilo¹¹*

Há informações não lançadas neste Memorial. Ele é parcial, incompleto, alinhavado com fragmentos disponíveis, encontrados em papéis, arquivos e em vivas e vagas memórias. Costurando-o, foi possível reviver encontros, despedidas, reencontros, pude viajar no tempo e no espaço, ressuscitar companheiros, lugares, sabores, entender escolhas. Muitas sensações e acontecimentos emergiram das entrelinhas, das juntas do que foi tecido.

Algumas ações foram deixadas de lado de modo proposital por razões várias: porque nem sempre foram lançadas na Plataforma Lattes, porque são rotineiras, porque não são pertinentes para agências de fomento - por não as utilizarem para fins de avaliação de PPGs ou de projetos submetidos para editais - ou porque, listadas no memorial, poderiam romper as costuras dos retalhos narrativos. Tais ações concernem participações em comitês, em comissões, em eventos (como ouvinte, palestrante ou comunicadora), em mesas redondas, colegiados, em defesas de trabalhos acadêmicos. Elas expõem múltiplas funções assumidas no serviço público, que muitas vezes vão além do ensino, da pesquisa e da extensão.

Do conjunto de atividades supracitado, as ações selecionadas figuram nas primeira e segunda partes deste texto. Outras tantas podem ser encontradas na Plataforma Lattes, embora nem lá tudo esteja, porque algumas não foram documentadas. De fato, nem toda organização de evento, de publicação ou outras tarefas possuem documentos comprobatórios. Mas muitas lá estão e podem ser acessadas, caso o leitor deseje, por meio do *link* <http://lattes.cnpq.br/8713626789041848>

Sendo assim, a parte narrativa deste Memorial finda, abrindo-se para as listas dos dados nus..., mas, antes do *click* que indica a passagem em direção ao Lattes, algumas notas e outros *links* podem ser encontrados nas próximas páginas. Confira!

NOTAS

1. *Laberinto* (Jorge Luis Borges)

Não haverá nunca uma porta. Estás adentro
Y el alcázar abarca el universo
Y no tiene ni anverso ni reverso
Ni externo muro ni secreto centro.
No esperes que el rigor de tu camino
Que tercamente se bifurca en otro,
Que tercamente se bifurca en otro,
Tendrá fin. Es de hierro tu destino
Como tu juez. No aguarden la embestida
Del toro que es un hombre y cuya extraña
Forma plural da horror a la maraña
De interminable piedra entretejida.
No existe. Nada esperes. Ni siquiera.
En el negro crepúsculo la fiera.

2. *L'existentialisme est un humanisme* (Jean-Paul Sartre)

Qu'est-ce que signifie ici que **a existência precede a essência**? Cela signifie que l'homme existe d'abord, se rencontre, surgit dans le monde, et qu'il se définit après. L'homme, tel que le conçoit l'existentialiste, s'il n'est pas définissable, c'est qu'il n'est d'abord rien. Il ne sera qu'ensuite, et il sera tel qu'il se sera fait. Ainsi, il n'y a pas de nature humaine, puisqu'il n'y a pas de Dieu pour la concevoir. L'homme est non seulement tel qu'il se conçoit, mais tel qu'il se veut, et comme il se conçoit après l'existence, comme il se veut après cet élan vers l'existence, l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait. Tel est le premier principe de l'existentialisme. C'est aussi ce qu'on appelle la subjectivité, et que l'on nous reproche sous ce nom même. Mais que voulons-nous dire par là, sinon que l'homme a une plus grande dignité que la pierre ou que la table? Car nous voulons dire que l'homme existe d'abord, c'est-à-dire que l'homme est d'abord ce qui se jette vers un avenir, et ce qui est conscient de se projeter dans l'avenir. L'homme est d'abord un projet qui se vit subjectivement, au lieu d'être une mousse, une pourriture ou un chou-fleur; rien n'existe préalablement à ce projet; rien n'est au ciel intelligible, et l'homme sera d'abord ce qu'il aura projeté d'être. Non pas ce qu'il voudra être. Car ce que nous entendons ordinairement par vouloir, c'est une décision consciente, et qui est pour la plupart d'entre nous postérieure à ce qu'il s'est fait lui-même. Je peux vouloir adhérer à un parti, écrire un livre, me marier, tout cela n'est qu'une manifestation d'un choix plus originel, plus spontané

que ce qu'on appelle volonté. Mais si vraiment **a existência precede a essência**, l'homme est responsable de ce qu'il est. Ainsi, la première démarche de l'existentialisme est de mettre tout homme en possession de ce qu'il est et de faire reposer sur lui la responsabilité totale de son existence. Et, quand nous disons que l'homme est responsable de lui-même, nous ne voulons pas dire que l'homme est responsable de sa stricte individualité, mais qu'il est responsable de tous les hommes.

2. *Provérbio bretão*

3. *Provérbio bretão*

4. *Les prénoms de Paris* (Jacques Brel)

“(...) Loin des yeux loin du cœur
Chassé du paradis
Et c’est Paris chagrin
Mais une lettre de toi
Une lettre qui dit oui
Et c’est Paris demain
Des villes et des villages
Les roues tremblent de chance
C’est Paris en chemin
Et toi qui m’attends là
Et tout qui recommence
E é Paris estou voltando”

Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=7oQD3wH1sP4>

5. *Provérbio bretão*

6. *There are more things* (Jorge Luis Borges)

Para ver uma coisa, é preciso compreendê-la. El sillón presupone el cuerpo humano, sus articulaciones y partes; las tijeras, el acto de cortar. ¿Qué decir de una lámpara o de un vehículo? El salvaje no puede percibir la biblia del misionero; el pasajero no ve el mismo cordaje que los hombres de a bordo. Si viéramos realmente el universo, tal vez lo entenderíamos.

7. *Le temps retrouvé* (Marcel Proust)

"**Uma hora não é somente uma hora**, c'est un vase rempli de parfums, de sons, de projets et de climats. Ce que nous appelons la réalité est un certain rapport entre ces sensations et ces souvenirs qui nous entourent simultanément..."

8. **A verdadeira arte de viajar** (Mário Quintana)

A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali...
Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando!

9. *Cours de linguistique générale* - (Ferdinand de Saussure)

(...) **o tempo altera todas as coisas**; il n'y a pas de raison pour que la langue échappe à cette loi universelle (Saussure)

10. **El hilo de la fábula** (Jorge Luis Borges)

El hilo que la mano de Ariadne dejó en la mano de Teseo (en la otra estaba la espada) para que éste se ahondara en el laberinto y descubriera el centro, el hombre con cabeza de toro o, como quiere Dante, el toro con cabeza de hombre, y le diera muerte y pudiera, ya ejecutada la proeza, destejer las redes de piedra y volver a ella, a su amor.

Las cosas ocurrieron así. Teseo no podía saber que del otro lado del laberinto estaba el otro laberinto, el de tiempo, y que en algún lugar prefijado estaba Medea.

El hilo se ha perdido; el laberinto se ha perdido también. Ahora ni siquiera sabemos si nos rodea un laberinto, un secreto cosmos, o un caos azaroso.

O nosso mais belo dever é imaginar que há um labirinto e um fio. Nunca daremos con el hilo; acaso lo encontramos y lo perdemos en un acto de fe, en una cadencia, en el sueño, en las palabras que se llaman filosofía o en la mera y sencilla felicidad.

LINKS

1. Serge Gainsbourg e Jane Birkin - https://www.youtube.com/watch?v=GlpDf6XX_j0
2. Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Olintho de Oliveira - <http://olinhodeoliveira.blogspot.com>
3. Escola Estadual Euclides da Cunha - <https://m.facebook.com/profile.php?id=468962349815848>
4. Escola Estadual Manoel Ribas - <https://m.facebook.com/profile.php?id=401640576689541>
2. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - <https://www.ufsm.br>
3. Centre International d'Etudes Pédagogiques (CIEP)- <http://sevres-92310.fr/pages/ENS.html>
4. Université de Franche-Comté - <https://www.univ-fcomte.fr>
5. Centre de Linguistique Appliquée de Besançon (CLAB) - <http://cla.univ-fcomte.fr>
6. Radio Bip - <https://radiobip.fr/site/>
7. Bibliothèque de l'INHA - <https://www.inha.fr/fr/bibliotheque.html>
8. Université Paris-Nanterre (Paris X) - <https://www.parisnanterre.fr>
9. Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - <https://portal.ufpel.edu.br>

